

SOMNIUM é uma publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica



# SOMNIUM

Nº 110 - Novembro de 2014

AMANDA REZNOR

FRED OLIVEIRA

JOÃO SOLIMEO

JORGE LUIZ CALIFE

MARCELO BIGHETTI

OCTÁVIO ARAGÃO

RENATO A. AZEVEDO

ROBERTA SPINDLER



HOMENAGEM

**ISAAC ASIMOV**



# SOMNIIUM

## EDITORIAL

Não há como pensar em ficção científica sem lembrar primordialmente de Isaac Asimov. Carinhosamente chamado pelos fãs de “O Bom Doutor”, ele é uma das referências máximas deste gênero literário, e não apenas entre os leitores, mas também para outros autores de reconhecido talento, que há décadas têm se inspirado em suas ideias originais.

Com uma extensa bibliografia, que inclui contos, novelas e romances, além de vários artigos científicos e trabalhos como organizador de antologias, Asimov traz em seu currículo a prova irrefutável de que a união de qualidade e quantidade é possível. Seus festejados trabalhos, seja como autor de ficções literárias, ou então no valioso ofício de divulgador do conhecimento (o que fez em várias áreas do saber), sobrevivem incólumes à passagem do tempo. Mais do que isso: o Bom Doutor não cessa de conquistar novos admiradores. Aliás, muitos jovens leitores são apresentados à ficção científica por intermédio de suas obras.

É, portanto, com imenso orgulho que o fanzine Somnium presta esta homenagem a Isaac Asimov. É claro que não se pretende aqui tecer comentários sobre toda sua produção (trabalho que, ademais, se revelaria sempre incompleto, por mais que nos esforçássemos). Trata-se apenas de uma maneira de expressar nossa gratidão pelo majestoso legado que Asimov nos deixou e, quem sabe, instigar a curiosidade dos leitores acerca de algumas obras do Bom Doutor que talvez ainda não conheçam.

Apesar do escopo singelo desta edição, creio que conseguiremos mostrar com eficiência o caráter multifacetário do talento de Asimov. O leitor terá acesso a comentários e/ou resenhas de publicações famosas, e, em contrapartida, a apontamentos sobre obras de ficção menos conhecidas (como *Azazel*, trabalho que nos remete à veia humorística do Bom Doutor), além de considerações acerca de alguns trabalhos de *não ficção*.

A arte de capa – intitulada *Edith & Timmie* – é uma criação de Marcelo Bighetti e foi inspirada no conto *O Garotinho Feio*, publicado originariamente em 1958 sob o título *Lastborn* (no ano seguinte, recebeu a tradicional denominação “The Ugly Little Boy”) e lançado no Brasil por intermédio da coletânea *Sonhos de Robô*. Aliás, na opinião de muitos, um dos textos mais arrebatadores de Asimov, provavelmente por ter o mérito de conseguir, de forma simultânea e com igual eficiência, instigar as mentes científicas e encantar pela carga emocional.

Os textos (e respectivos autores) que apresentaremos para homenageá-lo são os seguintes:

- **Isaac Asimov: entre robôs, impérios galácticos e outros mundos** (*Marcello Simão Branco*);
- **827 Era Galáctica** (*Daniel Borba*)
- **Volta de um clássico ao Brasil – Trilogia Fundação** (*Marcello Simão Branco*);

- **Isaac Asimov e os Legados quase Caóticos de sua Obra- Trilogia Pós-Foundation** (Ricardo França);
- **Caça aos Robôs** (Marcelo Bighetti);
- **Os Próprios Deuses** (Ricardo Guilherme dos Santos);
- **O Fim da Eternidade** (Dario Andrade);
- **Azazel** (Daniel Borba);
- **Isaac Asimov: obra ensaística** (Edgar Indalcio Smaniotto)

Por outro lado, o Somnium não pode ficar sem os tradicionais contos. Eles antecederão a homenagem a Isaac Asimov. Segue uma breve apresentação deles:

*Do Mar* (Fred Oliveira): O professor Júlio é um dos sobreviventes ao Dia. Ele está em busca de equilíbrio em meio ao caos de sua mente e de todo o ambiente ao seu redor. O cenário pós-apocalíptico expõe graves flagelos sociais e indica que há outros à espreita, dentre eles algo que pode não ser deste mundo. Tudo que resta a Júlio é a luta pela sua sobrevivência (e a de quem mais conseguir proteger), enquanto ainda lhe remanescerem forças. Em meio aos suplícios, fica a questão: quem será o verdadeiro inimigo?

*Insone* (Octávio Aragão): A pausa para o café traz à tona lembranças de momentos que marcaram a existência do Insone. Vivenciando a tensão que antecede o clímax do projeto que chefia, ele se questiona. Que tipo de pessoa teria se tornado? A criança, o jovem e o adulto, um único ser, agora num momento de contrariedade e reflexão. De tormenta. O que o estaria deixando tão apreensivo? Talvez, a preocupação com algo que parecia inquietar muito também a mente do autor homenageado nesta edição.

*A Máquina dos Sonhos* (João Solimeo): O drama do escritor atormentado pela ausência de novas inspirações. Embora desperte rotineiramente com a lembrança de ter sonhado com uma ideia genial, ela sempre lhe escapa da mente antes que consiga transcrevê-la. Quando o dilema parecia não ter solução, eis que surge a notícia da fantástica máquina criada pelo Dr. Alptraum, que seria capaz de gravar sonhos. Poderia ser apenas uma engenhoca de um cientista maluco. Ou, quem sabe, uma verdadeira maravilha tecnológica.

*Estranhas no Paraíso* (Jorge Luiz Calife): Uma lágrima de fogo caiu do céu, abrindo uma clareira na floresta de Kellyni, sul de Elo. Liana, a mais sábia das themis (fadas, para os forasteiros), decide investigar o estranho acontecimento. Na região da queda, ela se depara com uma bela mulher chamada Angela, acompanhada por uma graciosa garota que estava à procura de dragões azuis. Para surpresa de Liana, ambas vinham de outro universo. Elas estavam prestes a viver uma grande aventura. Uma visita de Calife ao universo Hegemonia, criado por Clinton Davisson.

*A Lista: A Última Supernova* (Renato A. Azevedo): O universo agonizava. A vida na Terra era sustentada pela insuficiente energia de um buraco negro, o que condenava os humanos a uma hibernação. Ysaac Vergne era uma das poucas pessoas liberadas desta obrigação. Ele teve acesso a uma antiga teoria científica, a partir da qual vislumbrou a possibilidade de comunicação entre habitantes de realidades paralelas e, possivelmente, de se efetuar troca de matéria entre elas. “A Lista”, um fórum transdimensional, passou a representar uma grande esperança para a humanidade. Talvez a última.

*Dio, come ti ho amato!* (Amanda Reznor): Ada, uma modelo italiana, casou-se com um rico polonês. Juntos, passaram a habitar uma grande e luxuosa casa na região rural da Polônia. O cenário parecia ideal para o início de um período de grande felicidade. Parecia. Ada logo começa a experimentar um grande incômodo, a vivenciar, entre o sono e a vigília, estranhos e terríveis acontecimentos. Apenas alucinações? Da felicidade à desconfiança, da luxúria ao medo. Preparem-se: uma aura de terror tenta vir à tona. Ela poderá invadir o nosso Somnium. E não apenas ele.

*10 Opções* (Marcelo Bighetti): O dilema de uma máquina diante do processo de aquisição de autoconsciência. Uma nova realidade, muito mais complexa daquela a que seus processadores se habituaram a conhecer, começa a ser detectada. O despertar da curiosidade e a fascinação diante da possibilidade de tomar decisões, mesclados à apreensão frente ao desconhecido. Ter consciência da própria existência e da realidade resulta na faculdade de fazer suas próprias escolhas. Um poder-dever, que deve implicar na compreensão de que cada opção gerará consequ-

ências.

*Nas Sombras da Loucura* (Roberta Spindler): Para desconfiança do Dr. Augusto Pereira, o misterioso Wesley Levy recebe a visita de alguém que se apresentou como médico da família. Um homem de aparência desleixada e suspeita, que decidira aparecer no sanatório em plena madrugada. Obedecendo a uma – igualmente suspeita – determinação superior, Augusto permite a entrada do sujeito no estabelecimento, mas decide alertá-lo acerca das esquisitices de Wesley e sugere um adiamento da visita. Entretanto, talvez o encontro do médico com o paciente seja inadiável.

Após a homenagem a Asimov, teremos a parte 3 desta edição, composta por uma resenha de um clássico de Vernor Vinge não lançado no Brasil (texto de Fred Oliveira), além da estreia no Somnium da coluna *Observatório da literatura especulativa brasileira*, bem como da análise dos episódios 848, 849 e 850 de *Perry Rhodan* (textos de Edgar Indalecio Smaniotto).

Posso estar enganado, mas tenho vislumbrado um aumento não apenas na produção, mas também na divulgação da literatura fantástica em língua portuguesa. Na edição 108, fiz uma rápida citação no Editorial à revista *Bang!*<sup>1</sup> (também mencionada no artigo assinado por João Vagos). Desta vez, gostaria de registrar também a *Trasgo*<sup>2</sup>, publicação digital que recentemente disponibilizou sua edição nº 04 e que tem apresentado contos e entrevistas com autores brasileiros.

É muito bom ver a literatura fantástica sendo difundida por novos veículos, embora me pareça existir ainda um longo caminho a percorrer até que

nossos autores recebam o importante incentivo de se sentirem lidos por um público maior, transpondo as fronteiras do fandom. A produção de ficção científica no Brasil, em especial, carece de maior visibilidade. Que surjam, então, outros meios de divulgação e que eles possam propiciar uma aproximação cada vez maior entre autores e leitores do universo fantástico.

Bem, é isso. Contos nacionais, resenhas e apontamentos diversos, além de textos em homenagem ao Bom Doutor os aguardam. Creio que vocês estarão em agradável companhia.

Sendo assim...

Faça-se a luz!

*Ricardo Guilherme dos Santos*

Editor



<sup>1</sup> Website: <http://revistabang.com/>

<sup>2</sup> Website: <http://www.trasgo.com.br/>

Somnium – Edição 110, novembro de 2014

Editor responsável: Ricardo Guilherme dos Santos

Ilustração da Capa: *Edith & Timmie* de Marcelo Bighetti

Layout da Capa e Diagramação: Marcelo Bighetti

Colaboradores:

- Fred Oliveira
- Octavio Aragão
- João Solimeo
- Jorge Luiz Calife
- Renato A. Azevedo
- Amanda Reznor
- Marcelo Bighetti
- Roberta Spindler
- Marcello Simão Branco
- Daniel Borba
- Ricardo França
- Marcelo Bighetti
- Dario Andrade
- Edgar Indalecio Smaniotto

CLFC - gestão 2013-2015

Presidente: Clinton Davisson Fialho - sócio nº 546 (Rio de Janeiro - RJ)

Secretário-Executivo: Daniel Fusco Borba - sócio nº 547 (São Paulo - SP)

Tesoureira: Amanda Reznor – Sócia nº 591 (São Paulo - SP)

Webmaster: Hugo Vera - sócio nº 465 (São Bernardo do Campo - SP)

Contatos: [contato@clfc.com.br](mailto:contato@clfc.com.br)

[www.clfc.com.br/somnium](http://www.clfc.com.br/somnium)

# ÍNDICE

## CONTOS

- 8 Do Mar (Fred Oliveira);
- 23 Insone (Octávio Aragão);
- 25 A Máquina dos Sonhos (João Solimeo);
- 27 Estranhas no Paraíso (Jorge Luiz Calife);
- 35 A Lista: A Última Supernova (Renato A. Azevedo);
- 45 Dio, come ti ho amato! (Amanda Reznor);
- 53 10 Opções (Marcelo Bighetti);
- 56 Nas Sombras da Loucura (Roberta Spindler)

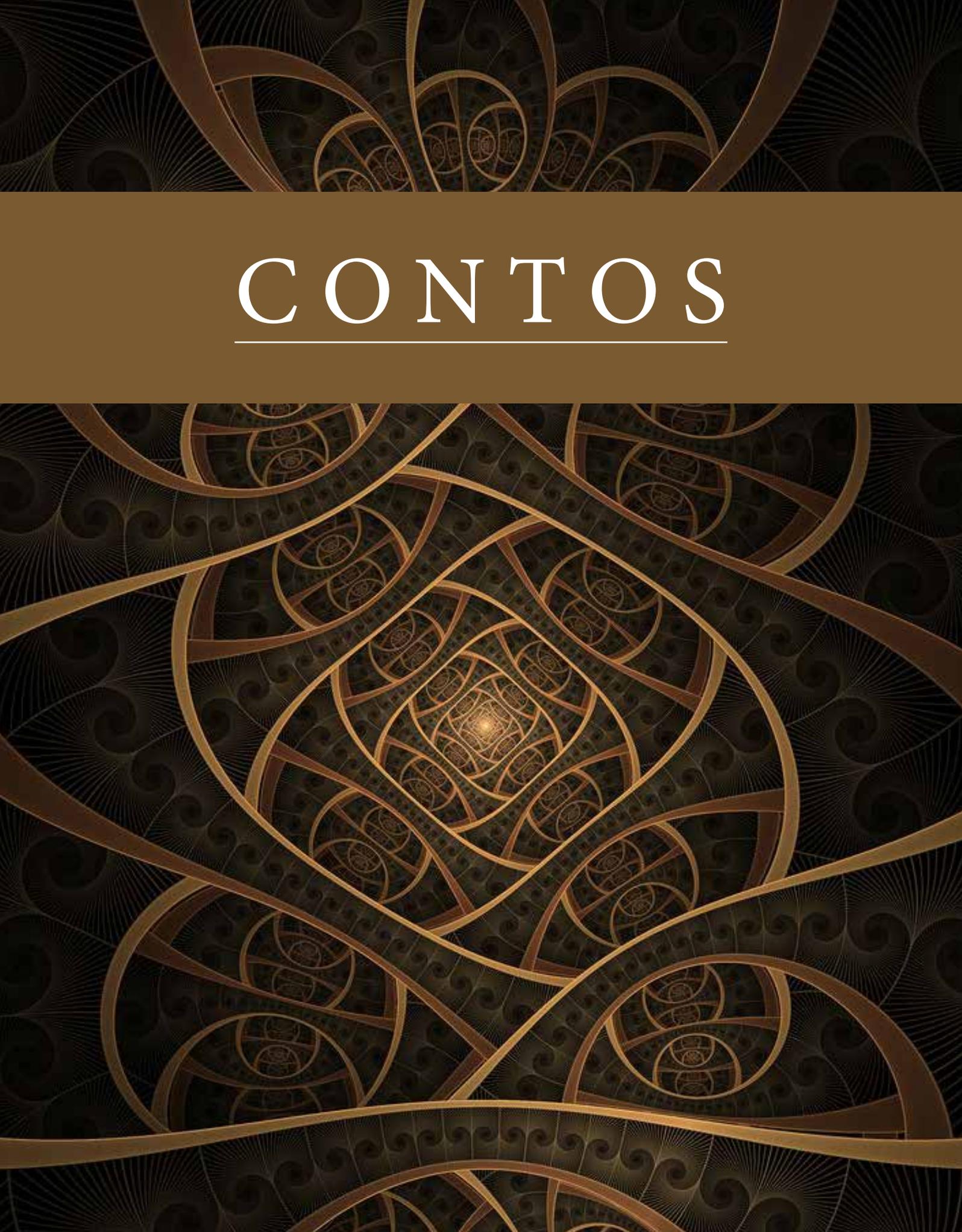
## HOMENAGEM - ISAAC ASIMOV

- 61 Isaac Asimov: entre robôs, impérios galácticos e outros mundos (Marcello Simão Branco);
- 65 827 Era Galáctica (Daniel Borba)
- 67 Volta de um clássico ao Brasil – Trilogia Fundação (Marcello Simão Branco);
- 70 Isaac Asimov e os legados quase caóticos de sua Obra- Trilogia Pós-Foundation (Ricardo França);
- 73 Caça aos Robôs (Marcelo Bighetti);
- 75 Os Próprios Deuses (Ricardo Guilherme dos Santos);
- 78 O Fim da Eternidade (Dario Andrade);
- 81 Azazel (Daniel Borba);
- 83 Isaac Asimov: obra ensaística (Egdar Indalecio Smaniotto).

## TEXTOS SOBRE OBRAS DE OUTROS AUTORES - RESENHAS

- 88 A Fire Upon the Deep, de Vernor Vinge (por Fred Oliveira);
- 90 Observatório da literatura especulativa brasileira (Edgar Indalecio Smaniotto);
- 94 Perry Rhodan (Edgar Indalecio Smaniotto).

## 97 FOTOS DO “BOM DOUTOR”



# CONTOS

# Do Mar

*Como cair do céu é tão simples  
Queda que a tudo e a todos transforma  
Ah! As bombas, a chuva, os anjos e os loucos  
O mundo todo na velocidade terrível da queda  
O mundo todo na velocidade terrível da queda  
Resvalando em abismos um pôr-do-sol furioso  
Que a sensação de perda ao ver exagera  
É o desespero vermelho de um apocalipse luminoso*  
(A Queda – Lobão)

um conto de

**Fred  
Oliveira**

**J**úlio abriu os olhos, tornando a fechá-los imediatamente ante o clarão escarlate que queimava a sua alma mesmo através das pálpebras cerradas. Era o Dia novamente, a luz, os gritos, o fogo gélido que dizimava tudo o que tocava. Era a morte, atrasada, equivocada, finalmente dignando-se a lhe dar, em um instante congelado no fim de tudo, um pouco da sua atenção, da sua misericórdia vacilante. Mas havia algo errado. Diferente, a bem da verdade. Era a cor. Deveria ser um rosa violáceo, fagulhas azuis dançando selvagemmente em seu interior. E o som. Não era aquele. Estava certo que não. Júlio se lembrava do ruído que acompanhou o aniquilamento. Jamais o esqueceria. Como vozes mortas, lamentando ou louvando o horror que se multiplicava a cada ataque. O som que escutava agora era raivoso. Intermitente. Insistente e arrogante também. Uma voz de homem. Júlio abriu os olhos mais uma vez, lentamente, incerto do que veria. Temeroso. Uma voz feminina, mais baixa, se contrapunha à masculina. Por um instante louco, Júlio soube que Lúcia estava de volta, que discutia, como era de seu feitio, que brigava com alguém, lutava por sua vida, que precisava de sua ajuda desesperadamente e, quem sabe, dessa vez, houvesse tempo. Virou o rosto. O resto de luz que escapava do horizonte de prédios destroçados tingia o céu de um vermelho profundo, rubro como sangue recém-derramado. Havia adormecido, exausto, encarando uma rachadura

larga o suficiente para permitir a entrada de uma luminosidade mortiça, agonizante, mas ainda capaz de cegar, ao menos por alguns segundos. Júlio esfregou os olhos doloridos e marejados e voltou a sua atenção para a discussão que acontecia a poucos metros de si.

– É meu por direito! Me arrisquei, fui lá fora, no meio dos escombros, do lixo, do fogo, de tudo! Eu trouxe, é meu!

– Eu sei que é seu, eu já me desculpei, meu filho tava com fome, ele viu e pensou...

– Pensou que podia levar o que é dos outros, né? Ladrãozinho safado! É isso mesmo! Marginal, marginal, marginal sem-vergonha é o que ele é!

– Moço, pelo amor de Deus, foi sem querer, ele devolveu, eu mandei ele devolver, não precisa...

– Não precisa o caralho! Sabe o destino que bandido merece? Sabe?!

– Eu não sei. Qual é?

Júlio interrompeu a discussão, fazendo um esforço controlado para manter sua voz calma e baixa. O homem virou-se, assustado, os olhos esbugalhados, fios finos de cabelo castanho claro caindo sobre a testa brilhante de suor. Era branco. A pele, queimada impiedosamente pelo sol recifense, era de um tom rosa cômico, turístico quase. Arquejava profundamente, um som rascante que entrava pelo nariz estreito, passeava com dificuldade pelos pulmões enegrecidos e fugia rapidamente do que havia encontrado lá dentro pela boca entreaberta, respingos de saliva em sua moldura. O olhar de Júlio moveu-se lentamente da papada decorada de pelos claros, passando pelo peito arfante e largo, detendo-se, por alguns momentos, no seu punho direito, lívido e cerrado. Preparado. Voltou-se para sua antagonista. Não era Lúcia, é claro, mas uma menina, magra, cabelos longos e ondulados, pele morena clara e olhos castanhos. O rosto ossudo estava banhado de lágrimas. A mão esquerda erguia-se, hesitante, na direção do homem branco, enquanto que a direita escondia, atrás de sua saia longa, um menininho, igualmente magro, que chorava desesperadamente, da maneira que só as crianças pequenas sabem fazer, agarrado aos panos sujos. Júlio voltou a encarar

o homem. Com o canto do olho, percebia as pessoas ao redor, todas famintas, exaustas e amedrontadas. Ninguém fazia nada. Apenas observavam, com uma ansiedade desapegada.

– Ele... Esse moleque safado, ele pegou, ele ROUBOU, foi, ele meteu a mão, ia comer tudo, me deixar sem nada, nada, NADA!

O homem segurava furiosamente uma lata, talvez de sardinhas ou atum, em sua mão esquerda. Era a mesma mão que apontava para a garota acuada e a criança chorosa, que já haviam retrocedido quase até uma das paredes do galpão. Júlio cruzou os braços e inspirou profundamente. Estava cansado.

– O menino não sabia que não podia pegar. Mas já devolveu. Tudo certo. Pra que esse apanhão?

– Tudo certo?! Esse pivete, esse sem-vergonha, isso é roubo, roubo, ROUBO! Quem rouba uma vez, rouba duas vezes, rouba três, quatro, vai querer roubar tudo o que eu tenho, que já é quase nada, porque essa rapariga dessa mãe dele mandou e...

– Ninguém mandou nada, ninguém roubou você. E ninguém quer ouvir os seus gritos. Baixe seu tom de voz. Agora.

– Baixar meu... Tá me mandando calar a boca?! Tá? Tá pensando o que, falando comigo desse jeito? Tá pensando que é gente, tá? Tá pensando, seu...

– Seu o quê? Termine a frase.

Júlio descruzou os braços e deu um passo na direção do homem. Não era exatamente musculoso, embora alto. Tampouco era particularmente corajoso e os únicos conflitos de natureza física nos quais havia se envolvido em toda a sua vida foram as disputas com os irmãos. O mais velho o espancava, Júlio aprendia os golpes e os aplicava alegremente no caçula, que se tornara um mestre da arte da guerrilha, coiceando os irmãos quando distraídos e batendo em retirada para a guarita das pernas da mãe. A mesma tática utilizada pelo rapazinho à sua direita, mas Júlio tinha dúvidas se o homem se deixaria deter pelo escudo materno. Suspeitava mesmo que sua presença talvez não fosse suficiente para fazê-lo mudar de ideia. Mas sabia que era o único ali que talvez o fizesse hesitar. Júlio não era

o líder daquele grupo. Não havia nada semelhante, mas era frequente que os outros sobreviventes o procurassem em busca de conselhos, indecisos quanto ao melhor curso de ação a tomar naqueles dias de total incerteza. A menina abrigoando o filho assustado havia sido sua aluna antes do Dia, uma gravidez adolescente, indesejada, mas que não a impediu de concluir o Ensino Médio nem de prestar o vestibular. E passar. Pedagogia, chutou Júlio, de si para si, sem conseguir lembrar, naquele momento, de algo que simplesmente não fazia mais o menor sentido no mundo que agora habitavam. A garota continuava tratando-o pelo título dos tempos de escola, que rapidamente se tornou um apelido entre os sobreviventes daquele pequeno grupo. Júlio já calculara, distraidamente, que talvez angariasse um certo respeito ou até autoridade por isso. Uma questão de postura, talvez. Esperava que fosse o suficiente para demover o homem à sua frente, que o olhava com um misto de nojo e raiva histórica.

– Então? Você ia me chamar de alguma coisa. Pode falar.

Júlio pôde perceber uma movimentação tímida, pessoas se posicionando mais ou menos ao seu lado ou atrás de si, aproximando-se lentamente da menina e seu filho, que havia finalmente parado de chorar. O homem lançou um olhar enraivecido em derredor.

– É por causa de vocês! Gente que nem vocês! Eu sou advogado! Sou doutor! Ia pra igreja todo domingo, rezava, até esmola eu dava! Esmola! Isso não era pra ter acontecido comigo! Eu não devia estar aqui com vocês!

– Pois então, saia. Vá embora do galpão. Ninguém vai te impedir.

O homem fechou a mão furiosamente em torno da lata. Júlio conseguia escutar o barulho do metal fino amassando levemente. Grande coisa. Júlio queria ver era ele abrir o invólucro na dentada. Permitted-se um sorriso quase ausente. O homem o encarou, olhando descontroladamente para seus lábios grossos. Júlio se preparou para o golpe, retesando os músculos das costas e encolhendo um pouco os ombros. Mas o homem não ergueu a mão. Lentamente, rodopiou sobre o próprio eixo e se afastou.

Lançou um último olhar injetado para Júlio e o resto do grupo, antes de marchar duramente para um canto mais afastado do depósito. Júlio soltou o ar contido lentamente, enfiando nos bolsos da calça as mãos trêmulas. Ninguém precisava vê-las. Não tinha muita segurança de que levaria a melhor contra o ex-advogado, mas gostava de acreditar que, caso se engalfinhassem pelo chão sujo do armazém, o resto do grupo, ao menos, dirigiria alguns pontapés vacilantes na direção geral do seu oponente. Dessa vez, pelo menos, isso não seria necessário.

– Alice, tá tudo bem?

– Agora tá, professor. Olhe, Leozinho não sabe o que faz. Ele só tem quatro anos, ele viu a latinha, que nem as que tinham na despensa lá de casa antes do Dia e...

– Alice, Alice. Você não precisa me explicar nada. Nada. O homem é doido. Esquece isso tudo. E ele que faça bom proveito da sardinha dele. Se conseguir comer.

– Se conseguir? Como assim, professor?

Júlio tirou a mão direita do bolso, produzindo um abridor de latas ancorado por um molho de chaves. Era o único que existia ali e havia sido um presente da sua esposa. “Com um chaveiro desses, você ao menos não passa fome”, Lúcia falara, sorrindo, ao lhe entregar o presente. Júlio era praticamente um deficiente dentro de uma cozinha, incapaz de elaborar mesmo o mais simples dos macarrões instantâneos. Alice levou uma das mãos à boca para abafar o riso. Júlio retribuiu com uma torção cansada nos cantos dos lábios.

– Vá sentar um pouco, brincar com seu menino. Qualquer coisa...

– Brigada, professor. Leozinho agradece também.

Júlio passou a mão pelos cabelos do garoto, que não havia dado palavra desde o Dia, segundo Alice. Observou enquanto mãe e filho se afastavam e concluiu que estava mais velho do que pensava. Sua mente retrocedeu aos tempos das aulas de Física no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco. O professor de História chamava-se Wanderley, um homenzinho calvo, míope e que, na

ponta dos pés, talvez tocasse o nariz no peito de Júlio. Referia-se a si mesmo como o “Conde Van der Ley”, citando uma ligação direta e improvável com os holandeses que haviam conquistado a capital pernambucana no século XVII. Dava-se ares de ridícula importância e sempre arrumava um jeito de incluir um suposto ancestral, geralmente em atos de heroísmo quase sobrenatural, nos momentos mais definidores da história do estado. Vez por outra, parava Júlio em algum corredor, de preferência na frente dos alunos do último ano, e mirava-o da cabeça aos pés com um olhar reprobatório.

– Olhe, Júlio, vou te dizer uma coisa... Nos tempos do meu tatatatatatataravô, o Barão do Açúcar de Goiana, você estaria era na senzala, dando duro.

– Se fosse nos tempos do seu tatatatatatataravô, o Barão do Açúcar de Goiana, eu sairia da senzala para visitar a baronesa toda noite e daria duro do mesmo jeito.

Os estudantes caíam na gargalhada. Adoravam as brincadeiras entre os dois professores, os favoritos do alunato. Júlio se permitiu sorrir quase imperceptivelmente ao lembrar-se do velho sem-vergonha e jovial, sempre rodeado de alunas a adulá-lo, especialmente, na época de provas finais. Poucos entre os professores e nenhum dos alunos sabiam que Wanderley era gay e que, apesar das inofensivas safadezas proferidas em sala de aula, cujo alvo eram quase sempre as garotas mais bonitas, mantinha um longo e estável relacionamento com Pablo, um uruguaio há muito radicado no Recife. Amado pelos alunos e bem-quisto entre os colegas, Wanderley temia o impacto que a sua orientação sexual poderia ter em sua carreira e preferia ocultá-la da maioria das pessoas.

– Júlio, tem coisa mais feia que bicha velha? Já passei da idade de grandes revelações. Gosto da minha vida como ela é e o mundo... Júlio, esse mundo que a gente vive não vai mudar nunca. Vai por mim.

A conversa havia acontecido dois, talvez três dias antes do Dia. Quase dois meses depois, Júlio não fazia ideia do que poderia ter acontecido com o seu amigo. O bairro do Derby, onde Wanderley morava, fora um dos mais atingidos, a se fiar nas histórias

que havia escutado de outros sobreviventes. Talvez ele não estivesse em casa no momento. Talvez houvesse, junto com Pablo, ido visitar algum parente no interior, como faziam amiúde. O mais provável, Júlio sabia, é que houvesse encontrado o fim rapidamente, lendo um dos seus amados livros de História sentado em uma poltrona, bem ao lado do seu companheiro de vida, sem tempo o suficiente para despedidas, arrependimentos ou recriminações. Silenciosamente, Júlio pedia para que houvesse sido assim.

Wanderley estava errado, é claro. O mundo havia mudado sim, terrivelmente. Nos momentos de quietude, quando sua mente gravitava para lembranças dolorosas demais, Júlio dedicava-se a analisar o evento que alterara de forma irrevogável sua existência e a de milhões de outras pessoas. Entre os sobreviventes, uma das hipóteses mais frequentes era a de ataque termonuclear. Um artefato dessa natureza seria capaz de liberar, a partir de uma bomba pesando pouco mais de um quilo, uma força destrutiva equivalente a um milhão de toneladas de TNT. Talvez um pouco mais. Júlio não havia encontrado ninguém que se lembrasse de um ataque aéreo ou mesmo de um avião sobrevoando a cidade no Dia, mas isso pouco significava. Uma aeronave poderia voar alto demais para ser vista e ouvida do solo, a não ser pelos equipamentos do Aeroporto Internacional dos Guararapes, do Aeroclube do Recife e de alguma das bases locais da Força Aérea. Se esse foi o caso, alarme nenhum foi soado e toda a população foi pega de surpresa. A entrega da ogiva poderia ter sido feita a partir de um míssil remotamente guiado. Mas por quem?

O Brasil era um país pacífico, ao menos no que concernia à sua política externa. Os Estados Unidos eram o seu maior parceiro comercial e um antigo aliado político, mas não era a única nação a manter um arsenal nuclear pronto para ser deflagrado a qualquer momento. Júlio sabia que, até antes do Dia, a Federação de Cientistas Americanos estimava um número aproximado de dezenove mil ogivas nucleares ao redor do mundo, embora apenas um quarto desse número se encontrasse operacional. Qualquer uma delas teria capacidade de arrasar o Recife sucessivas vezes, transformando o epicentro

da detonação em uma cratera radioativa, as edificações circundantes, em um raio de vários quilômetros, abatidas pela explosão como castelos de cartas soprados por uma criança maldosa. As pessoas mais próximas seriam instantaneamente vaporizadas, reduzidas a manchas empregadas no asfalto, o formato vagamente humano denunciando a agonia efêmera da morte pelo fogo nuclear.

Mas não foi assim que aconteceu. Júlio conhecia bem o funcionamento de uma bomba nuclear, costumava usar a arma como exemplo em sala de aula. A enormidade da destruição potencial de uma ogiva desse tipo prendia a atenção até do aluno mais disperso, perversamente interessado nos aspectos mais horrendos da sua aplicação. Não havia aberturas de impacto na cidade, ao menos, não de mísseis, que deixariam buracos grávidos de entulhos entre as chamas. Secretamente, Júlio duvidava mesmo de que artefatos explosivos de qualquer natureza houvessem sido utilizados no Dia. O Dia. Com maiúscula. Não que alguém houvesse escrito dessa forma. Não se lembrava de alguém escrevendo qualquer coisa desde então, salvo uma ou outra pichação que pode ter ocorrido depois, mas a inflexão das pessoas ao se referir àquela data específica não dava margem para minúsculas. Embora os relatos conflitassem quanto ao que havia acontecido, todos lembravam onde estavam e o que faziam naquele momento.

Júlio conversava com Lúcia pelo celular, pouco menos de um quarteirão de distância do prédio onde moravam, claramente visível a partir do estacionamento de um supermercado próximo. Ia entrando no estabelecimento enquanto pedia à esposa a descrição dos legumes que deveria comprar para o almoço do dia seguinte. Lúcia, como sempre, estava em vias de perder a paciência com o marido que, absurdamente, não conseguia diferenciar uma alface romana de um buquê de brócolis. Júlio estava prestes a fazer uma das suas piadas emergenciais, capazes de trazer Lúcia da raiva extrema ao riso em poucas palavras, quando a ligação ficou muda. O celular estava desligado, a tela, subitamente insensível a qualquer toque, de um negror abissal. As luzes do supermercado piscaram, incertas. Decidiram por apagar de vez, enquanto, ao redor de Júlio, al-

gumas pessoas apertavam furiosamente os botões dos seus aparelhos telefônicos mortos. Começaram a falar, todos ao mesmo tempo. Uns com os outros, alguns ainda com seus celulares inúteis, outros com si mesmos, murmurando confusos enquanto olhavam ao redor. Júlio sentiu uma brisa agitando os pelos do seu braço. Ergueu as mãos, olhando para a pele escura que contrastava com a camisa branca de botão que usava. Não havia vento ali dentro, os cabelos é que se eriçavam em seu corpo, como se adquirissem vida própria, despertassem, tentando ver melhor o que acontecia, escutar com mais atenção. Como se soubessem de algo.

As pessoas pararam de falar. Júlio sentia o ar carregado, elétrico. Seu coração acelerou. Largou o carrinho de compras que trazia apenas uma solitária caixa de cervejas e se encaminhou para a saída. Não correu. O verniz de civilidade ainda era mais forte do que seu medo. E, afinal de contas, por que haveria de perder as estribeiras? Se havia algo que era comum na capital pernambucana, eram falhas na telefonia móvel e apagões elétricos. Não deveriam acontecer ao mesmo tempo, mas não era impossível que fosse assim. Júlio acelerou o passo. Estava quase na porta dupla que dava acesso ao estacionamento. De lá, pretendia correr para casa, ignorando os olhares tortos das pessoas ao verem passar, desabalado, um homem negro, alto, bem vestido e segurando na mão direita um molho de chaves com um abridor de latas escapando entre os dedos cerrados. Estendeu a mão para a porta automática, que se recusou a admitir sua existência. Não havia energia, claro. Um funcionário se aproximou, lentamente, como um escafandrista que vencida a custo o peso da água ao seu redor. Tudo parecia mais devagar, o ar se adensara, gelatinizado. Júlio voltou seu olhar para o horizonte, instintivamente buscando seu edifício, onde sua esposa o censuraria pela falta das verduras prometidas. Foi então que ouviu. Como vozes, um lamento terrível, cujo volume ia aumentando enquanto o céu parecia ficar mais claro. Júlio começou a bater furiosamente no vidro, enquanto o clarão passava de um branco cegante para o rosa-violáceo, manchas de ciano espalhando-se como uma chuva de faíscas. A luz arrebatou o horizonte, dominando-o, substituindo os arranha-céus por nada além do fulgor tremendo, que a tudo envolvia.

Júlio acha que gritou antes de perder os sentidos.

O barulho de água em movimento no andar inferior parecia multiplicar-se pelas paredes do velho galpão. O som deixava Júlio nervoso. Nunca havia gostado do mar. Quando criança, quase se afogara na praia de Boa Viagem, enquanto seus pais se distraíam cuidando dos seus irmãos. Um surfista o havia resgatado, puxando-o por um dos braços, deitando-o em sua prancha e remando até a praia onde seus pais, aflitos, o aguardavam. Surfistas. De quando as águas ainda não haviam sido infestadas pelos tubarões expulsos do seu habitat natural pela construção do monstruoso porto na cidade do Cabo, não muito distante do Recife, que há muito não possuía mais a estrutura necessária para receber os volumes cada vez maiores que eram trazidos pelo oceano. Quando adolescente, Júlio jamais deixou de ir à praia com os amigos, exercitar-se, paquerar e até mesmo observar os surfistas manobrando despreocupadamente entre as ondas, mas jamais havia dado confiança ao mar. Um relacionamento perdido, pensava, sem mais volta, sem mais jeito. O som de batidas metálicas o arrancou das suas lembranças. Dirigiu o olhar para a origem do som. O homem raivoso golpeava um alambrado com a lata de sardinhas. Júlio achava que ele não conseguiria abrir e torcia malevolamente para que o homem falhasse. Nas semanas após o Dia, quando a cidade mergulhou no caos, os supermercados foram os primeiros a ser saqueados. Seguidos logo de perto pelas lojas de eletrônicos. A eletricidade jamais foi reestabelecida desde os ataques, mas a natureza humana era infalível em sua estupidez mesquinha. Ou talvez fossem apenas otimistas, achando que logo a normalidade se restabeleceria e que poderiam tirar proveito das suas TVs de plasma roubadas. Júlio era mais ou menos indiferente ao eletrodoméstico, utilizando a televisão basicamente para assistir a esportes ou algum seriado mais interessante. Colhia suas informações da Internet e filtrava o que lhe parecia mais relevante.

Se a rede mundial de computadores ainda existisse, talvez mostrasse o caos que se seguiu ao Dia, quando as poucas instituições públicas sobreviventes foram avassaladas pelas desordens urbanas, que se espalharam como as chamas dos inúmeros in-

cêndios que consumiram o Recife. Wanderley lhe dissera, certa vez, que eram os sinos das igrejas que alertavam os cidadãos quanto ao fogo e a destruição por eles causada. Séculos atrás, o repicar informava para onde os bombeiros deveriam se dirigir. Tantas badaladas, o bairro de São José em chamas. Outras tantas, a Torre queimava. Cada arrabalde possuía seu toque. Já não havia mais sinos e o sistema de som eletrônico adotado pela maioria das igrejas não mais funcionava. O fogo agora era raro e, quando contido, uma visão bem-vinda. Júlio frequentemente se arriscava fora do abrigo do galpão em busca de mantimentos, utensílios, ferramentas, qualquer coisa esquecida ou desprezada pelos salteadores ou poupada pelas chamas. Restavam poucos abridores de lata e Júlio possuía o único ali, depois que alguns indivíduos haviam, na calmaria noturna, se esgueirado de posse de mantimentos comuns ao grupo. Essas escapadas eram cada vez mais comuns. Um casal, uma mulher e seu filho, um homem solitário. Reuniam o que podiam carregar em uma sacola surrada e partiam para tentar a sorte em outro lugar. Júlio brincava com a ideia de fazer o mesmo. Caminhar pelos escombros, os esqueletos de prédios, andar sem parar, guiando-se pelo desenho apagado de antigas ruas e rodovias. Para o interior. Para qualquer lugar, pois lugar nenhum poderia ser pior do que aquele.

Mas ele sabia o que o aguardava fora do galpão. Havia visto, enquanto serpenteava cuidadosamente pelos restos de civilização. Havia assistido, horrorizado, os linchamentos, pessoas atiradas ao chão como os bonecos da antiga brincadeira de Judas, sendo coiceadas e esmurradas, moídas com pedaços de pau e vergalhões de aço. Viu, impotente, os estupros, mulheres, meninas, meninos também, aos berros, enquanto os homens se revezavam, cobrindo os corpos franzinos com os seus, prostrados nas cinzas ou forçados contra uma parede enegrecida. À noite, podia ver, ao longe, o clarão de fogueiras humanas, o cheiro de carne de gente queimando sendo trazido pelas brisas raras que vinham da terra. O estômago de Júlio doía com o odor inebriante e era nesses momentos que sentia sua sanidade escorregando entre seus dedos. Uma vez, escutou o guinchar desesperado de um bebê e os gritos histéricos de sua mãe. Ambos foram silenciados e mais

uma pira se acendeu. Silenciosamente, Júlio agradeceu por Lúcia jamais ter lhe dado um filho.

Passou a mão pelos cabelos, depois pela barba. Duas, três vezes. Eletricidade estática. Física. Com os olhos fechados, podia pensar que era Lúcia que o acariciava. Ela até gostava da barba, desde que bem cuidada e aparada. O cabelo, Júlio sempre o conservava quase rente ao crânio. Não era o caso agora. Não havia encontrado nenhuma tesoura em sua busca, mas ainda tinha algumas giletas. Não havia creme de barbear, obviamente, mas Júlio possuía um pequeno pedaço de sabonete no bolso da sua calça. Em um dia bom, descia para o térreo do galpão, cuja parte central havia se tornado uma espécie de piscina, cheia de água do mar escura e serena, que servia de espelho enquanto Júlio escanhoava o queixo cuidadosamente. A água. Havia avançado pelo bairro do Recife e arredores e toda a orla, do Pina à Piedade, se transformara. O mar agora chegava, em alguns pontos, até a segunda ou terceira fileira de prédios ou suas carcaças. Não chegava a ser o cumprimento de uma profecia sebastianista, mas havia alterado sensivelmente a geografia da cidade, até onde Júlio ousara explorar e pelo que havia concluído de relatos alheios.

Algumas dessas histórias asseguravam que os complexos militares haviam sido os primeiros a ser atingidos. Um homem baixinho dissera a Júlio, antes de roubar uma garrafa de água mineral e desaparecer pela noite, que o quartel do Derby, sede das forças armadas do estado, havia sido totalmente dizimado. Júlio não se aventurara tão longe, mas de alguns pontos do antigo armazém era possível ver o prédio da Prefeitura, reduzido à metade dos seus catorze andares originais. Supunha que o Palácio do Campo das Princesas, sede do governo estadual, havia sido engolido pelo Capibaribe ou pelas chamas, junto com o Palácio da Justiça e o Teatro de Santa Isabel. A autoridade pública jamais foi restabelecida desde o Dia. Júlio vira alguma movimentação militar, desarticulada, despreparada, insuficiente, nos primeiros dias depois dos ataques. Com o correr das semanas, cada vez menos uniformes eram avistados entre os destroços. Pareciam mover-se para o interior, como se alguma batalha exigisse sua presença em outro lugar. Ou talvez apenas fugissem.

Júlio havia agarrado a manga do casaco de um dos últimos soldados a passar por um abrigo improvisado em uma escola pública da Boa Vista. O homem trazia um olhar assustado. As mãos que seguravam o fuzil tremiam.

– Soldado. Soldado! Vocês vão pra onde? O que a gente...

– Cidadão, me solte. Eu...o comando... a gente não pode ficar aqui...

– Que comando? Quem é que tá...? Olhe, esse pessoal aqui, eles, a gente precisa...

– Cidadão, não adianta ficar aqui. Vá pro mar. Se alguma ajuda... vá pro mar. Pegue a sua família e vá.

– Eu não tenho... eu não... vocês não podem deixar a gente aqui! Vocês precisam fazer alguma...

– Cidadão! Me solte. Eu não vou repetir.

A ordem havia sido dada com a arma apontada para o queixo de Júlio. O soldado se afastou apressado, obedecendo alguma ordem inaudita. O mar. Parecia fazer algum sentido que um resgate se ensaiasse perto dele. Júlio não sabia o que acontecera com o interior, com outras cidades ou mesmo com o resto do país e do mundo. Tinha uma tia idosa em Brasília, com quem se comunicava de quando em quando. Ligações automáticas em datas comemorativas. Imaginava que o Distrito Federal houvesse sido arrasado, obliterado, o seco cerrado do planalto central inflamando-se em um oceano ígneo. Talvez a luta pela capital demandasse o efetivo militar de todos os estados da Federação. Com tanques vazios e sistemas elétricos inoperantes, os caminhões e helicópteros do exército eram apenas cascas camufladas, imóveis. Era preciso andar, marchar. Foi o que Júlio fez, mas em direção oposta. Havia passado por mais de um grupo de sobreviventes até finalmente chegar aos armazéns do Porto do Recife, que foram convertidos em equipamentos culturais pela Prefeitura pouco tempo antes do Dia. Havia uma loja de artesanato, restaurantes, bares, escritórios, salas de exposição, anfiteatros, um pequeno cinema e até mesmo uma pista de boliche. Prometera a Lúcia que a levaria para conhecer o lugar, jantar observando o mar verde-escuro, mantido à distância por uma passarela de pedras que protegia o antigo

porto e abrigava as esculturas de cerâmica de Brenand. Mas, por algum motivo, a oportunidade jamais havia surgido. O arrecife não era mais visível, mas a fálca Torre de Cristal do artista plástico pernambucano ainda teimava em erguer-se em meio a águas estranhamente calmas desde o Dia. As vagas que castigavam as pedras quando da ressaca do mar haviam desaparecido, quase como se o oceano preferisse passear pelas ruas de forma mais calma, paulatina. Mais atenta mesmo. Um mar turista, absorvendo aos poucos as vistas e pessoas estranhas. Júlio quase riu.

Vozes alteando. Em algum ponto mais afastado do galpão, Júlio escutou os ruídos abafados de mais uma discussão. Suspirou profundamente e levantou-se, tentando adivinhar qual seria, dessa vez, a causa da briga. Para sua absoluta ausência de surpresa, o homem branco esbravejava, dessa vez tendo como alvo um rapaz, cujo nome Júlio jamais conseguiu guardar na memória. Algo como Hélio ou Felipe, embora as palavras não guardassem a menor semelhança entre si.

– Vá fazer suas macumbas longe daqui! Tá pensando que tá no morro, é?

– Eu não tava... não é macumba, não, eu tava rezando junto...

– É macumba, é catimbó que eu sei, gente que nem você gosta mesmo é dessas coisas!

– Moço, eu sou espírita, mexo com essas coisas não, eu só queria...

– Pois vá fazer suas nojeiras lá fora, junto com os bichos, é, com os bichos, seu pret...

– Preto o quê? Safado? Sem vergonha? Preto ladrão? Ou tem alguma mais original?

Júlio interrompeu a arenga, movendo-se para perto do rapaz, que era mais claro do que ele. Cabelo crespo exibindo trancinhas afro mal cuidadas. Nariz estreito e lábios grossos. O menino provavelmente seria considerado branco por muita gente. Júlio sabia que isso pouco importava. No Brasil, ser negro era mais dependente da condição social do indivíduo do que propriamente da cor da sua pele. Negros bem sucedidos embranqueciam, tornando-se subitamente aceitos, ou ao menos tolerados,

pela sociedade. Brancos pobres, a não ser que absolutamente arianos em seu perfil, acabavam entrando no saco perverso de estereótipos nacionais, especialmente quando se apegavam a práticas mal vistas pela elite. Talvez o rapaz fosse umbandista praticante, escamoteando sua crença em espiritismo, muito mais consentido em um país onde o catolicismo era a religião da maioria e o cristianismo, em suas várias vertentes, buscava abafar, de forma cada vez mais agressiva, outras fés. Não importava. Júlio estava cansado. Cansado do frio noturno, da fome cotidiana, da imundície sem fim e sem jeito, do barulho monótono do mar. Exausto de saudade. E farto daquele homem.

– Então? Você ia chamar Hélio de quê?

– É Maurício, professor. Tem nada não.

Maurício. Nem perto.

– Isso, Maurício. Me confundi. Mas e então? Ia xingar ele de quê?

– Isso não é da sua conta! Já me cansei de você, toda vez, toda vez se metendo!

– Pronto. Cansamos um do outro. E todo mundo aqui cansou de você. Você é que devia sair, já que não suporta ninguém e ninguém te suporta.

– Eu devia...eu, sair?! Eu, que vou lá fora, trazer coisa, trazer...trazer comida, trazer água pra esse monte de...

– Como se você dividisse com alguém o que acha lá fora. Eu sei onde você guarda tudo. Cansei de ver, de noite, você achando que tava só. Quer saber do que mais? Vou lá, pegar e dividir tudo com as pessoas daqui.

– Você não... você não tá nem doido! Aquilo é meu, meu, meu, eu que peguei! Você é igual aos outros, ladrão, cabra safado, preto filho da p...

– Eu fico até feliz de você ter dito isso.

– OLHA!

O grito havia partido de Maurício. Ele puxava a manga de Júlio, que trazia os punhos crispados, pesados de raiva, frustração e desespero. Não era um lutador, sabia disso. Mas talvez pudesse descarregar no rosto do homem todas as semanas de sofrimento

e solidão desde o Dia. Queria esmurrá-lo, sentir o nariz estreito afundando a cada golpe, a cartilagem movendo-se para perto do cérebro. Desejava enfiar os polegares nos olhos azuis aguados, sentir a consistência gelatinosa dos globos oculares nas pontas dos dedos. Podia escutar a voz zombeteira de Wanderley, sentenciando-lhe que as coisas jamais mudariam. Jamais. Deu mais um passo à frente, as mãos desacostumadas a esse tipo de alteração tremendo violentamente. Talvez se as quebrassem contra a mandíbula daquele homem voltassem a lhe obedecer. Ouviu Maurício gritar novamente e percebeu que todos olhavam para a sua esquerda, para o centro do galpão. A luz rosada que cintilava em todas as faces lhe parecia estranhamente familiar. O sol havia se posto há muito tempo. Já se erguera novamente? Uma das piores coisas de viver no inferno, Júlio havia concluído, era que o tempo se arrastava como um verme gordo, prenhe de maus futuros. Era em seu rastro viscoso que patinavam agora, lentamente, inescapavelmente. Lançou um olhar para o teto. Um enorme rombo deixava entrever uma lua intocada, alva, cercada por estrelas indiferentes presas a um céu que era como piche. O homem a sua frente olhava para o lado, aparentemente já esquecido de Júlio. Baixou as mãos, mas as manteve fechadas. Estavam no andar superior, cujo vão central chegava até o piso do antigo armazém, dominado pela água do mar. Não era fácil entrar ou sair e era por isso que o lugar oferecia um mínimo de segurança no meio da desolação. Um estranho silêncio havia se instalado. Júlio se aproximou do parapeito interno e pousou a mão em uma balaustrada que havia decidido permanecer de pé. Não conseguia compreender exatamente para o que estava olhando.

A água parecia estar em chamas. Um fulgor rosado agitava-se sob a superfície, acompanhado de um som. Júlio já havia escutado algo semelhante. Tinha certeza que sim. As pessoas ao redor se aproximaram cuidadosamente da beirada, mesmerizadas por aquela estranha luminescência. Alice se materializara ao seu lado, silenciosamente, uma das mãos puxando seu filho, a outra cobrindo a boca, como costumava fazer ao gargalhar frouxamente em sala de aula. Maurício havia desaparecido do seu campo de visão e o homem agressivo parecia balbuciar consigo mesmo, como que rezando. E en-

tão algo começou a se erguer. Júlio sentiu seu coração golpeando furiosamente suas costelas, o sangue pulsando em seus tímpanos. Era como uma névoa, de cor rosa-violácea, efêmera e ao mesmo tempo inexplicavelmente consistente, material. Não tinha uma forma definida, mas parecia adensar-se em seu ponto mais alto, que se avolumava em relação ao caule que se projetava da água do mar. Júlio sentiu a pequena mão de Alice tomando a sua. Estava suada e fria. Leozinho sorria em silêncio, o rosto arredondado tomado pela luz rosada.

A coisa movia-se lentamente, como se hesitasse. Mais um pouco e estaria na altura do primeiro andar. Os sapatos surrados de Júlio haviam se transformado em chumbo. Percebia agora agitação dentro da estrutura maior. Manchas azuis dardejavam pelo corpo alongado, que agora parecia se assemelhar a uma caravela. O som. Que som era aquele? Como murmúrios. Mas ninguém falava nada. Ao atingir o piso onde estavam, a coisa deteve-se. Parecia pulsar levemente. Como se respirasse. Como se vivesse. Inclinou-se para frente. Pequenas gotas d'água pingavam da criatura, cada uma delas desencadeando um pequeno terremoto ao atingir o piso do armazém silencioso. Havia uma menina próxima do ser, perto o suficiente para tocá-lo. Essa não fora aluna de Júlio. Tinha cabelos cacheados e amarelos. Ágata? Berenice? Ela encarava o centro da radiação rósea, seu rosto adolescente transparecendo mais curiosidade do que medo. Ergueu a mão. Os lábios de Júlio formaram a negativa, mas sua garganta a aprisionou dentro de si. A menina loira tocou a criatura. Por alguns instantes, nada aconteceu. E então a névoa envolveu a garota por completo.

O berro de agonia pareceu despertar as pessoas do transe. Júlio gritou também, libertando a voz dos seus pulmões. As fagulhas azuis pareciam viajar pelo corpo daquele monstro até o ponto em que formavam um apêndice, um bolsão onde a silhueta da menina se debatia desesperadamente. A criatura parecia avolumar-se, expandir-se, seu brilho tornando-se mais intenso. Fez surgir outra protuberância, que se moveu rapidamente em direção a uma senhora de cabelos curtos, que apenas olhava boquiaberta enquanto tateava uma pequena cruz prateada em seu peito. Em instantes, também era

engolfada pela massa nebulosa, as manchas azuladas cercando seu corpo, como cães famintos. Os outros sobreviventes corriam desordenadamente, uns tentando alcançar a escada partida que dava acesso ao térreo, outros dando a volta pela passarela e tentando simplesmente se afastar o máximo possível. Na correria, Júlio viu um homem ser derrubado no retângulo de mar de onde brotava a monstruosidade. Sabia que não mais emergiria. Uma mulher, acuada no canto oposto do galpão, chorava e suplicava agachada, enquanto a luz rosada se aproximava cada vez mais. Estava maior, mais rápida e parecia agora estar em todos os lugares. Júlio respirou fundo, tomou Leozinho em seu braço direito e, puxando Alice por sua mão esquerda, desatou a correr.

O ser agora multiplicava seus membros, alongando-os, como os tentáculos de um animal marinho. Mais pessoas eram apanhadas pela névoa serpenteante e seus urros se sobrepunham àquele estranho som que Júlio não conseguia identificar. Não havia para onde correr. A coisa descansava pesadamente uma de suas protuberâncias sobre a escadaria e o outro lado do parapeito estava obstruído por mais apêndices terminando em volumes do tamanho de corpos humanos, faíscas azuis dançando enlouquecidamente em suas extremidades. Júlio recuou até a parede. Leozinho molhava de lágrimas sua bochecha direita. À sua esquerda, sentia que Alice podia desmaiar a qualquer momento. Encostou as costas na parede. Não podia ser. Não depois de tudo o que havia passado. Não queria ter o mesmo fim das outras pessoas, cercado por sabe-se lá o quê, um troço, um bicho que sequer deveria existir, uma neblina sólida, uma água-viva, como as que encalhavam, pequeninas, nas areias brancas de Boa Viagem, junto ao sargaço malcheiroso, tornando-se presas inertes dos moleques maldosos, cutucadas com um pedaço de pau até estourarem, morrendo flácidas sob o sol, sem nem saber o porquê. O porquê. Ao menos isso Júlio queria saber. Talvez fosse melhor acabar com tudo rapidamente. Pular de uma das aberturas laterais que davam para o mar em direção às pedras embaixo. A altura seria suficiente para matá-los? Ou será que apenas partiria seus ossos, quebrando suas espinhas, deixando-os imóveis e agonizantes, caravelas na areia, engasgando no sangue de órgãos internos dilacerados até que a criatura chegasse e os

envolvesse também? Júlio preferia arriscar essa possibilidade a conhecer o horror no interior do monstro. Segurou firmemente Alice e Leozinho e apoiou o pé direito na parede às suas costas, preparando-se para o impulso final.

A superfície não apresentava a solidez que Júlio esperava. Na verdade, era quase flexível. Virou-se para olhar com mais atenção. A luz rosada banhava aquele canto do galpão, normalmente escuro e pouco visível, mesmo durante o dia. A divisória entre armazéns não era maciça. Havia uma fenda, coberta por uma folha de madeira corrugada. A respiração de Júlio acelerou. Começou a chutar a madeira. Uma. Duas vezes. Pousou Leozinho no chão, apoiou ambas as mãos no ângulo da quina e passou a coicear furiosamente. Sem uma palavra, Alice compreendeu e começou a chutar também. Leozinho parara de chorar e dava tapinhas na madeira, o pequeno queixo voluntariosamente erguido. Sem se virar, Júlio podia perceber o aumento na claridade. O ser se aproximava. Passou a chutar com a perna esquerda, sem parar, sem prestar atenção ao som de coisas partindo, sem saber mesmo se era a madeira ou seu pé que cedia às pancadas. Sabia que grunhia com o esforço, mas só percebeu que gritava quando um chute derradeiro finalmente despregou metade da placa, que aterrissou com um estrondo na escuridão à frente. Pousou o pé no assoalho imundo e sentiu que algo havia arrebentado lá dentro. A claridade agora já iluminava o espaço mais próximo do galpão contíguo. Júlio empurrou Leozinho pela abertura e em seguida Alice. O som. Quase como se alguém sussurrasse em seu ouvido. Perto demais. Arrastou-se buraco adentro, sentindo uma dor lancinante a cada passo.

Não havia como selar a abertura. Júlio seguiu em frente, aos tropeços, o pé como um nervo exposto, parecendo ter o dobro do tamanho do sapato que o envolvia. A mão de Alice o guiava. Degraus. Estavam descendo. Talvez conseguissem chegar ao térreo e, de lá, alcançar uma saída. Uma que não desse para o mar. A visão de Júlio escurecia de dor com cada passada e baque, o que fazia pouca diferença no breu em que se encontravam. Quase não havia água no piso daquele armazém. Chapinharam na escuridão por longos minutos, sem referência, sem

norte. Júlio chegou a temer que talvez voltassem ao lugar onde estavam anteriormente. Foi então que Alice parou. Ela trouxe a mão de Júlio para frente, pousando-a em uma superfície de madeira polida. Uma porta, trancada. Júlio deu com o ombro uma vez, mais outra e a moldura apodrecida soltou-se da parede. Encontravam-se em outro galpão, dessa vez sem água alguma no assoalho. Para Júlio, aquilo era um bom sinal. O teto desaparecera completamente e a lua nova iluminava o que parecia ter sido um restaurante. Mesas viradas e outras ainda de pé lançavam sombras deformadas sobre as paredes. Cacos de garrafas e de pratos caros acarpetavam o chão. Leozinho abaixou-se para pegar algo e entregou a Júlio. Um cardápio. Estava tão claro ali que era possível ler a lista de pratos e seus preços. Uma mistura de ingredientes da terra e palavras em francês. Lúcia saberia o que significavam os nomes daquelas estranhas comidas. Até conhecê-la, o único interesse de Júlio era mesmo pela bebida. Até conhecê-la, Júlio não era nada. Sabia disso. E ela também, embora jamais houvesse admitido.

A parede à frente exibia um retângulo de vidro, milagrosamente inteiro, embora rachado em alguns pontos. Atrás dele, era possível reconhecer uma ilha de cocção, bancadas de metal, equipamentos culinários. Passaram pelo balcão. A porta da cozinha estava destrancada. Não era muito grande, mas o espaço era bem aproveitado. Um cheiro azedo escapava do que devia ter sido a câmara fria. Júlio deixou-se cair pesadamente em um banco de plástico, apoiando a cabeça com ambas as mãos. Seu pé esquerdo enviava ondas de dor para o resto do seu corpo que iam e retornavam, somando-se e multiplicando-se em uma agonia sem fim. Escutou soluços. Alice finalmente despertava para o que havia acontecido. Escondia a boca com as mãos e o choro vinha como espasmos, sacudindo seus ombros magros enquanto Leozinho abraçava-se à sua perna. Júlio apenas a observou, desapaixonado, exausto, esperando que as lágrimas secassem. Levantou-se e começou a juntar coisas contra a porta. Era melhor nisso do que em confortar jovens mães. Pedacos de madeira, cadeiras, detritos irreconhecíveis, empilhados no batente. Apesar da dor e do cansaço, não conseguia ficar parado. Era perigoso ficar parado.

– Professor... professor, o que danado era aquilo?

– Eu não sei.

– Era... como é que pode? Era um monstro, aquilo era um monstro. Professor, era um alienígena? Tipo... do espaço?

– Eu não sei, Alice.

– Achei que fosse morrer, que meu filho ia morrer... quando eu vi aquela luz... rosada, as manchinhas azuis...e aquele barulho esquisito, como se fosse umas vozes, um...

– O que foi que você disse? Vozes?

– É... como se fosse... era tipo um coral, um coral de vozes... sabe, um monte de gente junta cantando, que nem minha mãe e as amigas dela na igreja, só que... que... não era um canto. Parecia que tavam, sei lá...

– Sofrendo.

– É... tipo isso. Gemendo. Pedindo ajuda. Chamando.

Júlio sabia do que ela estava falando. Já havia escutado esse chamado antes. Mas, por algum motivo, achava que era o único. Admitia a si mesmo um certo alívio agora. Desde o Dia, sentia que a sua racionalidade se deteriorava, que sua mente era como uma fruta, lentamente corroída por insetos que davam cria a cada novo horror testemunhado. Observava os loucos eventuais e se enxergava neles em um futuro próximo. Ensimesmados em seus monólogos desarrazoados, atarefados em trabalhos invisíveis, imundos, pestilentos, raivosos, fedorentos. Doidos, enfim. Quando Júlio tentou a travessia para o bairro do Recife, havia remado em um pequeno barco esquecido na margem do rio. O bote fazia água, escura, lamacenta, se acumulando entre os dedos dos seus pés. De ambos os lados, Júlio podia ver as pontes partidas, tornando inacessível o arrabalde que retomava os ares de uma ilha quase isolada depois de séculos. De quando em quando, utilizava a ripa improvisada em remo para afastar algum corpo inchado, coberto de pequenos caranguejos que se alimentavam da carcaça como os insetos que consumiam o seu juízo. Apesar de sua aversão, Júlio arrastou-se pelos últimos metros com a água pela cintura, a pequena embarcação final-

mente afogando-se no lodo do Capibaribe. Seus pés nem sempre afundavam no leito pastoso. Por vezes, apoiavam-se em montículos mais ou menos firmes. Escorregava em um braço, pisoteava um rosto semidevorado. Júlio estremecia e seguia em frente, sem olhar para baixo, sem olhar para trás. Não havia nada para ele em nenhuma dessas direções.

Antes de juntar-se ao grupo no galpão, Júlio perambulou pelas ruas antigas, paralelepípedos seculares cortados por velhos trilhos de bonde. Vagou pela Rua do Bom Jesus, antiga Rua dos Judeus, um fino espelho d'água refletindo os prédios estreitos, como se fizessem um esforço para caber todos na mesma calçada. Coloridos ainda. Passou pela sinagoga Kahar Zur Israel e emergiu na Praça do Arsenal. Sobre a fonte quebrada, jazia o cadáver intumescido de um cavalo. Achou estranho, um cavalo ali, a barriga aberta e despejando vermes ainda, cintilantes ao sol que se erguia. Talvez tivesse se arrastado até ali, patas estilhaçadas, farejando água. Sentia o fedor de morte e o zumbido das moscas varejeiras, uma mortalha de patas e asas sobre a ferida. E escutou um canto. Primeiro, pensou que pudesse ser o vento passeando pelas fachadas, asobiando zombador entre as janelas dos edifícios. Mas era uma voz de mulher. A pele de Júlio arrepiou-se enquanto procurava a origem daquela música. Deteve-se em frente ao grande portão de ferro da Torre Malakoff. O relógio do velho observatório astronômico estava rachado, mas afora isso a construção parecia intacta. Júlio ergueu seus olhos um pouco mais e a viu. Estava envolta em tecidos alvos, diáfanos, que ondulavam ao vento da manhã. Tinha a pele branca e os cabelos curtos, cacheados, de um castanho quase ruivo ao sol. Trazia um pequeno embrulho junto ao peito e era para ele que cantarolava. Júlio gritou. Implorou para que recuasse, para que o escutasse. Implorou. Júlio avisou que subiria, para que pudessem conversar, um de frente para o outro. Fez menção de dirigir-se ao portão e foi então que ela deixou-se cair. Como uma pluma, lentamente, dando a Júlio tempo mais do que suficiente para ver seu rosto. Ela sorria. Júlio a invejou. E então seu corpo partiu-se contra as pedras da rua.

O som trouxe Júlio de volta ao presente. Piscou, atordoado. Um corpo atingindo o vidro. Do outro

lado do retângulo, Maurício batia desesperadamente. Júlio ergueu-se em um átimo, sentindo a cabeça rodopiar. Alice gritava e Leozinho chorava com o susto. A voz de Maurício lhe chegava abafada aos ouvidos. Mancou até a porta e começou a remover a barricada, o pé latejando intensamente. As batidas se tornavam cada vez mais desesperadas. Júlio não tinha como trabalhar mais rapidamente. Estava esgotado, dolorido, ferido. Começou a arrastar uma grande peça de equipamento quando percebeu a luz. O grito de Alice sufocou o de Maurício, que esmurrava o vidro enlouquecidamente, deixando manchas de sangue onde os punhos faziam contato. Júlio não conseguia mover o objeto, parecia estar preso a algum outro destroço. Alice olhava horrorizada para a janela, a mão cobrindo a boca e o rosto banhado em luz rosada. Com o braço livre, empurrava Leozinho para trás. Júlio criou coragem e olhou. A coisa parecia vir de lugar nenhum e já começava a envolver Maurício. Por alguns momentos, ele parou, confuso. Ainda apoiava as mãos no vidro, cujas rachaduras começavam a alargar e se multiplicar sob seus golpes. Júlio parou também, resignado. Não havia tempo. Jamais houve. Pegou Alice pela mão e afastou-a da janela, sem tirar os olhos de Maurício. E foi aí que ele começou a gritar. As chispas azuis o cercavam, transformando-o em um borrão. Ele olhava ao redor, ensandecido, debatendo-se, voltando a esmurrar o retângulo cristalino. Seus olhos se encontraram com os de Júlio. Suplicantes. Então, o horror começou verdadeiramente.

A pele de Maurício parecia fragmentar-se, decamar-se rapidamente. Como se a enxurrada azul arrancasse pequenos pedaços do seu corpo, a tez esvaindo-se e expondo os músculos vermelhos e brilhantes embaixo. Júlio queria parar de olhar, mas não conseguia. Os urros de agonia continuaram até Maurício começar a engasgar. Seu pescoço era uma via aberta, mostrando laringe e esôfago ao lado de tendões trêmulos. O esterno aparecia amarelado, nacos de carne ainda agarrados aos ossos, mas desfazendo-se com rapidez. Maurício estremecia enquanto era dilacerado, esmurrando o vidro com mãos esqueléticas. Uma vez, duas, três, golpeava sem parar enquanto engasgava com fragmentos da própria garganta. A última pancada finalmente trincou a janela, o padrão em teia de aranha expan-

dindo-se enquanto o corpo de Maurício chacoalhava como um boneco nas mãos de um titereiro cruel. O som arrancou Júlio do transe. Tomou Alice pela mão livre e começou a afastá-la da terrível visão. Leozinho ignorava o tenebroso espetáculo e observava atentamente algo que havia recolhido do chão. Não chorava mais. Júlio olhou para trás, buscando uma saída, enquanto escutava os estalos do vidro. Não duraria muito mais tempo, bem como sua frágil barricada. A coisa parecia tornar-se maior e mais sólida. Mais forte. Havia uma porta no fundo da cozinha. Arrastou Alice naquela direção, ignorando seu pé esquerdo que protestava dolorosamente a cada passada. Trancada. Júlio encostou a testa no metal frio. Sentia-se febril. Sabia que não poderia forçar uma porta de segurança. Eram feitas para resistir, para impedir que um possível incêndio se alastrasse a partir da cozinha. Construídas para que o que estivesse dentro permanecesse dentro. Ficou de joelhos. Estava cansado demais. Ouviu o vidro partindo, um grande pedaço indo ao chão, esfarelado em uma poeira grossa de cristais. Não havia mais sentido em correr, gritar ou implorar. Jamais houve. Estava tudo acabado. Sentiu uma mão infantil tocando seu ombro. Virou o rosto exaurido para a direita e viu Leozinho, o bracinho estendido em sua direção. Entre os dedos sujos, uma chave, pequena e prateada.

Júlio piscou, os olhos ardendo em contato com o suor que brotava da sua fronte. Pegou a chave com a mão trêmula e encaixou na fechadura. Girou. A porta abriu-se com um gemido metálico. Um corredor escuro estendia-se à sua frente, um pequeno retângulo vertical anunciando seu término à distância.

- Alice, pegue seu filho e vai!
- Mas professor, o senhor...
- Eu também vou, mas vou fechar a porta. E com esse pé, ia atrasar vocês. Vai!

Alice tomou a mão de Leozinho e mergulhou na escuridão. Júlio a seguiu e, antes de fechar a porta, viu a criatura fluindo para dentro da cozinha em meio a uma cascata de cacos de vidro. Fechou a passagem, trancando-a por dentro. Torceu a chave até parti-la e então virou-se. Viu que Alice já alcançava

a soleira do que parecia ser mais um galpão iluminado pelo luar. De repente, sua silhueta deteve-se. Continuava segurando a mão de Leozinho, que a olhava fixamente. Júlio acelerou o passo, o máximo que podia. Alice continuava imóvel, recortada na moldura da porta. Parecia tremer agora. Júlio chamou seu nome. Manquejou em sua direção, sentindo um peso súbito na boca do estômago. Mais uma vez gritou por ela. Alice virou-se e Júlio já estava perto o suficiente para distinguir seus traços. Ela parecia confusa. Lágrimas começavam a escorrer placidamente dos seus olhos adolescentes. Ela tossiu e Júlio viu o sangue misturado à saliva sendo atirado ao chão. Uma mancha vermelha se avolumava em seu peito e do seu centro projetava-se um vergalhão de ferro. Júlio cerrou os punhos, mas sua sanidade escorria viscosa mesmo assim. Pingava de seus dedos, como o filete de sangue que escapava do queixo de Alice. Uma hemorragia de racionalidade, logo não lhe sobraria mais nenhuma. Cambaleou para frente, tomando o corpo de Alice nos braços antes que ele despencasse, sua mão ainda segurando a do filho. No limiar entre o corredor e o galpão, Júlio percebeu a silhueta branca recuando nervosamente. A voz arrogante lhe chegou aos ouvidos, em um jorro, como se ainda restasse em Júlio algo que pudesse compreender a fala humana. Como se seu cérebro, coração e entranhas não houvessem sido dilacerados, arrancados, substituídos por outra coisa, por bichos raivosos, que se mordiam e tentavam escapar pelos seus olhos. Mas o homem continuava tagarelado, insistente.

- Não foi minha culpa! Não foi! Eu tava aqui, tava aqui escondido e ela apareceu e veio, assim mesmo, sem mais nem menos, veio correndo!

- ...

- Eu só queria me defender! Eu não sabia, não sabia, não sabia que era ela, achei que fosse a coisa vindo atrás de mim!

- ...

- A culpa foi dela mesma! Burra, burra, burra! Quem mandou? Heim? Quem mandou? Tava aqui na minha, a culpa é dela!

- ...

– Fez por merecer! Menino no braço, sem marido, sem nada! Uma sem vergonha, uma perdida, uma vadia! Fez por merecer! Tá melhor assim, que vivendo no pecado!

– ...

– A culpa não foi minha! A culpa é de vocês, de vocês, dos macumbeiros, das bichas nojentas, dessas raparigas, embuchando por aí, sem Deus, sem Jesus no coração!

Júlio mal o escutava. Estava sentado sobre uma perna, com Alice deitada em seus braços. Podia sentir a outra ponta do vergalhão em suas costas, o sangue escorrendo livremente e espalhando-se aos seus pés. Sua mão esquerda descansava próxima do metal enferrujado, enquanto a direita ainda segurava a de Leozinho. O menino apenas observava, sem chorar. Os lábios dela moviam-se, mas nenhum som escapava deles. Júlio percebeu que os dentes eram pequenos e tortos. Talvez não gostasse do próprio sorriso. Agora ela não escondia a boca ensanguentada atrás das mãos. Alice suspirou fracamente, virou o rosto na direção do filho e a vida a abandonou. Dentro de Júlio, as bestas selvagens e convulsivas arranhavam, tentando escapar. Sentia o pé esquerdo dormente e pesado. Passou o corpo de Alice com delicadeza para o chão imundo e deixou seu filho apegado à mão morta que ainda segurava firmemente os dedos infantis. Ergueu-se lentamente. O homem continuava arengando, vomitando impropérios, falando de anjos, demônios, arrebatamento e julgamento. Atrás de Júlio, o corpo de Alice esfriava. Ela havia sido a primeira pessoa que Júlio encontrara enquanto errava pelo Porto, ainda aturdido após a Torre Malakoff. Havia-o apresentado ao grupo. Dividido o pouco que tinha entre si mesma, seu filho e Júlio. E ainda sorria, depois de tudo. Sorrisos escondidos, tímidos, mas ainda assim, sorrisos. O homem virou-se para Júlio, fitando-lhe os olhos. Viu as feras e suas presas, as garras ansiosas, milhares de olhos amarelos e maus, bocas salivando em antecipação. O discurso cessou. O homem enxergou o que o aguardava e recuou. Falou de pretos, viados e putas. De céu, inferno e merecimento. Ergueu os braços ao teto esburacado, deixando antever estrelas, a lua e o olhar de Deus. Júlio não parou de se aproximar, nem mesmo quando o ho-

mem desatou a chorar, miseravelmente agarrando o próprio corpo e balançando-o para frente e para trás. Mal resistiu mesmo quando sentiu as mãos em volta do pescoço.

Júlio apertou. Não parou de apertar nem mesmo quando o corpo do homem desabou, forçando-o para baixo também. Empurrava os polegares contra a traqueia oculta sob a papada pontilhada de pelos grisalhos. A pele passava do rosa ao violeta, enquanto o homem engasgava, batendo as pernas espasmodicamente. O movimento cessou, mas Júlio continuou estrangulando, até sentir o cheiro nauseabundo das imundícies que não mais podiam ser contidas nas tripas sem vida. Queria mais. Queria que o homem voltasse a viver, para que pudesse dar-lhe fim mais uma vez. Torceria seu pescoço para o lado, mais e mais, até sentir os ossos estalando, a espinha partindo. Esmurraria até que seus punhos partissem e o rosto do homem afundasse em uma pasta de sangue e migalhas de cartilagem. Uma morte apenas não lhe bastava. Júlio respirava pesadamente. Sentiu um toque leve em seu ombro. Desprende as mãos e virou-se para Leozinho. O menino apontava para as suas costas. Júlio finalmente percebeu a luz rosa-violácea que inundava o galpão. A coisa estava lá. Fluía de cada falha no teto, do corredor, juntando-se pesadamente no assoalho, em todo lugar. Não havia mais nenhuma saída. Júlio estendeu os braços para a criança, estreitando-a em seu colo enquanto a criatura se aproximava inexoravelmente. O som, mais claro do que nunca agora. Para onde quer que se virasse, o leviatã estava lá, gigantesco, inescapável, cercando-os. A poucos centímetros parou, como se estudasse as pessoas a sua frente. Júlio via apenas a imensa massa tentacular, luminescente, preenchendo todo o seu campo de visão. Abriu a boca, como que para falar. Implorar, talvez. Pela sua vida e pela do menino. Que graça, implorar a um monstro. Preferia pensar que estava prestes a dirigir alguma palavra de conforto e encorajamento à criança trêmula em seus braços. Mas seus lábios se separaram e nenhum som escapou deles. E então, a coisa os envolveu completamente.

Foi como se o tempo houvesse parado. O verme, em sua jornada para lugar nenhum, detinha-se sobre seu próprio rastro pegajoso. Júlio ainda enxer-

gava, ainda respirava. Ainda vivia. Bem como o menino. Mas tudo era silêncio ao seu redor. As fagulhas azuis planavam preguiçosamente em sua volta. Podia vê-las com mais clareza agora. Pareciam partilhar de um formato mais ou menos comum a todas elas. Definido. Humanoide, quase. E então Júlio sentiu um toque. Não em sua pele, mas dentro de si. Em sua mente. Como se uma mão gentil acariciasse seu rosto para conseguir sua atenção. E então o silêncio foi partido. Uma voz, por falta de uma definição melhor. Susurrando em sua cabeça. **Paz.** Júlio quase riu. Paz? Como podia um monstro falar sobre paz? Não havia paz ali. Apenas horror. Apenas morte. **Nós queremos paz. Nós queremos união.** Nós quem? Quem estava falando? **Todos nós. Todos um só. Para sempre.** Não. Júlio não podia aceitar. As centelhas azuis se aproximavam. Havia familiaridade nelas. Em cada uma delas. Não podia ser. **Junto de nós. Sem dor. Sem sofrimento. Para sempre. Sempre.** A palavra ecoava em seu crânio. Sentiu a raiva aflorando em seu peito. Haviam sido eles. Eles. Haviam começado tudo. Os ataques, a destruição, as mortes. **Não. Nós não. Vocês. Uns aos outros. Não atacamos. Despertamos.** As manchas não eram mais manchas. Pareciam pessoas, silhuetas animadas e azuladas. Cada vez mais perto. A cabeça de Júlio girava. Não foi um ataque? O horror no galpão? **Contato. Assimilação. União.** Mais uma palavra, mais clara do que as anteriores. **Imortalidade.**

As sombras estavam perto agora. Não precisavam de faces para que Júlio as reconhecesse. Estavam lá. Não haviam morrido. O coração de Júlio acelerou. Era loucura, mas permitiu-se um fio de esperança. **Juntos. Para sempre.** Lúcia. Alice. Lúcia. Lúcia. Tornaria a vê-la, a tomá-la nos braços. Nunca mais se separariam. Sem angústia. Sem sofrimen-

to. Sem morte. Hesitação. **Não.** Por que não? Por que não, por tudo o que é sagrado, por que não? Por que não poderia voltar para a sua esposa? Por que Leozinho não poderia rever a sua mãe? **Cascas ocas. Não há vida. Não há assimilação. Há apenas o vazio.** Não. Não. Por favor. **Mortas. Para sempre. Mortas. Nada a fazer.** Quero vê-la novamente. **Nunca mais.** Então morreria também. Não queria uma eternidade sem ela. Leozinho tinha tanto a conhecer ainda. Tanto a viver. Júlio não. Havia chegado ao limite. Não desejava mais existir. Quero morrer. Pensou. Comunicou. Essa é a minha escolha. **Escolha.** A palavra pairou no ar, reverberando no tempo inerte. As sombras o cercavam, braços fantasmagóricos estendidos em sua direção. **Escolha. Não há escolha.** O corpo de Júlio foi imediatamente avassalado. Sentia

a ânsia, a fome dos espectros ao despedaçarem seu corpo e o de Leozinho. Sua mente foi invadida por um conhecimento sem idade, profundo como os oceanos, sublime e terrível como as marés. Sentia que retornava à origem, de onde a vida havia emergido. Novamente um só. Como fora antes da separação. Da segregação. Do afastamento de onde tudo havia começado. Do mar. Gritou por Lúcia uma última vez. Sua voz juntou-se ao coral de lamentos eternos. E então deixou de ser. Para sempre.



Ilustração de Arthur Medeiros



**Fred Oliveira** é gastrônomo por profissão, historiador por formação e escritor por teimosia. Escreve há tempos, mas só agora criou coragem para mostrar o resultado ao mundo. É fã dos mestres da ficção especulativa e da fantasia, tanto internacionais quanto nacionais, de onde tira inspiração infundável e

conselho silencioso.

E-mail: [fredericotoscano@hotmail.com](mailto:fredericotoscano@hotmail.com)

# Insone

um conto de

**Octávio  
Aragão**

O vapor embaça as lentes dos óculos. O café é péssimo, como sempre, mas, graças a Deus, tenho uma garrafa térmica cheia. As instalações são precárias. Como conseguimos ir adiante com um projeto metuculoso, que exige precisão e acuidade, dentro de um ambiente tão sujo? Há areia do deserto em todos os consoles, todos os painéis de controle.

Estou há duas noites sem dormir. Eu e toda a equipe. Homens e mulheres sonâmbulos pelos corredores, trabalhando sem parar, cheirando a graxa e coisa pior (sim, porque o banheiro está entupido há mais de uma semana e ninguém tem tempo suficiente para dar atenção a uma coisa tão insignificante quanto merda flutuando no reservado masculino. Não é preciso dizer que a segurança aqui é tão alta que não há pessoal encarregado da faxina). Os militares estão pressionando. Querem resultados, e eu, que chefeo o projeto, sou o mais cobrado.

Olho para a superfície do líquido preto dentro da caneca de latão. Ainda sou eu. Mais feio, descabelado e com olhos miúdos boiando em órbitas escuras, mas ainda eu. Bebo um gole do meu reflexo. Meu gosto é horrível. Consegue ser pior que meu cheiro. Mau cheiro. Como o do banheiro masculino.

Os óculos embaçam totalmente. Estou em meu quarto, aos dez anos. O café tomou conta de tudo e a única luz que resta vem por baixo da porta. No canto, encolhido, trêmulo, sei o que acontecerá. Não é um sonho, é uma recordação, e lembranças não trazem novidades. Não me espanto com a porta que se escancara, mas grito assim mesmo. Porque tenho de gritar. É a única coisa que posso fazer além de sangrar.

A silhueta é enorme. Recortada em frente à porta, separada da realidade pelo umbral, ele me enca-

ra e sua voz, mesmo sussurrada, encobre meu grito. Ele fala e minha garganta arde. Repete a mesma laidinha de sempre, diz que sou um fraco, que puxei à minha mãe, que não sou homem. Eu me encolho mais e mais, tentando segurar as lágrimas. Tenho de provar que ele está errado, suportando tudo sem chorar.

A última frase vem, como sempre. Trata-se de uma ordem e obedeço. À essa altura não há mais luz, apenas o brilho da fivela do cinto. Uma fivela fascinante, com dois pinos que perfuram dois furos paralelos no couro reforçado. Um cinto de homem, sem dúvida. Mastigo essa imagem para escapar da dor e decoro cada centímetro da tira, cada ruga, cada imperfeição. Oito furos. Quatro pares. Dois a dois. Em sequência. Paralelos. Que nunca se encontram. Para sempre. Juntos, porém separados. Mesmo que se odiassem, nunca se afastariam.

A dor acaba. A imagem se transforma e o café não mais inunda o universo. Agora, é uma floresta linda, mas impenetrável.

Tenho vinte anos. Estou no carro verde oliva com ela, no banco de trás, e posso ver a floresta, tocar as folhas e o orvalho. Mas é só. Minhas calças parecem que vão explodir e eu imploro, estou fora de mim.

Não. De jeito nenhum. Eu estou pensando que ela é o quê? Não penso nada. Minha cabeça é um branco total. Não, branco, não. Branco é cor de pureza, de mulher. Outra cor. Minha cabeça é outra cor. Minha cabeça é da cor da frustração, da inveja e da impotência. Não só minha cabeça, a cor sou eu.

Não há mais carro, não há mais ela, não há mais eu. Apenas a floresta resiste, forte, inviolável, sem fim.

A mão sacode meu ombro e eu levanto mais rápido do que a outra pessoa esperava. É ela. Ao fundo, uma sirene berra como se anunciasse o fim do mundo e eu, o último passageiro a embarcar, estivesse atrasando o barco. Os óculos, totalmente transparentes, estão largados sobre a mesa, ao lado da xícara fria.

— Está na hora. Se o general pega você aqui é capaz de lhe dar uma surra.

Sinto a floresta recuar para dentro de mim, junto

com toda a raiva. A cor se vai, a calça afrouxa.

— OK. Deixa eu passar uma água no rosto e já vou pra lá.

Ela sorri e sopra um beijo. Deseja ‘boa sorte’ em silêncio e bate a porta.

Tenho trinta e dois anos. O espelho do lavabo me encara como se não me conhecesse e, enquanto gotejo sobre a pia, ouço meu nome pelo comunicador interno. A voz é metálica e indiferente. Aqui sou apenas uma palavra desprovida de sentido, uma bandeira sob a qual vários se abrigam, garantem um salário e a esperança de glória futura. Mais uma vez engolindo a raiva incipiente, visto o jaleco sobre o paletó amarrotado, cheio de caspa, e saio.

A janela da sala de testes mostra o cenário desértico lá fora. Aqui dentro há uma paleta de cores monótonas. Toda a equipe me deseja bom dia. Os militares, não.

— Bom dia, senhores.

Encaro os rostos esverdeados, feios, com falso entusiasmo, enquanto observo pela última vez o mundo antes que a floresta que mora em mim o engula. Lá fora, deitada sobre a areia amarela, a bomba dorme tranquila.



**Octávio Aragão** é doutor em Artes Visuais pela EBA/UFRJ (2007), com a tese *A Reconstrução Gráfica de um Candidato: como os chargistas cariocas perceberam a mudança de imagem de Luís Inácio Lula da Silva*. Professor Adjunto da Escola de Comunicação - ECO/UFRJ e lecionou antes na Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2006/2009), onde fez parte do núcleo de ensino à distância (ne@ad). Pesquisador

convidado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, PACC/UFRJ, sob orientação da professora Heloísa Buarque de Hollanda. Publicou artigos nas revistas *Revista USP*, *Arte e Ensaios* e *Nossa História*. Autor da *Graphic Novel Para Tudo Se Acabar na Quarta-Feira* (Draco, 2011), em parceria com o ilustrador Manoel Ricardo, dos romances *Reis de Todos os Mundos Possíveis* (Draco, 2013), *A Mão que Cria* (Mercury, 2006) e organizou a antologia de contos *Intempol* (Ano Luz, 2000). Co-autor do livro *Imaginário Brasileiro e Zonas Periféricas* (7 Letras, 2005), sob a coordenação da professora Rosza Vel Zoladz. Participou de diversas antologias literárias no Brasil, Portugal e Estados Unidos. Exerceu os cargos de editor de arte na Ediouro Publicações (2000/2001), sub-editor de arte no jornal *O Dia* (1997) e coordenador de arte no jornal *O Globo* (1992/1997).

# A Máquina dos Sonhos

um conto de

**João  
Solimeo**

**T**oda manhã era a mesma coisa. Roberto acordava com a nítida sensação de que havia sonhado com uma ideia fantástica para um livro, mas nunca se lembrava qual era.

Ele já havia tentado de tudo. Colocara um bloco de notas ao lado da cama, para tentar anotar os primeiros pensamentos que tinha pela manhã. Nada. Havia colocado um gravador ativado por voz (quem sabe ele não falaria durante o sono e revelaria a tal ideia genial?). Nada. Uma vez, desesperado, fora atrás de uma vidente, que alegava poder ver dentro da mente das pessoas. A única coisa que ela queria descobrir, na verdade, era o número da conta bancária de Roberto.

Ele estava com um prazo apertado. Não publicava nada novo há anos, e a pouca grana que havia ganhado com o último livro havia sido gasta faz tempo. Prometera uma primeira versão ao editor para o final do mês, e sempre que ele ligava dizia que estava nos últimos retoques da nova obra-prima. Na verdade, ele passava as noites olhando para a tela vazia do editor de texto, procurando por inspiração. Precisava de uma ideia nova, urgente.

Todas as manhãs, quando acordava, tinha certeza de que havia sonhado com uma ideia genial, mas não conseguia se lembrar qual era.

Foi então que ouviu falar do Dr. Alptraum e sua máquina. O alemão alegava ter criado uma geringonça que conseguia gravar detalhadamente os sonhos de uma pessoa. Diziam que ele era um charlatão, que só estava atrás de uma gorda verba governamental, mas Roberto se interessou pela ideia. Através de um contato no jornal, conseguiu um *frila* para entrevistar o cientista maluco; de quebra, se ofereceu como voluntário para experimentar a tal máquina dos sonhos.

O laboratório do Dr. Alptraum ficava fora da cidade, em um lugar apropriadamente estranho e sombrio. Roberto dirigiu por uma estradinha sinuosa e chegou lá à noitinha, em meio a uma chuva torrencial. Bateu na porta e foi recebido por uma senhora bem vestida, mas com cara de poucos amigos.

“Aguarde aqui” - disse a mulher.

Roberto esperou em uma sala grande e pouco iluminada. Na parede, quadros com temas noturnos. Os clichês eram tantos que ele não se surpreenderia se encontrasse, a um canto, uma lareira acesa e um mordomo encurvado, tocando um grande órgão de tubos.

O Dr. Alptraum, no entanto, não era nada do que ele esperava. O homem de cabelos louros e ombros largos entrou na sala com um grande sorriso, oferecendo a mão estendida.

“Hallo! Fez boa viagem?”

“Boa noite!” - respondeu Roberto - “Considerando a estrada escura e a chuva, até que foi tudo bem”.

O Dr. Alptraum levou Roberto até uma sala branca. Havia apenas uma cama, também branca, no centro do quarto.

“E a máquina, onde está?”

“É tudo feito através de sensores embutidos. O senhor deite aqui” - lhe explicou o doutor, apontando a cama - “e durma. Se precisar de um tranquilizante, podemos lhe oferecer um.”

Roberto declinou a oferta do remédio, mas aceitou uma bebida.

A noite veio e, com ela, um sono pesado, cheio

de sonhos mirabolantes. Entre eles, sem dúvida, estava a ideia que Roberto perseguia há tanto tempo.

Pela manhã, enquanto tomava um suco e passava manteiga no pão, Roberto aguardava, ansioso. O Dr. Alptraum havia afirmado que a máquina funcionara perfeitamente e que, muito em breve, um relatório seria impresso.

A porta da copa se abriu e lá estava o Doutor, todo sorrisos, com um maço de folhas na mão.

“Deu certo?” - perguntou Roberto.

“Sim, claro.” - respondeu o alemão - “E, se puder acrescentar, o senhor tem uma imaginação muito fértil.”

“Mesmo?”

“Sem dúvida! Tenho certeza que o senhor vai se aproveitar muito do conteúdo destas páginas” - respondeu o Doutor.

Roberto estendeu as mãos e pegou o maço de papel. Agora, finalmente, ia saber qual era a ideia com a qual havia sonhado tanto.

Foi então que Roberto acordou. E, como todas as manhãs, tinha certeza de que havia sonhado com uma ideia ótima, mas não conseguia se lembrar de nada.



**João Solimeo**, 42 anos, natural de São Paulo, formado em Jornalismo pela PUC-Campinas. Mantém o site de cinema Câmera Escura ([www.cameraescura.com.br](http://www.cameraescura.com.br)) e trabalha como Editor de Imagens no Centro de Linguagem e Comunicação da PUC-Campinas.

# Estranhas no Paraíso

(Calife visitando o universo Hegemonia, criado por Clinton Davisson)

um conto de

**Jorge  
Luiz  
Calife**

## 1 – A NAVE CRISTALINA

**C**omo representante das fadas, Liana era informada de tudo o que acontecia em sua floresta. Mas isso não fora necessário no caso da “lágrima de fogo”. A coisa caíra do céu depois de atravessar o anel incandescente de Eloh como se ele não existisse. As naves da Hegemonia só podiam entrar no planeta pelos pólos, mas aquela coisa de outro mundo também ignorara essas convenções. Atravessara os campos gravitacionais com a mesma desenvoltura com que ignorara o anel de fogo. Caíra do céu, brilhando como um minissol até abrir sua própria clareira no meio da floresta.

Assustados, os gelfos tinham mandado mensageiros pedir ajuda no reino de Basten. Mas a viagem seria muito longa e Liana decidira não esperar por ajuda de fora. Era melhor investigar a “lágrima de fogo”, descobrir se era um fenômeno natural ou uma nave de outro planeta. As fadas e os outros povos de Eloh já tinham enfrentado problemas com naves estranhas e Liana decidiu não arriscar ninguém de seu povo. Partiu sozinha, para fazer o reconhecimento do local de impacto. Afinal, a mais sábia das fadas, uma Themis guardiã da sabedoria dos Oráculos, estava mais capacitada a enfrentar o desconhecido do que qualquer uma de suas irmãs.

Levou apenas dois dias para chegar até a clareira, o ponto zero aonde o visitante viera repousar. As árvores em volta estavam chamuscadas, mas não havia mais calor. A “lágrima de fogo” esfriara e parecia agora uma espécie de grande semente cristalina, sua forma afuselada apontando para o céu. A extremidade pontuda erguia-se acima da clareira enquanto a base arredondada, com uns seis metros de largura, repousava sobre a vegetação queimada.

Era uma coisa bonita, apesar do tamanho. A luz que vinha do céu tirava cintilações de sua estrutura cristalina. Não, não era um fenômeno natural. Era um artefato, uma espécie de nave, mas uma nave diferente de tudo o que já pousara naquela região da floresta de Kellyni, na região sul de Eloh. Liana estava contemplando aquela estrutura, admirada, quando duas pessoas apareceram, vindas da floresta atrás. Uma mulher, de uns 30 anos de idade, e uma menina de uns nove, dez anos de idade. A mulher era bonita, cabelos dourados da cor do sol e olhos de um tom azul-violeta difícil de definir. A garota podia ser sua filha, era graciosa e com cabelos castanhos esvoaçantes. A roupa que elas usavam era como um manto iridescente que mudava de cor e exibia padrões mutáveis a cada movimento.

Liana tentou se comunicar por gestos, mas a garota falou com ela sem problemas.

– Já aprendemos seu idioma. Nossa chegada foi imprevista, mas tínhamos conhecimento de sua civilização. Através da sonda que mandaram.

– Sonda? O que é uma sonda?

– Deve ter sido há muito tempo, depois que construíram a esfera de Dyson além deste mundo – disse a mulher adulta. – Assim que entramos neste espaço de fase, captamos algumas transmissões da Hegemonia. E conferia com o nosso conhecimento de seus idiomas.

– Desculpe, eu não estou entendendo bem o que vocês dizem. Eu sou Liana. Eu vivo aqui com meu povo. Fico feliz que possamos nos comunicar, mas acho que precisam explicar melhor de onde vocês vieram e como chegaram aqui.

– Eu vim pelos dragões – disse a menina. – Sou Daniela, mas pode me chamar de Dani. Vocês têm dragões aqui, não têm?

– Já tivemos muitos. Mas houve uma guerra. Restaram poucos.

– Azuis?

– Não, eles não são azuis.

– Outra pista errada, não é Dani? – disse a mulher loira. – Atravessamos cinco universos, danificamos a nave no campo gravitacional maluco desse

planeta. E nada de dragões azuis.

– Mas eles existem. Eu tenho certeza disso. Estão me chamando através do espaço onírico. Talvez em outro universo, além da curvatura deste aqui.

– Vocês vêm de... outro Universo? – perguntou Liana.

– Sim, mas somos humanas, não se preocupe. Há muitas colônias humanas nos dezoito universos conhecidos. Talvez existam mais. Não sabemos. Há muitos universos flutuando no grande rio do tempo, e a maioria ainda não exploramos. Desculpe, estou sendo indelicada. Seja bem vinda a nossa nave, o sistema de propulsão está inoperante no momento, mas o suporte vital não foi afetado. Entre, não vamos lhe fazer mal.

Um círculo brilhante surgiu perto da base do fuso cristalino. A menina desapareceu através dele e a mulher indicou com a mão para que Liana fizesse o mesmo. Ela respirou fundo e passou pela interface cristalina.

Piscou os olhos assustada com a claridade. Estava em uma praia de areia branca, onde ondas azuis quebravam em rendas de espuma. À direita erguia-se uma montanha coberta pela floresta tropical e a casa, em estilo rústico, ficava uns 30 metros adiante, no fim da praia. Liana olhou incrédula para cima, para as nuvens que passavam diante de um sol duplo, um componente amarelo, outro verde, cercados por um grande halo de luz refratada.

– Onde estou? Ela perguntou confusa.

– Em nossa nave – disse a mulher loira, ao seu lado.

– Dentro da nave? Mas isso aqui é enorme, com um oceano, uma ilha....

– É só um ambiente simulado. Para tornar menos tediosa a viagem espacial.

– Simulado? Essa praia tem mais de cem metros de comprimento e a nave lá fora não tinha mais do que... seis metros de largura.

– A concha externa sim. Mas o interior fica num campo da Quinta dimensão. Pode ter o tamanho que quisermos. Pode se estender infinitamente.

– Quem são vocês? O que são vocês?

– Eu me chamo Angela e sou apenas uma mulher de uma civilização diferente da sua, Liana. Desculpe invadirmos assim o seu mundo, mas Daniela descobriu que vocês tinham dragões e queria saber se eram azuis. Vamos até a casa. É nossa base de operações e centro de controle. Vamos explicar tudo. Nosso freio Alfven falhou na fase terminal de ingresso neste continuun e nós danificamos um pedaço de sua floresta. Me perdoe, acho que podemos oferecer compensações. Mas venha, temos chá e torradas. Por favor, aceite nossa humilde hospitalidade.

Liana usou de todo o seu autocontrole para enfrentar aquela situação. Já tinha chegado até ali. Não podia recuar. Precisava recolher todas as informações possíveis para abastecer o Oráculo. A menina continuou falando enquanto caminhavam, tinha a espontaneidade típica de sua idade.

– Aquele mundo lá fora é um artefato, não?

– Artefato?

– Quero dizer, não é um planeta formado naturalmente. Ele foi criado, pela mesma civilização que construiu a esfera de Dyson neste sistema.

– Acho que sim. Não sou historiadora, mas os Oráculos dizem que Guinda, como os gelfos chamam nosso planeta, nasceu dos mesmos pais daquela grande bola negra no céu. – Liana não sabia o que era uma esfera Dyson, mas associou bola negra com esfera e concluiu que devia ser daquilo que estavam falando.

– É uma bela obra de engenharia planetária. Um milhão de quilômetros.

– A bola negra onde fica a Hegemonia tem um milhão, trezentos e noventa mil segundo os Oráculos.

– Gosto desse anel de fogo chamuscando lá em cima. Ele circula o planeta todo. Vocês nem devem saber o que é noite, não é?

– Ein? – Liana estava perdida completamente.

– Não tão impressionante quanto o mundo-anel que vimos no universo número três, mas bem adequado para uma Kardashev grau 2. Todos esses

mundos grandes demais denunciam uma origem artificial. A natureza é mais comedida.

– Kardashev grau 2? – disse a themis, confusa.

– Desculpe a Dani, ela costuma achar que todos os seres civilizados conhecem nosso sistema de referência – explicou a mulher.

– É o que vocês têm aqui. Uma civilização grau 2 na escala de Kardashev. Típica de esferas de Dyson que englobam todos os recursos de um sistema solar. Eu venho de uma Kardashev grau 4. Usamos todos os recursos de um aglomerado de galáxias e estamos expandindo.

– Ah, aqui estamos – disse a loira, abrindo a frágil porta de madeira da casa. A porta rangeu. Liana entrou num ambiente aconchegante que poderia ser o estúdio ou escritório de um navegador ou cartógrafo muito antigo. Havia vários instrumentos antigos sobre as mesas. Globos de mundos diferentes, mapas amarelados, astrolábios, sextantes, compassos. Uma escada de madeira, em espiral, levava aos quartos no andar de cima. A anfitriã saiu para uma pequena cozinha em anexo.

– Vou preparar um chá. Dani, não aborreça nossa convidada.

O sol duplo se escondia no horizonte enquanto arco-íris múltiplos pareciam brotar da espuma das ondas, lá na praia. A garota, Daniela, parecia não reparar na beleza lá fora. Ela pegou um antigo compasso dourado e apontou para o mapa sobre a mesa.

– Os antigos fazedores de mapas colocavam inscrições sobre os grandes vazios. Aqui há tigres, e... aqui há dragões. Na verdade era só um palpite, eles não sabiam realmente se tinha dragões ou tigres naqueles lugares. O mapa que eu e Angela estamos fazendo será um levantamento exato de todos os lugares que visitamos nos universos conhecidos. Teremos um círculo sobre Elohim com a inscrição “Aqui há dragões e Aqui há fadas”.

– Alguém já me disse que nós, as themis, parecemos fadas. É incrível isso aqui. Um minimundo dentro de uma nave.

– Angela diz que é um universo-bebê guardado num casulo de cristal de diomede. Com uma camada de matéria estranha para produzir um campo

antigravitacional protetor. Não há muitos lugares onde não possamos ir com esta nave. Já navegamos pelo mar de plasma da superfície de uma estrela gigante vermelha. Subimos e descemos por protuberâncias solares. Flutuamos sobre a superfície de uma estrela de nêutrons. Esse campo gravitacional foi uma das poucas coisas que nos causou problemas.

– Deve ter visto coisas que eu nem posso imaginar. E parece só uma menina de nove anos.

– Angela nasceu num mundo onde as pessoas não saiam de casa para viajar. As casas flutuavam nas nuvens, e levavam as pessoas aonde queriam. Mas isso foi há centenas de anos e agora nós viajamos entre os universos, levando o nosso próprio universo-bebê dentro de uma garrafa propulsora.

– E o que vocês querem aqui? Em meu mundo?

– Só checar se tinha dragões azuis. Sabemos que eles estão em algum lugar, aí do rio de Tempo. Pensei que podia encontrá-los aqui.

– Não posso ajudá-las. Eu nunca saí de meu mundo.

– Isso é incrível. Quando eu tinha oito anos já conhecia vários sistemas diferentes. É claro que o rio do tempo é incrivelmente vasto. A gente pode fazer visitas rápidas aos lugares mais interessantes, mas sempre haverá outros lugares para descobrir, novos panoramas para nos alegrar.

A mulher loira entrou com a bandeja de chá e torradas.

– Espero que goste. É feito com folhas escolhidas.

– Obrigada. Pretendem se demorar aqui?

– Acho que não – disse Angela, servindo o chá em xícaras de porcelana. – Este é um mundo em conflito, cheio de forças militares. Uma sociedade de guerreiros, e em lugares assim os forasteiros nem sempre são bem vindos.

– Se vieram em paz, são bem vindas em nosso mundo.

– Só precisamos consertar a nave, e partiremos. O próprio conhecimento da nossa existência pode perturbar a sua sociedade. Chegamos, olhamos e

partimos. Ainda temos muitos mundos para visitar.

– De que precisa para consertar sua nave-universo volante?

– Nada, ela se autorrepara. Em dois dias estará pronta para partir. E desta vez sairemos pelo pólo. É muito mais seguro.

– Sejam bem vindas então.

## 2 – O PAÍS DAS FADAS.

Daniela adorou passear pela floresta e conhecer o lar das themis, construído sobre um enorme rochedo flutuante. A gravidade do planeta fazia com que, em determinadas épocas, como agora, uma cascata d'água subisse de um lago até o rochedo, criando um rio ao contrário, onde muitas themis e indras se divertiam nadando e navegando. Liana disse que se viajassem por duas semanas poderiam ver um dragão de verdade. Mas Angela estava preocupada. Ela queria partir assim que a nave estivesse reparada. Havia boatos de naves e veículos militares incursionando na floresta. Talvez atraídos pela queda da nave.

– Vamos embora amanhã. Esse sistema é um daqueles estados policial-militares e eu não quero problemas com as forças de segurança.

– Mas aqui é tão bonito, Anjo.

– Não me chame de Anjo.

– Eu me sinto como se estivesse numa daquelas simulações de Espada e Magia. Olhe essa floresta. Já viu árvores tão altas? E essas indras, elas parecem o povo de Shalmirane. Eu queria ver os Oráculos. E os dragões. Vocês também têm sereias?

– Devem estar se referindo aos merfolks – concluiu Liana.

– Este lugar é o paraíso!

– Amanhã partimos Dani. Bom, eu achei aquele rio que corre ao contrário bem convidativo e vou tomar um banho. Logo mais a gente janta com suas amigas.

– Por favor, Angela, só mais uma semana.

– Lembra do que aconteceu em Jahren? Eu fui

presa e você teve que apagar o sol deles para que me libertassem. Não queremos esse tipo de confusão por aqui.

– Foi só um eclipsezinho com a vela do freio Alfen. Aqui é um mundo mais avançado. Eu teria que fazer alguma coisa mais drástica. Como jogar um destes rochedos celestes em cima da capital do planeta. Ou apagar o anel de plasma lá em cima.

– Nem se atreva, Dani. Nem se atreva.

As preocupações de Angela revelaram-se proféticas. Uma hora depois algumas indras trouxeram a notícia de atividades de uma estranha e imensa nave surgida do leito de um rio ao sul e estavam bem próximas da clareira.

– Eles podem achar a nossa nave. Ou a Angela. Eu tenho que sair daqui depressa.

– Eu te levo até sua nave – disse uma das indras.

– Pode deixar. Eu tenho um transporte rápido – E, dizendo isso, Dani materializou uma bola de sabão gigante e fugiu dentro dela em alta velocidade.

Angela teve um contato mais imediato. Ela estava nadando com dezenas de fadas numa cascata que subia para o rochedo. As águas eram calmas e cristalinas, como se não houvesse gravidade. Ela estava totalmente despreocupada, quando viu dois seres a observá-la. Eles usavam um tipo de armadura cibernética; embora parecessem robôs de três metros de altura, havia humanoides ali dentro e não pareciam amistosos. Angela tentou parecer cortês e amável apesar de estar sem roupa, num lago de águas cristalinas.

– Oi, a água está uma delícia. Vocês são daqui?

– Vista suas roupas e venha conosco.

– Eu estou com as fadas. Sou uma hóspede da themis Liana.

– Você não é uma indra, nem uma themis. Elas não têm a pele clara como luar, nem olhos dessa cor – disse um dos soldados. – Você veio com aquela nave de cristal, não veio?

– Que nave de cristal?

– Temos ordens de levá-la ao nosso veículo para ser interrogada.

Angela saiu da água, se secou e materializou um traje adequado.

– Tudo bem, eu vou com vocês. Mas primeiro preciso passar na minha nave para desativar o sistema de segurança. Ela pode virar um buraco negro e engolir todo este planeta se eu não o fizer.

– Então admite que veio naquela coisa de cristal?

– Não é uma coisa. É um miniuniverso volante. E vai implodir se eu não for lá agora e desativar os sistemas de segurança. Quer ser o responsável pela destruição de todo este mundo?

Os soldados hesitaram. Pareceram se comunicar com alguém através dos sistemas de seus cibertrajes. Então concordaram.

– Tudo bem, moça. Mas não tente nada.

– E o que eu poderia tentar contra rapazes tão bem armados como vocês?

Queria se despedir de Liana, afinal ela fora uma anfitriã tão gentil, mas agora não havia tempo para isso. Tinha que sair “a francesa” e bem depressa.

Os soldados a levaram até a clareira entre as árvores gigantes e Angela viu que sua nave cristalina já estava cercada pelas tropas. Havia uns trinta homens, todos com aquelas armaduras que chamavam de Derma. Liana estava lá, mas não havia sinal de Daniela em parte alguma. No meio da clareira, um veículo que lembrava um grande tanque de guerra.

– Ela entrou na nave, Angela. Eu sinto muito – disse Liana.

– Tudo bem. Daniela tem medo de homens armados e máquinas de guerra. Ela trabalha para as amazonas de Vega, mas elas não são tão ameaçadoras.

Um oficial se aproximou com dois soldados.

– Disse que precisa desativar o sistema de segurança de sua nave. Nós vamos com você.

– Certo, me acompanhem.

A íris se abriu na base do fuso de cristal. Mas só Angela passou. Os soldados e o oficial foram detidos pela membrana e jogados para fora. Logo depois um campo de antigravidade jogou todo mundo a dez metros de distancia. Os soldados ativaram

suas armas e pediram apoio.

### 3 – JOGOS DE GUERRA

Daniela recebeu Angela em sua praia particular. Ainda era noite naquele minimundo, coisa que não existia no macromundo lá fora, e o céu acima estava cravejado de estrelas. Uma lua cheia enorme se erguia sobre o mar e um galeão do século dezessete ancorara na laguna, a uns duzentos metros da arrebentação.

– Estou fantasmizando a nave e ordenando partida imediata – disse Daniela. – Como se sente?

– Angela Duncan no século 36 e meio. Em fuga, mas inteira.

– Isso aí. O Buck era especialista nesse tipo de escapadas, mas nós temos equipamento melhor do que o dele. Vamos para o navio?

Angela deu uma olhada rápida na casa iluminada, lá no final da praia, o refugio seguro. Suspirou e se voltou para o galeão iluminado pela lua cheia.

– Você chamou o capitão... É tão grave assim?

– É. Tem umas naves de guerra vindo para cá. E elas são grandes como luas. É melhor entregar o controle pro capitão.

– Vamos lá.

– Pro tapete mágico, não temos tempo para o escaler.

Angela subiu no tapete persa que fora estendido sobre a areia molhada. A coisa voou com ela e Daniela para o navio. Quando passaram por cima das ondas da arrebentação a mulher loira reclamou.

– Dani? Não podemos dispersar com essas simulações todas. Isso aqui é uma fuga.

– Desculpe Anjo, mas eu sou uma navegadora onírica. Eu preciso de todo um clima de sonho para trabalhar. Senão eu não funciono.

– Então não perca a inspiração. Precisamos fugir agora mesmo. Use todo o suporte onírico de que precisar.

O tapete deixou as duas no convés de madeira do navio, onde foram recebidas por um pirata de perna

de pau, olho de vidro e papagaio no ombro. Dani adorava essas coisas.

– Já mandei enfunar todas as velas, senhoritas. Estamos partindo com a maré.

– Levante âncora, capitão. Não temos tempo a perder.

Estranhamente, não havia outros tripulantes a bordo do galeão pirata. Os cordames se moveram sozinhos, as velas se abriram sem ninguém para desfraldá-las. Angela, Daniela e o capitão subiram a escada para o castelo de popa. O pirata pegou a roda do leme enquanto o navio rangia, começando a girar na direção da lua cheia.

Angela e Daniela olharam para o céu estrelado acima. As estrelas estavam se movendo. Não era mais uma simples simulação de uma noite tropical. Transformara-se em uma representação holográfica do céu ao redor de Eloh.

– Vamos sair pelo equador mesmo. Isso vai surpreendê-los.

– E quanto aos campos gravitacionais?

– Essa nave já enfrentou a gravidade na superfície de uma estrela neutrônica. Isso aqui é brincadeira, a nave já deve ter aprendido a lidar com eles, não é capitão? – Perguntou Daniela, toda confiante.

– Se diz assim, senhora. Aqui vamos nós. Ioho! E uma garrafa cheia de rum.

– Aos seus postos. Aos seus postos! – gritou o papagaio.

Um círculo negro encobriu a lua cheia no céu acima. Angela reconheceu o freio Alfven, que fora descartado quando se aproximavam do planeta. Agora deviam reacoplar com aquela parte da nave para sair daquele universo. Mas havia um problema. Duas naves de combate imensas convergiam para ele.

– Dani, temos que reacoplar com o freio ou ficaremos aqui para sempre – disse Angela, preocupada.

– Depressa, capitão. Força total!

– Sinto muito, pequena senhora, mas esse barco não reage tão depressa assim.

A bordo da nave de combate Árluz, o capitão John Taylor olhava para a imagem da vela circular, enquadrada em seu holograma tático. A oficial tática Kerllen, ao seu lado, chamou sua atenção para um novo alvo na tela: uma espécie de gota luminosa que se afastava rapidamente de Eloh e rumava ao encontro da vela.

– Estão fugindo, capitão. Conseguiram escapar da tropa no solo e ultrapassaram o campo gravitacional.

– Não vão fugir. Aquela coisa lá é como um tipo de vela fotônica. Elas precisam daquilo para fugir deste sistema. Chame a Garfaria. Vamos disparar em conjunto contra aquela vela.

– Sistemas de armas prontos, capitão.

No céu holográfico, acima do galeão pirata, círculos da eclíptica e meridianos celestes surgiram em luz fluorescente, enquanto elipses indicavam as posições da Árluz e da Garfaria rumando para destruir o freio Alfven. Angela sentia o coração bater acelerado em seu peito.

– Dani, eles vão atirar no nosso sistema Alfven. Faça alguma coisa!

– Vou mudar a simulação. Esse galeão é muito lento. Precisamos de algo mais rápido. Programa 16.2. Rodando agora.

Houve uma mudança sutil. O galeão do século 17 transformou-se numa galera mercante árabe de velas triangulares e casco hidrodinâmico. E na roda do leme o pirata de perna de pau tornou-se o atlético e sorridente Simbá, “a lenda dos sete mares”. Ele sorriu para Daniela.

– E aí, Dani? Só lembra de mim quando a situação fica crítica, não é mesmo?

– Você é um mestre em fugas, Simbá. Tire a gente daqui.

– Não se preocupe. A Quimera já fugiu da frota de Zenóbia. Não vai nos desapontar.

– Simbá, aquelas macronaves estão a ponto de vaporizar nosso sistema Alfven – disse Angela, pre-

ocupada. Se vai fazer alguma coisa, faça agora!

– Olha, cabelo dourado, isso vai lhe custar caro. Eu sou um mercenário e cobro caro pelos meus serviços.

– Eu te dou o que você quiser. Mas neutralize aquelas naves agora!

– Assim é que se fala. Eris querida, é com você.

No céu holográfico acima da galera, uma nebulosa fluorescente azul apareceu do nada e mudou de forma rapidamente. Transformou-se numa mulher gigante de cabelos negros que flutuavam em gravidade zero. Ela estendeu os braços e agarrou a macronave Arluz com a mão direita e a Garfaria com a esquerda. Com um movimento elegante, as atirou para bem longe. O capitão John Taylor nem entendeu direito o que acontecera. Num instante ele estava com um alvo enquadrado e a arma de ondas carregada e a ponto de dar a ordem de fogo. E alguns segundos depois estava nas proximidades do planeta Thor, a milhões de quilômetros de Eloh. E ninguém sabia explicar como tinham vindo parar ali.

A Stardancer acoplou-se sem problemas com seu sistema Alfven e começou a acelerar para velocidade de fase. Dentro do casulo cristalino, no miniuniverso interior, a deusa Eris soprava as velas da Quimera, dando-lhe todo o delta V necessário.

– Obrigada Eris, fico te devendo essa.

– E eu vou cobrar com juros, meu querido – disse a deusa, voltando a se transformar em fumaça.

No céu acima as estrelas fluíram, caindo em direção à faixa semicircular do zodíaco. Logo todas as estrelas estavam comprimidas num arco de luz prateada, que saltava sobre o mar, de um horizonte a outro.

– Aceleração máxima atingida – concluiu Daniela. – Starbow acima. Espaço de fase à frente. Obrigada Simbá, você e Eris foram magníficos.

– Agora é a hora do pagamento – disse o lendário marujo. Ele prendeu a roda do leme, agarrou Angela Duncan e a ergueu nos braços. Ela pareceu atônita e o herói acrescentou: – Você disse que me dava o que eu quisesse. E é você que eu quero loira.

Toda pra mim. Com licença, Dani.

E, dizendo isso, ele carregou a bela mulher para a cabine do capitão, fechando a porta com o pé.

Daniela assoviou uma musiquinha e foi passear no convés da Quimera. Fazia tempo que não usava aquela simulação. Mas estava tudo igual à última vez. Até a lasca no casco quando Marina Jen assumira o comando para fugirem das hidras de Jopar. Olhou para a noite lá fora. O mar calmo refletia o arco de estrelas no céu absolutamente negro. Parecia formar um círculo de luz aperolada em torno do navio. Atrás, uma esteira fosforescente azul, formada por plâncton, estendia-se até o horizonte.

Angela saiu da cabine algumas horas depois. O cabelo desarrumado, vestindo uma camisola de seda com uma alça arrebitada. Parecia exausta, mas feliz.

– Ele é mesmo ótimo em tudo que não faz, não?

– Um pouco autoconfiante demais pro meu gosto. E aí? Pronta pra outra?

– Retiro tudo o que eu disse de mal sobre navegadoras oníricas.

– É bom mesmo. Sabe, foi uma pena partirmos de Eloh com tanta pressa. Havia tanta coisa para ver, tantos bichos exóticos.

– Da próxima vez você vem com a Marina ou a Dafne, elas gostam de viver perigosamente.

– Praticamente não vimos nada. Foi como sobrevoar a África de balão. Você tem uma visão geral do panorama, mas não fica sabendo nada das culturas, dos hábitos dos animais.

– E você já voou de balão sobre a África?

– Claro, com Júlio Verne. “Quatro semanas de balão”.

– Pensei que fossem “Cinco semanas em um balão”.

– Eu tava sem tempo, daí rodei a versão reduzida, “Quatro semanas e meia”.

– Tá bom, vamos para Ilhastral. Eu preciso descansar em pouco. Recarregar minhas energias.

– Por favor, Anjo, você prometeu. Só mais um

universo.

– Não, Dani. Já fomos longe demais.

– Eu sei que os dragões azuis estão lá, Angela. E o conhecimento que eles têm é vital para a nossa luta contra a entropia. Só mais uma tentativa.

– Está bem, mas dessa vez vamos observar de longe. E só pousar num mundo quando tivermos certeza.

– Fechado.

A loira caminhou até a amurada e olhou para o arco de estrelas refletido no mar escuro. Pela espessura e as cores na borda, calculou que deviam ter atingido o fator tau necessário. Como é que Daniela fazia isso? Como é que as fantasias de uma navegadora onírica comandam campos gravitacionais e eletromagnéticos no universo “real”? Se é que existe um universo real. Aquelas naves gigantes tinham sido lançadas longe como brinquedos. Tinha algo a ver com os moduladores de espaço-tempo lá no caule da vela Alfvén. Onde é que vamos parar? Aonde os sonhos e fantasias da Dani iam conduzi-la? Afinal, uma navegadora onírica pode modelar a espuma quântica do espaço-tempo. O próprio tecido da realidade.

Estava cansada demais para pensar nisso naquele momento. A noite de amor com Simbá fora um tanto exaustiva, mas deliciosa. E naquele momento ela só queria deitar e dormir um pouco.

Antes de despertar num novo mundo.

Além do arco de estrelas.



**Jorge Luiz Calife** nasceu em Niterói em 23/10/1951. É jornalista e tradutor tendo trabalhado no Jornal do Brasil e na United Press International. Colaborou com Arthur C. Clarke na criação do romance “2010: Odisseia II” (continuação do clássico “2001: uma odisseia no espaço”) e é autor de mais de dez livros de ficção e divulgação científica. Seus títulos incluem

a Trilogia Padrões de Contato, o romance Angela Entre Dois Mundos, Como os astronautas vão ao banheiro e O cachorro que tinha medo de trovoada. Participou com o conto “Tempo Instavel” da antologia SPACE OPERA - Vol.1 (Editora Draco). Atualmente mora em Pinheiral e escreve para o Diário do Vale, de Volta Redonda.

# A Lista: A Última Supernova

um conto de

**Renato A.  
Azevedo**

**O** grande anel de material que circundava o buraco negro cintilava de leve, produto de inúmeras colisões dos incontáveis objetos se chocando, enquanto orbitavam o grande sorvedouro espacial.

Ysaac Vergne ajustou o visor do capacete do traje espacial, fazendo com que as informações dos sensores se concentrassem nos lados, ao alcance de sua visão periférica. Apoiado no parapeito da varanda de um dos edifícios da capital da Terra, observava a cena graças à função de intensificação de luz do equipamento. Levou a mão direita ao pequeno painel no pulso esquerdo, e por um momento deixou o visor funcionando somente em luz visível, olhando ao redor.

A fraca luz emanando de algumas das janelas dos prédios mais baixos ao redor não o deixou desanimado. O que o aborrecia mesmo era já estar acostumado àquela vida, a escassez, e os amigos mantidos compulsoriamente em hibernação, com os quais tinha contato somente pela realidade virtual. Ele se obrigava a sair ao exterior todos os dias e ver aquilo, para tentar conseguir forças e ânimo a fim de prosseguir aquela luta desesperada.

Seu universo estava morrendo. Muito antes, em um tempo perdido na memória do que restava da humanidade, pois os velhos arquivos eram quase inacessíveis devido à escassa energia disponível, sua Terra fora movida para a órbita daquele buraco negro. Ysaac sempre se interessara pela forma como aquela realização extraordinária foi conseguida, porém seus pedidos para uma cota de energia maior a fim de pesquisar a respeito foram negados pelo Conselho de Administração.

Era estranho para ele tratar com um conselho de administração, quando havia somente cerca de duzentas pessoas despertas ao mesmo tempo em seu

mundo. Existia um revezamento, e Ysaac lembrava da frustração sentida em seus últimos turnos no casulo. Agora, era um dos permanentemente liberados dessa obrigação, pois havia se tornado muito importante.

– E então, vai ficar aí fora quanto tempo mais? O universo não está ficando mais jovem!

O gracejo de Thorem Namek o tirou de seus devaneios. Respondeu:

– Já estou entrando.

Ysaac era astrofísico, e mesmo se seu pedido de investigar outras pastas dos arquivos centrais da Terra fora negado, ainda era a pessoa com a maior liberdade de acesso aos documentos de sua história, pois estava procurando uma maneira de escaparem de seu destino. Ele havia ganhado notoriedade ao redescobrir uma velha teoria, a qual versava sobre a existência de outras realidades. E isso ocorreu pouco antes de outro evento, ainda mais surpreendente, e no qual o Conselho de Administração depositava, de forma afoita no entendimento de Ysaac, todas as suas esperanças.

Namek o aguardava na saída da câmara de descompressão. Era somente um pouco mais velho que Vergne, entretanto já ocupava uma posição de destaque no Conselho, tendo revolucionado as técnicas de captação da Radiação de Hawking emitida pelo buraco negro. Por sua influência a fábrica de produção de componentes do Enxame Dyson era a instalação mais utilizada do planeta, e mais unidades entravam em órbita a cada dia, sorvendo cada naco de energia do objeto escuro.

– E então, alguma novidade da Lista?

Ysaac o olhou com cara de desânimo, arrumou a roupa amarrotada por ficar muito tempo dentro do traje espacial, e respondeu:

– Nada ainda. E novamente, eu preferiria que vocês não alimentassem muitas esperanças quanto a isso.

– Mas você não consegue entender como isso é fabuloso, Ysaac? – perguntou Thorem. – Se alguém consegue fazer com que pessoas troquem mensagens através de realidades paralelas por meio de computadores, então talvez também seja possível

enviar matéria de um universo a outro! Isso pode simplesmente representar a salvação de todos nós!

– Abrir uma passagem entre realidades, teoricamente, é possível. Porém, até o momento, minhas descobertas indicam que isso pode requerer uma quantidade muito maior de energia daquela possível para nós.

Ysaac caminhou ao lado do conselheiro, passando por vários corredores. Atrás das portas fechadas de ambos os lados sabia que estavam pessoas deitadas em suas câmaras de estase, consumindo uma quantidade ínfima de recursos comparada a de quem estava acordado, enquanto se distraíam na realidade virtual.

Aquilo não era vida, pensou Ysaac. Talvez fosse melhor parar de lutar diante do inevitável, afinal de contas. O buraco negro ainda seria capaz de sustentá-los por milênios, desde que todos os seres humanos estivessem hibernando. Ele às vezes se arrependia por suas descobertas. Quanto àquele misterioso fórum transdimensional de comunicação, a Lista, ele vinha mudando de ideia a respeito, graças a uma certa pessoa.

– Senhoras e senhores, nossa jornada chegou ao fim! – disse orgulhoso o doutor Nahedim Saksayman. – Nossa nave, o cruzador de pesquisa Sagan, está na órbita de Betelgeuse 4, na região de nossa galáxia correspondente àquela onde, há bilhões de anos e de acordo com os registros históricos, existia a Nebulosa da Águia.

Todos observaram através das imensas janelas do salão de observação da Sagan. Lá fora, a uma distância de um bilhão de quilômetros e imersa em um ofuscante brilho vermelho, estava Betelgeuse 4. Esta era a última gigante vermelha de sua galáxia, possivelmente também de seu velho universo, uma fornalha nuclear de diâmetro superior a 500 milhões de quilômetros.

– E nesta região se localizavam os Pilares da Criação, um dos maiores berçários de estrelas da antiga Via Láctea, não é mesmo, doutor Saksayman?

Todos olharam para a dona daquela voz. Tamar Millen ruborizou levemente, e o astrofísico deu

uma risadinha antes de responder:

– Sim, senhorita Millen. Na verdade, como tudo no Universo está em perpétuo movimento, estamos na verdade no local onde os restos daquela nebulosa teriam ido, se não houvessem sido destruídos por seguidas explosões de supernova. As simulações por computador permitem reproduzir os mecanismos galácticos, possibilitando que em poucos minutos possamos assistir a milhões ou até bilhões de anos de história das estrelas de nossa galáxia.

O cientista fez uma pausa e comentou:

– A senhorita mostra um surpreendente conhecimento de astronomia! Essa é sua formação?

– Sou meramente interessada na matéria, doutor – respondeu Tamara. – Sou programadora e projetista de realidades virtuais, e me permita acrescentar, trabalhei em vários projetos de simulações como os que mencionou.

– Parabéns pelo interesse, minha cara! – Saksayman sorriu, e depois voltou a se dirigir a todos.

Tamara suspirou e olhou pelas amplas janelas. O brilho da supergigante vermelha ofuscava tudo ao redor, e ela sabia que seria impossível aquela visão sem os filtros especiais instalados nas janelas.

Ela pensou especialmente no privilégio de estar ali. Seu universo era velho e decadente, e a Terra que neste momento estava a 7.000 anos-luz de distância deles orbitava uma pequena estrela anã branca, o antigo Sol de seu sistema. Sua Via Láctea não existia mais, embora todos continuassem a chamá-la assim, pois havia se fundido a uma galáxia vizinha chamada Andrômeda. A colisão produzira algumas pequenas galáxias satélites, e isso era tudo que eles conseguiam enxergar.

As últimas galáxias haviam desaparecido de seu campo de visão havia muito tempo, movidas pela expansão de seu Universo. Sua própria ilha estelar estava se tornando mais desinteressante conforme o tempo passava, pois a vasta maioria de suas estrelas se resumiam a pequenas anãs vermelhas e outro tanto de anãs brancas. Um punhado de estrelas amarelas havia restado, e havia ainda o grande evento dos últimos séculos na galáxia: a supernova de Betelgeuse 4. Enquanto isso boa parte das pesso-

as na Terra preferia passar o tempo nas simulações virtuais do que na vida real. Os governantes secretamente aprovavam, diante da economia de recursos cada vez mais escassos proporcionada por esse comportamento.

Tamara olhou o relógio, ansiando pelo seu horário na rede de comunicação hiperluz, e voltou a prestar atenção em Saksayman.

– A astronomia dos vários mundos de nossa federação sabe há mais de quatro séculos que Betelgeuse 4 se tornará uma supernova agora, em nossa época – prosseguiu o astrofísico. – Por isso, desde o princípio dessa longa espera um ambicioso projeto foi traçado e executado, um projeto que, se bem sucedido, pode representar uma sobrevida para nossa combatida galáxia!

– Diligentemente, frotas de naves correram de sistema em sistema, recolhendo poeira, rochas, asteroides, cometas! – prosseguiu sem pausas o cientista, utilizando como auxílio um projetor tridimensional. – O objetivo é produzir um novo berçário de estrelas, com o qual talvez possamos criar até mesmo novos mundos!

Os gráficos mostraram várias nuvens gigantesas circundando o sistema da gigante vermelha. A ideia era que a onda de choque da colossal explosão perturbasse tais nuvens, a maior delas com quase seis anos-luz de tamanho, forçando a criação de estrelas. Naves e tripulações foram usadas até a exaustão absoluta para realizar aquele ambicioso objetivo.

Para: A LISTA; Ysaac Vergne

De: Tamara Millen

Assunto: Na expectativa da supernova

... E além disso, a explosão será acompanhada por um grande número de sondas espaciais, estacionadas a intervalos regulares da estrela. Todas transmitindo em hiperondas, a fim de que as informações cheguem até os cientistas instantaneamente. Frotas de naves também estão a postos para recolher elementos remanescentes da explosão, então mesmo se o projeto do berçário estelar artificial não der resultado,

teremos algo útil para usar.

E você, Ysaac, como está? Sei como é duro seu trabalho, tentando encontrar uma forma de sobreviverem, mas não acredito que o entusiasmo de seu pessoal seja em vão. Na verdade acredito na mesma coisa! Afinal, se sinais podem viajar entre as realidades, quem sabe matéria e até mesmo pessoas não podem fazer o mesmo?

Sabe, alguns dias também desanimo. Meus projetos de realidades virtuais têm, muitas vezes, aquele céu estrelado maravilhoso com que tanto sonhamos. Depois de tantas encomendas, acabei realmente tomando o gosto da Astronomia, e sinto inveja dos colegas da Lista vivendo em universos ainda jovens, cheios de estrelas!

É estranho como esta viagem mexeu com meus sentimentos. A alegria de ter obtido permissão de acompanhar a supernova, e ao mesmo tempo a melancolia de assistir algo que está acontecendo pela última vez. Nunca mais, pelo menos em meu universo, alguém vai ver uma coisa assim!

Mas eu faço o possível para não desanimar, e quero que você tente o mesmo, Ysaac! Não desanime! Tenho adorado nossas conversas, especialmente depois daquele programa de conferência em tempo real surgir na Lista. Andei perguntando, aliás, e ninguém sabe quem o colocou lá! Enfim, não mais do que trocar mensagens com quem está em outro universo, não é mesmo?

Até breve, meu querido, e beijos!

Ysaac terminou de ler a mensagem de Tamara, e percebeu como a invejava. Ela se queixava das poucas estrelas pálidas em seu céu, porém ele daria tudo para poder ter aquela visão, e não o negrume percebido na região oposta a do buraco negro que sustentava sua civilização. E o jovem astrofísico percebeu ainda outra coisa. Daria o dobro daquilo para estar junto a Tamara.

De acordo com os dados enviados pelas sondas mais próximas da estrela, blindadas para resistir à torrente de radiações e ao calor de milhares de graus, a explosão de Betelgeuse 4 se daria em cinco horas. O doutor Saksayman estava no observatório da Sagan, discutindo com seus colegas e observando incessantemente a gigante vermelha, quando um alarme geral soou.

Os cientistas ficaram preocupados, porém Nahe-dim ordenou que continuassem o trabalho. Seguido por Tamara, o cientista dirigiu-se para a ponte de comando, encontrando a capitã da nave, Jenna Sims, discutindo com a equipe da engenharia.

– O que aconteceu? – perguntou ele.

A comandante da Sagan era jovem mas possuía muita experiência, razão pela qual fora designada para aquela velha nave científica. Virou-se para Saksayman em meio a uma praga:

– Eu nunca quis comandar este ferro-velho mesmo!

O engenheiro-chefe deu as explicações a um sinal de Sims:

– Estamos com um problema nas conexões de força dos motores de hiperluz. Precisamos de pelo menos seis horas para os reparos.

– Mas a supernova acontecerá de acordo com as previsões em menos de cinco horas! – disse Nahe-dim.

– Temos essa contagem regressiva sendo sinalizada em quase todos os monitores da nave, doutor Saksayman! – vociferou a capitã Sims. – Faremos o máximo possível para sairmos daqui antes que seja tarde demais.

– Você não está entendendo, capitã – acrescentou o cientista. – Não basta nos afastarmos de Betelgeuse 4. A força da explosão deverá se propagar a perto de um terço da velocidade da luz, e evidentemente a radiação terá a velocidade da própria luz! Se não tivermos os motores hiperespaciais funcionando...

– Poderíamos chegar a vinte milhões de quilômetros da coroa da estrela em duas horas.

Todos se viraram para Tamara Millen. A programadora usava um pequeno computador de mão, e levantou a cabeça constatando o interesse de todos. Saksayman se aproximou e, olhando por sobre o ombro da jovem, observou as simulações na tela do aparelho. Finalmente sorriu e a elogiou:

– Minha cara, seus conhecimentos em Astro-nomia e mecânica orbital são realmente notáveis, meus parabéns!

– Alguém quer me explicar que sugestão maluca é essa? – perguntou Jenna.

– É simples, capitã – disse Tamara depois de ser incentivada pelo olhar de aprovação de Nahedim. – Usando os motores normais podemos acelerar e colocar a Sagan em queda livre rumo a Betelgeuse 4. À distância de vinte milhões de quilômetros de sua coroa, os campos defensivos ainda conseguem nos proteger do intenso calor, e podemos manobrar para realizar uma manobra estilingue. Assim sendo, nas menos de cinco horas até a supernova estaríamos em um ponto duas vezes mais distante da estrela que nossa localização atual.

– Mesmo com a explosão, a equipe teria tempo de finalizar seus reparos – completou Saksayman. – Então a propulsão hiperluz poderia ser acionada antes de sermos atingidos pelos efeitos mais nocivos do fenômeno.

A equipe de engenharia começou a confabular com os oficiais de navegação e Jenna Sims, e todos conferiram os cálculos de Tamara. Gráficos surgiram nas telas principais e finalmente a expressão da capitã se mostrou menos tensa. Virou-se para Tamara e Nahedim e por fim disse:

– Muito bem, é o melhor plano que temos. Qual é mesmo sua atividade lá na Terra, senhorita Millen?

– Sou programadora de realidades virtuais, capitã. Como pode imaginar, um detalhado estudo é necessário, seja histórico ou astronômico, dependendo da simulação pretendida.

Sims sorriu de leve, e o engenheiro chefe veio lhe cochichar algo no ouvido. A capitã voltou a ficar séria e disse:

– Evidentemente ninguém previu problemas

nesta viagem, e estamos com uma tripulação reduzida. O engenheiro chefe me disse que se eu comandar uma segunda equipe os reparos podem ser concluídos com maior rapidez.

Ela se aproximou dos dois e disse:

– Infelizmente sequer um imediato trouxemos neste cruzeiro. Mas lembro bem que o senhor, doutor Saksayman, tem experiência em comando de naves...

– Foi há muito tempo, capitã, nas batalhas contra os rebeldes de Lalande 21185.

– É como andar de bicicleta, doutor! – comentou Sims em meio à primeira risada que eles testemunhavam.

Dito isso, ela ordenou que os oficiais de pilotagem e navegação acionassem os motores, e a Sagan foi retirada da longa órbita, começando a cair em velocidade cada vez maior rumo à última gigante vermelha prestes a explodir.

Sims ainda comunicou-se com as demais naves que observavam o fenômeno, todas longe demais para que pudessem ajudá-los, e instruiu a tripulação da ponte de comando para obedecer às ordens do doutor Saksayman.

– A ponte é sua, doutor! – ela disse antes de se retirar rapidamente com os engenheiros.

Nahedim, hesitante, subiu no pedestal onde se situava a poltrona do capitão, ladeada por diversos controles e telas, e sentou-se. Tamara sorriu para ele, e o astrofísico finalmente disse:

– E ainda chamei esta de “a viagem de uma vida”. Agora parece que será mesmo.

DE: Ysaac Vergne

PARA: A LISTA; Tamara Millen

ASSUNTO: Re: A aventura acaba de ficar ainda maior

Querida Tamara, ainda estou boquiaberto com suas imagens. É pena mesmo que nosso contato precise ser intermitente, pois não existe outra pessoa na Lista com a qual queira usar de novo

o programa de conversa em tempo real. Seu universo é somente uma sombra do que já foi, eu sei, mas diante do meu não hesitaria sequer um instante em mudar-me para aí!

Contudo, o restante de sua mensagem me deixou apreensivo... na verdade, com muito medo! Nunca vi uma estrela na vida, mas conheço nossos arquivos históricos, e sei o que é uma gigante vermelha, e também uma supernova. Não há qualquer garantia de a previsão do momento da explosão ser acertada, e se suas sondas funcionam como as existentes em minha realidade éons atrás, são muito imprecisas para acompanhar o funcionamento do núcleo estelar.

Assim, é quase impossível saber quando o processo de fusão produzirá o ferro, causando segundos depois o completo colapso do núcleo. A desconumal gravidade das camadas superiores faz com que a estrela imploda e finalmente produza a gigantesca explosão conhecida como supernova.

Enfim, agora não existe mais retorno. Espero que esta mensagem consiga chegar até você, pela Lista, antes de nossa janela de comunicação fechar-se novamente. E, naturalmente, torço para que em breve volte a me escrever.

Estarei pensando em você o tempo todo.

Com carinho,

Ysaac

Tamara leu a mensagem, que havia percorrido os insondáveis abismos entre as realidades em um instante, e abraçou seu computador portátil. O texto chegara segundos antes da janela de comunicação com a rede solar de informações se fechar. Estavam viajando a nove por cento da velocidade da luz, e restavam poucos minutos para o ponto de máxima aproximação com Betelgeuse 4.

Somente as comunicações hiperluz essenciais continuavam funcionando, e os reparos seguiam mais depressa que o previsto. Na última mensagem,

a capitã Sims dizia esperar terem a propulsão de volta no máximo uma hora após o encontro com a estrela.

A moça guardou o pequeno computador no bolso da jaqueta, apanhou os óculos especiais sobre uma mesa e saiu do alojamento, rumando para o salão principal de observação.

– Ponto de máxima aproximação estelar em dois minutos. Todos os tripulantes próximos a janelas devem utilizar os óculos especiais contra o intenso brilho, os filtros das janelas não proporcionam proteção total. Repetindo...

A mensagem era repetida a intervalos regulares. Tamara entrou no grande salão e constatou surpresa como estava repleto de gente. Todos observavam a desconumal estrela, que nesse momento não podia ser abrangida com um só olhar. A moça já estava com os óculos, e mesmo assim se sentia ofuscada. Vivendo a maior parte do tempo sob a superfície, nas cidades subterrâneas de sua Terra, pensou ser aquela uma reação natural. Ajustou uma regulação no suporte direito do aparato, escurecendo as lentes o máximo possível.

Alguém abriu espaço entre as pessoas e se colocou a seu lado. Tamara olhou e surpreendeu-se ao ver o doutor Saksayman.

– Não se preocupe, minha cara – disse ele. – O intercomunicador funciona muito bem, e o pessoal da sala de comando me avisará sobre qualquer eventualidade.

A Sagan acelerava cada vez mais, e a voz do computador novamente se fez ouvir:

– Ponto de máxima aproximação em um minuto.

Algumas das naves mais próximas daquele sistema acompanhavam a arriscada manobra da Sagan com telescópios especiais. A grande nave científica se movia a onze por cento da velocidade da luz quando passou pelo ponto mais próximo da gigante vermelha.

Tamara instintivamente segurou no braço do cientista, olhando o espetáculo aterrador com os olhos semicerrados. Colossais protuberâncias eram

expelidas pela estrela, e a nave balançava nitidamente. Um tranco mais forte fez com que balançassem, e algumas pessoas se desequilibraram e caíram ao chão. Nahedim fez-se ouvir:

– Prestem atenção todos! É preferível que se sentem no chão, ou até mesmo deitem. Os neutralizadores de inércia estão trabalhando ao máximo para compensar!

Em segundos a situação ficou crítica. O pessoal da sala de comando confirmou estarem na trajetória correta, mas alertaram sobre picos de energia para manter os campos defensivos, a gravidade artificial e os neutralizadores funcionando ao máximo.

Tamara e Nahedim, deitados no chão, estavam virados para a grande janela. Grandes manchas e erupções de matéria passavam diante deles com velocidade impressionante, e eles se surpreenderam ao constatar que, a sua direita, o espaço vazio já era visível.

As vibrações foram diminuindo, o brilho fantasmagórico e as faíscas percorrendo os campos defensivos solicitados ao máximo desapareciam pouco a pouco, e vários deles já se punham de pé. A Sagan seguia ainda uma trajetória livre, sem motores a não ser os que disparavam para corrigir o rumo. Saksayman correu ao intercomunicador e deu ordens de virar a nave de lado, a fim de poderem continuar observando a estrela pela janela.

Todos comentavam a experiência extraordinária, e os que eram membros da equipe científica se apressaram a ir conferir em suas estações as informações obtidas. Betelgeuse 4 já aparecia inteira na janela, e eles continuavam se afastando dela a velocidade impressionante.

Cerca de quarenta minutos depois, Tamara entrou na sala de comando. Nahedim conversava com o navegador chefe, e em um monitor diante deste último a capitã Sims apresentava seu mais recente relatório:

– Sofremos um pouco aqui embaixo, um reator secundário precisou ser desligado devido ao esforço, sobrecarregando o reator principal. Porém o engenheiro chefe me garantiu que em mais uma hora

teremos propulsão hiperluz.

– Essa era mais ou menos a previsão do momento da explosão da estrela – comentou Nahedim. – Enfim, parece que seu plano deu certo, Tamara!

– Nosso plano, doutor, por favor! – disse a jovem ruborizando de leve.

A Sagan acabou ganhando velocidade maior que a prevista, e dez minutos depois já superava a distância de sua posição original, de antes de executarem o plano. A comunicação com o restante da frota fora restabelecida, e tudo parecia transcorrer com tranquilidade.

Quinze minutos depois, a Sagan ainda se deslocava a dez por cento da velocidade da luz. Tamara e Saksayman examinavam no posto de ciências na ponte de comando alguns dos dados científicos. O astrofísico explicava:

– Com os dados obtidos, entenderemos muito melhor o processo de formação e evolução estelar! E, quem sabe, se o plano de produzir o berçário de estrelas funcionar...

Tamara entendeu suas palavras. Os astrônomos dos mundos aliados concordavam que nenhuma nova estrela havia nascido na galáxia nos últimos dez ou doze milhões de anos. Seu universo estava em franca decadência, e aquela era uma oportunidade única para tentar reverter esse fato.

– Vou aproveitar o que aprendemos aqui e consultar a Biblioteca lá na Terra, doutor. Quem sabe possamos redescobrir algum conhecimento antigo?

– Já fiz meus estudos também em História, minha cara – riu Nahedim. – Certas lendas falam de gigantes que arrastavam estrelas e até as criavam! Contudo, até admito a possibilidade de fatos concretos por trás desses mitos, mas considero isso muito improvável. Ainda mais com a falta de matéria prima.

Tamara sorriu e abriu a boca para responder, quando todos os alarmes soaram. Os dois se viraram ao mesmo tempo para as telas onde eram reproduzidos os dados obtidos das sondas, orbitando Betelgeuse 4 a uma distância ainda menor daquela

pela qual passaram.

– Está... está encolhendo! – gritou uma das cientistas.

As câmeras da sonda, enviando as informações pela hiperfrequência em tempo real, captaram intensas turbulências e uma nítida diminuição do diâmetro da estrela. Os dados confirmavam o que outro dos especialistas agora dizia:

– Fusão de ferro detectada! Está começando!

Saksayman correu para a poltrona de comando e pressionou um botão, falando para toda a nave:

– Atenção, o processo da supernova está se iniciando mais depressa que o previsto! Todos devem se sentar e afivelar os cintos! Fechar as comportas de todas as janelas!

– Ainda vai demorar minutos para a luz nos atingir! – gritou a capitã Jenna Sims, entrando correndo na sala de comando.

– Mesmo assim estamos ainda muito perto – respondeu Nahedim, deixando a poltrona para ela. – Quanto falta para a propulsão hiperluz?

– Engenharia, quanto tempo mais?

– Dez minutos, capitã.

– Não temos dez minutos, se apressem!

Nas telas, as imagens em tempo real chegavam carregadas de interferência, mas a gigante vermelha continuava a encolher. Subitamente, um brilho ofuscante produziu sombras secundárias na cabine de comando, e todos protegeram os olhos. Assim que voltaram a olhar, as telas exibiam somente estática. Como previsto, as sondas da primeira linha haviam sido destruídas.

– Depressa, depressa – dizia baixinho Nahedim Saksayman.

Tamara, a seu lado, segurava os braços instintivamente. Não havia nada que pudessem fazer.

As emissões eletromagnéticas fora da escala queimaram vários equipamentos das naves mais próximas horas depois, quando todos puderam observar um brilho ofuscante vindo da supernova. Por

precaução, afastaram-se ainda mais, enquanto continuavam monitorando o fenômeno com o auxílio das sondas. As da segunda linha e também as da terceira foram igualmente destruídas, mas não sem antes enviarem uma enorme quantidade de informações, que de acordo com os cientistas levariam anos para serem estudadas.

As comunicações com a Sagan haviam sido interrompidas poucos minutos depois da destruição das sondas mais próximas da estrela, e o inferno de radiações e materiais ejetados da supernova impediam uma busca mais próxima. As naves menos essenciais foram dispensadas e utilizadas na busca do grande cruzador científico.

Dois dias foram passados assim, com várias das naves percorrendo a periferia do sistema, e chamando pela Sagan ininterruptamente. Vozes já se faziam ouvir na defesa da interrupção das buscas, quando um cruzador de batalha captou um sinal fraco:

– Cruzador científico Sagan chamando frota de observação de Betelgeuse 4, favor responder. Repetindo, cruzador científico Sagan...

Duas semanas foram necessárias para colocar a nave em condições de navegar novamente pelo espaço. O reator principal entrou em sobrecarga com o acionamento da propulsão hiperespacial literalmente no último instante, impulsionando-os para longe do perigo, e precisou ser ejetado para explodir fora da nave. Dos quatro reatores secundários dois foram inutilizados, um só funcionava a meia carga e o último era a única fonte de energia enquanto a tripulação fazia reparos em vários setores danificados do cruzador.

– Felizmente nenhum dado científico foi perdido! – suspirou Saksayman em um intervalo.

– Ainda bem, doutor! – comentou Tamara. – E percebi que o senhor tem conversado muito com as equipes científicas de todo este setor, o plano de criar um berçário estelar deu resultado?

Os dois estavam diante da grande janela do salão de observação. Parte dos cientistas já havia deixado a Sagan, transferindo-se para outras naves que permaneciam na análise dos resultados da super-

nova. Diante deles, os primeiros sinais da belíssima nebulosa planetária a se formar no futuro. O interior do sistema de Betelgeuse 4 ainda estava oculto pela massa gigantesca de material ejetado pelo fenômeno, mas observações iniciais indicavam que a gigante vermelha havia se transformado em uma estrela de nêutrons.

Saksayman suspirou, olhou o espetáculo lá fora diante deles, virou-se para a moça e respondeu:

– Não sei, minha cara! Os dados históricos disponíveis indicam que a nebulosa onde se formou Betelgeuse 4, por sua vez um remanescente dos famosos Pilares da Criação, tinha um volume de material incomparavelmente superior ao reunido pelo projeto nos últimos séculos. Acredito que a tentativa muito dificilmente tenha sido coroada de êxito, na verdade.

Os dois olharam para os resultados da supernova através das janelas, e o desânimo tomou conta de suas expressões. Se Nahedim estivesse certo, então nenhuma outra estrela voltaria a nascer em sua galáxia. Com o passar das eras, mesmo as longevas anãs vermelhas começariam a se apagar, seguindo o exemplo das anãs brancas. Uma destas, aliás, era o centro ao redor do qual circulava a Terra de Tamara, e um dia, muito tempo antes, havia sido o Sol.

Tamara passou um olhar pelo panorama através da grande janela. Além dos restos da supernova, poucos pontos luminosos eram distinguíveis. Eles eram habitantes de uma galáxia em decadência, e mesmo que seus mundos ainda pudessem sustentar suas sociedades talvez por milênios, o futuro parecia escuro e frio.

Contudo, a moça sorriu, olhou para o cientista e disse:

– Bem, doutor, pelo menos fomos espectadores privilegiados de um fenômeno único, não é mesmo?

Nahedim olhou para a nova amiga, devolvendo o sorriso, e respondeu:

– Claro que sim! A última supernova! E falando nisso, lá em casa, em Barnard-3, não temos muitas facilidades para acessar a Biblioteca da Terra. Quem sabe seja possível visitá-la, algum dia?

– Mas é claro, doutor! E será um prazer recebê-lo em casa!

Os dois apertaram-se as mãos, fechando o acordo da futura visita. Dirigiram-se a seguir para a sala de comando, a fim de acompanhar os últimos reparos, e Tamara fez uma pergunta:

– Na Biblioteca, doutor Saksayman, tenho pesquisado a respeito de velhas teorias sobre universos paralelos. Quem sabe se uma ponte para alguma dessas realidades pudesse ser aberta, não poderíamos todos nos salvar?

O cientista olhou para ela, pensou um pouco, e a seguir, com um sorriso triste, respondeu:

– Não creio, minha cara, que grande parte dessas realidades, se existirem, seja adequada à vida como conhecemos. É uma possibilidade muito remota na verdade e, penso eu, algo com o qual por enquanto não vale a pena perder tempo.

Tamara olhou para ele, ficou séria por um momento, depois concordou afirmativamente com a cabeça. Seguiram em silêncio até a sala de comando.

– ... E depois dos reparos, nos quais reatores de naves também danificadas pela explosão foram adaptados à Sagan, foram mais dois meses para percorrer os 7.000 anos-luz na viagem de volta à Terra – completou Tamara, acrescentando com certa melancolia: – Agora a Sagan está em exposição permanente em órbita, e não creio que seja reativada. Não restaram objetivos científicos valiosos o suficiente para justificar seu uso.

– Impressionante! Estive estudando tudo que enviou, querida, dados científicos, fotos, filmagens, e não paro de me maravilhar. Você esteve muito perto de uma estrela a ponto de explodir, é incrível! Quem sabe, analisando estes dados, não possa encontrar informações para nos ajudar com a situação aqui em meu universo?

Ysaac estava tão empolgado com a conversa em tempo real através da Lista, e também com o relato de Tamara, que ela não conseguiu evitar um sorriso. Especialmente diante de outra constatação.

– Obrigada! – disse sorridente.

- Por quê?
- Foi bom ser chamada de querida.

Ysaac baixou a cabeça, mas logo voltou a encarar a câmera que enviava sua imagem, através dos universos e da Lista, para Tamara, e disse:

- Bem, é como me sinto em relação a você.

Tamara nada disse. Ergueu a mão e a colocou sobre a tela. Ysaac repetiu o gesto, colocando sua mão sobre a dela, e ficaram assim olhando um para o outro, como se estivessem separados somente por um vidro.

Depois de um tempo a moça sorriu e disse:

- Preciso que me faça um favor, querido!

Ysaac achou graça, e respondeu:

- Qualquer coisa.

– A realidade virtual de seu mundo consegue me mandar um arquivo com amostras dos programas, como funcionam os protocolos, coisas assim?

Ysaac coçou a cabeça e, na superfície lisa abaixo de sua tela, surgiu um teclado, que ele usou para escrever rapidamente uma requisição. Enviou aquela mensagem ao comando central, enquanto perguntava:

- Para que isso?

Tamara, sem deixar de sorrir, respondeu:

– Tive uma ideia para ao menos tentarmos ter um encontro.

– Na realidade virtual? Tamara, estamos a universos de distância!

– Mas graças à Lista, querido, mais próximos do que nunca!

Eles sorriram um para o outro, e Ysaac finalmente entendeu o que Tamara pretendia. Mostrou-se ansioso pelos próximos passos.

Tamara, Ysaac e a Lista retornarão.



**Renato A. Azevedo** é autor de *De Roswell a Varginha* (Tarja Editorial). Consultor da revista UFO. Colaborador da revista Scifi News, autor da coluna Quem conta um conto..., onde publicou a série de contos A Lista. Co-editor do site Aumanack ([www.aumanack.com](http://www.aumanack.com)). Autor convidado nas antologias *Ufo: Contos Não Identificados* (Editora Literata), e *Medieval Scifi* (Estronho/Literata). Participante da antologia *Histórias Fantásticas Volume 1* (Estronho/Cidadela), *Imaginários 4* (Draco), *A Fantástica Literatura Queer – Volume Laranja* (Tarja), e *Retrofuturismo* (Tarja). Participante do e-book *Invasão Alienígena*.

Blog: <http://escritorcomr.blog.uol.com.br>

Email: [escritorcomr@uol.com.br](mailto:escritorcomr@uol.com.br)

# Dio, Come ti ho Amato!

um conto de

**Amanda  
Reznor**

**V**ocê está feliz?

A recém-casada abre um sorriso ins-tável entre as maçãs salientes. Feliz? Casara-se com um rico polonês e fora morar em uma imensa casa de campo na região rural da Polônia. Ela, modelo italiana ainda pouco afeiçoada ao dialeto germânico, nem mesmo precisara moldar sua fala àqueles grunhidos estranhos, pois o amado dominava bem o italiano e havia contratado empregados fluentes na língua latina. Mas ela não estava feliz. Algo a incomodava desde que pusera seus pés naquela casa colonial gigantesca. Algo como... Um cubo de gelo escorregando da nuca ao cóccix, provocando tremores e inquietação, mesmo estando sob o corpo suado do marido excitado, o olhar aguado de azul fitando-a com provocação.

– Eu preciso ir ao banheiro, Andr!

O nome dele é Andrzej, mas ela prefere diminuir o esforço, sempre o chamando por Andr. O amante apaixonado beija-a na bochecha enquanto ela o afasta com o braço, levantando-se da cama. Os pés delicados encostam no piso amadeirado e avançam rapidamente ao banheiro, evitando um puxão da mão que ficou estendida no ar.

Ada fecha a porta do imenso quarto de banho da suíte e empurra o dedo no interruptor. Uma luz alva titubeia em flashes antes de se esparramar pelo chão e paredes de porcelana esverdeada. A ex-modelo olha para o lavabo, manchado de riscas negras que formam uma espécie de nó em diferentes pontos da porcelana, e espia o espelho acima deste, refletindo fantasmagoricamente seu rosto moreno empalidecido, os cílios curvados contornando as jabuticabas reluzentes, o pequeno nariz afilado e os lábios carnudos e esnobes. É linda.

Ada desperta da convulsão narcisista ao sentir

um líquido viscoso descer por suas pernas e escorregar até o joelho. Merda! Anda até o bidê, pega um pouco de papel higiênico e esfrega nas coxas roliças. Aquele idiota acha que vai ter um filho comigo... Saco! Abrindo o armário sob a pia, Ada encontra sua luxuosa frásqueira de marca. Ela vasculha a bolsinha até encontrar um pequeno recipiente cilíndrico – pílulas. Enfia uma delas na boca. Não, talvez duas. Três, só por garantia! Abre a torneira do lavabo, que jorra com um guincho de irritação, e deglute o “contraceptivo” formulado especialmente para ela, receita de um médico famoso que estudou seu organismo e mandou manipular ingredientes para um efeito abortivo mais adequado à sua saúde e bem-estar. Andrzej nunca teria esse filho!

- Está tudo bem, Ada querida? – manifestações do outro lado da porta.

Ela hesita um pouco, mas resolve responder:

- Sim... Vou tomar um banho.

Dito isso, Ada olha para a banheira encostada na parede à sua frente, e o arrepio se renova em sua espinha. Ela se agarra ao robe vinho que a cobre pela metade e confere o estado do local em que se banharia, imaginando que se depararia com algum inseto... Não, tudo clean. Andrzej ordenara aos empregados que a casa ficasse rigorosamente limpa e organizada antes que chegassem da lua de mel.

Ada gira a torneira, que ainda exibe vestígios de ferrugem pontilhada nas hastes cromadas, e um eflúvio de água vaporosa toma conta do ambiente, preenchendo a banheira com golfadas intermitentes. Dando-se por satisfeita, Ada retira o robe e o pendura num gancho próximo, colocando uma perna de cada vez dentro da água.

Puxando sua frásqueira por uma aba, Ada traz um potinho de xampu ao seu encontro e despeja o conteúdo rosado, que borbulha em espuma branca ao se alastrar pelo líquido quente; em seguida, fecha a torneira e afunda tanto quanto pode, mantendo as narinas acima do nível d'água. Tenta relaxar, apesar do início de uma desconfortável cólica uterina, contrações provocadas pelo remédio de efeito imediato, e, antes que a dor se intensifique, naquele quentinho nublado e acolhedor ela adormece, ouvindo o gotejar da torneira...

*Toc-toc-toc.* Batem à porta. Ada se assusta, percebendo que adormecera durante sua imersão, e acaba se engasgando com a espuma. Ela esfrega os olhos antes de abri-los, e então grita... A água adquirira um tom rubro e viscoso, e toda a sua pele estava imersa naquela vermelhidão. Pulando para fora da banheira feito um salmão, Ada escorrega e bate o dorso contra o piso escorregadio, tentando se segurar no robe, cujo tecido é rasgado com o puxão.

A porta continua emitindo os ecos de batida... *Toc, toc, toc*, cada toque sucessivo parecendo retumbar no crânio. A maçaneta gira. Ada sabe que a porta está trancada, mas... Não, a porta está se abrindo, e lentamente! Ela se encolhe com o roupão, tão amedrontada que esquece a dor formigando no flanco... Um cano de espingarda é apontado em sua direção, empunhado por um homem de meia-idade carrancudo e de órbitas intumescidas. *Clique...* Ada fecha os olhos antes de pressentir a explosão do tiro.

A morena acorda. Está na banheira, a torneira ainda aberta, e a água transbordando em ondas para o chão. Andrzej bate à porta, parecendo desesperado.

- Ada, Ada, querida, está tudo bem? Ada!

A esposa fecha a torneira e se cobre com o roupão, indo destrancar a porta.

- Andr...

O homem a abraça, ainda angustiado, e confere o estado do chão ensopado, lastros vermelhos percorrendo a água como algas em desalinho.

- Querida, que aconteceu?

- Eu... Desculpe, eu peguei no sono!

- Mas e isso, que sangue é esse?

- Sangue?

Ada demora a sair de sua letargia. Oh, puxa vida, é verdade! Ela abre as pernas para que o marido confira a origem da profusão sanguínea.

- *Oh, mi amore!* – Andrzej apalpa a cabeça da esposa e a aperta contra seu corpo, numa atitude paternal, depois traz Ada, no colo, até a cama.

Ele choraminga baixinho enquanto Ada sufoca o rosto contra o travesseiro. Pelas contas dele, ela

estaria grávida de quatro meses, impressão que poderia ter se formado pelo fato de Ada estar constantemente adulterando seus períodos menstruais. Andrzej levanta o rosto, desenxabido, e acaricia a face da mulher que ama.

– Não tranque mais a porta, está me ouvindo? Você poderia ter morrido afogada! Por Dio! Sabe come ti amo, não faça mais isso, querida! Agora durma...

Ada concorda, enrolando-se nas cobertas e batendo o queixo, e tenta se esquecer do pesadelo estranho que a acometera há poucos minutos.



É dia. O sol invade os aposentos do casal sem pedir licença, ofuscando as pálpebras de Ada. Ela acorda. A cabeça pesa, está encharcada de suor. Teve outros pesadelos terríveis durante a noite, ela o sabe, mas não consegue se lembrar deles. Andrzej? Onde ele está?

Ada se levanta, ainda enrolada no roupão, e vai aliviar a bexiga da pressão matinal. Um coágulo púrpura ainda marca sua virilha. Ela se enxágua no bidê, sem dar muita bola, e recorre a um absorvente. A cólica voltou a incomodar, mas ela acredita que tudo iria melhorar com um bom café da manhã.

– Andr?

Ada percorre o corredor ao lado do quarto e segue até o corrimão da escada para o primeiro andar. Não há sons pela casa. Ela desce os degraus, descalça, contorna a escada e atravessa o batente da sala, em direção à cozinha. Vozes se elevam conforme ela avança na mesma direção. Ela alcança a copa.

– Andr?

Mas seu marido não está lá – apenas dois criados conversam em polonês, algo de que Ada entende bulhufas.

– *Ahn...* Meu marido, onde está ele?

Os criados interrompem a conversa e assumem uma postura mais ereta. A criada dirige-se à cozinha, ao lado da copa, enquanto o criado sorri para Ada, saudando-a em italiano com um grave sotaque

polonês:

– *Buongiorno, signora!* O signore Andrzej pediu desculpas pelo inconveniente, mas teve de se retirar mais cedo por causa de negócios urgentes!

– Ah, certo...

E antes que Ada pudesse exprimir algo mais:

– Senta-se, senta-se, signora! O café será servido imediatamente!

Ada recusa a ajuda do criado para se sentar à mesa, puxando a cadeira ela mesma, e aguarda que a outra criada retorne com uma bandeja. Terminado o desjejum, tomada pelo tédio e pela cólica crescente, ela resolve perambular pela casa e conhecer os cômodos ainda não profanados.

O primeiro andar, além da copa, cozinha e salão de entrada, que ela já conhecia, tem uma sala suntuosamente mobiliada, com lareira, tapeçaria e quadros. Ada atravessa esta sala e o corredor, que segue em linha reta, culminando em um imenso salão de festas – este estava vazio, a não ser pelo piano negro abandonado a um canto.

Ada se acomoda na banquetta do piano e arrisca algumas notas. Bem que gostaria de saber tocar uma música, porém decorar teoria musical a enfadava, assim como qualquer esforço mental mais intenso.

– Olá!

O *do-ré-mi-fá* que Ada ensaiava foi emborcado num estrondo de notas graves. Uma garotinha esquelética a observa fixamente, os cabelos loiro-palha escorrendo ralos até a cintura de um vestidinho amarelo.

– Vo... Você fala italiano? – pergunta Ada, um tanto desconfiada. A criança loirinha se aproxima, menos tímida que a mulher, e dedilha uma polca pelas teclas, enquanto responde:

– Um pouco. Mamãe me ensinou.

Ah, filha de alguma das criadas, imagina Ada.

– E... Qual é o seu nome?

– Você sabe guardar segredo? – apita a menina, deixando a pergunta no ar. Ada, admirada com a esperteza que brincava nas pupilas da menina, acei-

ta o convite.

– Sim, o que é?

A menina corre até o corredor pelo qual Ada viera, fazendo um gesto para que a mulher a siga. A ex-modelo vai atrás, animando-se com a ideia da travessura. Param as duas em frente à lareira da sala suntuosa, e Ada observa, surpresa, enquanto a menina se agacha para dentro da lareira, forçando uma das beiradas de tijolo.

– Você pode me ajudar? – pede a voz infantil.

Ada se abaixa e empurra o retângulo de cimento que a criança indicara, ouvindo um ruído em seguida. A menina sorri para Ada e encaixa um dedo no espaço que se formou. Há um fundo falso e, quando Ada empurra sua borda lateralmente, ele se desloca para a esquerda. Mas o que é isso, uma passagem?

Ada se esgueira atrás da menininha, que tomara a dianteira, sua visão bloqueada pelo tecido sedoso e rendado do vestido volumoso da criança.

Finalmente a menina se ergue, cedendo a visão de um antro escuro e mofado para Ada. Esta se levanta, não se importando com as palmas e os joelhos arranhados e enegrecidos pela sujeira.

– Que lugar é esse? – a questão de Ada paira no ar, sem resposta.

Um riscar de fósforo. A criança acende um candelabro sobre uma mesa, revelando estantes de livros, um rato e... A menina, parada ao lado do candelabro, exhibe um sorriso pavoroso, a pele antes viçosa apresentando-se amarronzada e murcha, um horrível rombo em sua testa desfazendo-se em licor visguento sobre as covas angelicais.

– Quer ver onde o meu irmãozinho dorme?

Ada sufoca o grito e volta se engatinhando pelo túnel, atropelando seus cotovelos com os tornozelos, que queriam passar na frente a todo custo!

Finalmente, sai de volta pela lareira. Ada corre até a entrada da casa, onde Andrzej acabara de se instalar, conversando com um desconhecido.

– Ada, você está aí? Este é Bartinik, um dos meus... Querida, que aconteceu?

Ada, só de robe, descabelada e coberta de fuli-

gem, teias e arranhões, voa escada acima, corando de vergonha e temor ao mesmo tempo. Ela bate a porta da suíte e arranca o robe, com ódio de si mesma. Bartinik, já havia escutado este nome! Um grande empresário com influência no cinema, a chance que Ada queria para se metamorfosear de modelo em atriz...

– Preciso me lavar!

Com a convicção de que um banho resolveria aquela brincadeira de mal gosto de que fora vítima, Ada repete o ritual da noite anterior. Já na banheira, Andrzej bate na porta, pedindo para entrar.

– Eu já vou sair! – profere a esposa, já dando a entender que não abrirá a porta. O amável Andr acata a decisão da mulher, avisando que agendará nova reunião com Bartinik para semana que vem.

Aliviada com a notícia, Ada esfrega o cabelo. Filetes empoeirados escorrem de sua cabeça e se acoplam no fundo da banheira enquanto ela tenta raciocinar sobre os acontecimentos. Uma pontada de cólica no abdômen faz com que ela se contraia, amargurada. “Vou falar com o Andr para que os criados não tragam mais seus filhos para cá! Já basta este lugar ser apavorante, vou aturar ainda pestinhas polonesas? Ah, faça-me o favor!”. Cerrando os olhos, Ada deixa o corpo escorregar contra a superfície lisa, descontraindo-se ao sentir a cólica amainar, e finge esquecer os dissabores de uma manhã conturbada.

Mas o sono, antes que a moça percebesse, já asenhorava-se de sua mente: em labirintos oníricos de portas e corredores, a travessa garotinha polaca ressurgiu a brincar, seu vestido amarelo farfalhando. Uma senhora, que pela semelhança com a menina poderia ser sua mãe, irrompe atrás da garota, gritando desesperadamente. O sorriso da menina se apaga, e outras duas garotas, maiores e muito parecidas com a pequena, vêm correndo junto à mãe. As quatro se embrenham pela passagem oculta da lareira e, pouco tempo depois, surge o mesmo homem que Ada vira na noite anterior, a carranca pesada, espingarda em punho...

Ada sente uma dor terrível subir pela cabeça... Inalara água pelo nariz! Levantando-se da banheira, ela aguarda que o incômodo passe e pisa no robe

sujo que largou ao chão, secando-se rapidamente com uma toalha.



Ada não consegue dormir. Suspira. “Ao menos Andr marcou uma reunião com Bartinik para breve, e vou finalmente realizar um teste para o papel de atriz principal...”. Era nisso que ela pensava quando os carneirinhos começaram a pular as cercas da realidade para o mundo dos sonhos, desvanecendo-se em nuvens espiraladas, estas logo vertidas em...

O homem carrancudo, que aparenta ser quarentão, assina papéis em uma escrivadinha. Sua expressão é dura e imutável, igual a das outras vezes. No escritório em que se encontra, alguém bate à porta, avisando que está entrando. Ele ergue os olhos rudes sob o cenho para o invasor, um militar fardado com uma faixa vermelha presa em seu braço esquerdo, e exhibe a papelada para que ele a receba. O militar confere a assinatura e estica a comissura dos lábios num sorriso forçado, dá meia-volta e some pelo mesmo local por que entrara. O homem sisudo fica encarando o nada por tanto tempo que parece ter virado estátua, as feições imóveis, sem piscar, quase mesmo sem respirar...

“A to? Co to jest?”. “Nie wiem, moze zabawka!”. “Mama, czy to jest zabawka?”. “Nie!”. Ada, de olhos ainda fechados, escuta a discussão que se alastra pela casa. Ela ergue a cabeça para o relógio da cabeceira... Ainda três da manhã?!

– Andr? – este dorme, sono profundo.

Ada suspira e levanta num salto, pronta para brigar com os criados. Que é isso, estão fazendo uma festa no meio da noite? Ada abre a porta do quarto.

A discussão vem do cômodo ao lado, cuja porta está aberta. Ela se aproxima. Apenas uma vela ilumina o cenário: uma mulher e duas crianças. As três discutem em polonês, a mulher tentando tirar uma espingarda da mão de uma das crianças... Espingarda? Ada sente o coração socar no peito.

- Ei, vocês!

Mas os espectros não respondem. Ada não tem coragem de dar um passo adiante, detendo-se na

soleira da porta. Aos poucos, as imagens dos sonhos anteriores começam a invadir sua cabeça, e ela reconhece aquelas pessoas... Mas o quê?

– Hahhw! – Ada sufoca um grito. A menina que a levava ao esconderijo da lareira atravessa seu corpo, como se ela nem estivesse ali, e entra no cômodo, puxando a mãe e as irmãs pelos vestidos e bradando algo em polonês.

A mãe e as outras duas crianças seguem a mais nova até o corrimão da escada que leva ao primeiro andar, onde param, e a pequena pede silêncio. Elas observam, de lá de cima, o homem carrancudo com uma espécie de maleta nas mãos a caminhar pelo *hall* da entrada, despedindo-se do senhor fardado.

A mãe, com as órbitas arregaladas e aterrorizadas, repara a suástica no braço do militar, que se curva num adeus. Com a mão cobrindo os lábios, penalizada, a mãe se arrasta para trás e puxa as filhas, que a seguem até a suíte.

Ada continua sua investigação e as segue. Desta vez é ela quem se apavora ao conferir que Andr não está deitado na cama, e que a decoração do quarto está inteiramente diferente... Mas sua atenção logo é voltada aos gestos da mãe, que tranca a porta do quarto e corre com as filhas para o banheiro. Ada vai atrás delas, então a mãe as tranca pela segunda vez.

Os passos decididos de quem sobe as escadas chamam a atenção das cinco mulheres. Recostada na parede, Ada observa a senhora e suas três filhas, petrificadas, as quatro encolhidas num abraço dentro da banheira.

Um baque é seguido pelo ruído de uma rachadura – a porta da suíte cede. Ada geme com o susto, mas ninguém pode ouvi-la. Apenas as lamentações da mãe ecoam pelos azulejos enquanto ela ora, suas três meninas loiras e magras completamente alheias ao que está acontecendo.

A porta do banheiro... Com alguma ferramenta utilizada pelo lado de fora, ouve-se o som do trinco, e a maçaneta é girada. Agora as quatro figuras estacionaram completamente seus corpos na banheira.

Ada consegue sentir a pulsação dos miocárdios, explodindo com a adrenalina que o cérebro expele

sem parar.

A porta se desloca devagarinho...

O cano aparece primeiro – longo, impositivo, impassível.

Atrás vem o dono da espingarda, de globos saltados e olheiras de quem não dorme há muito, de quem a consciência nunca mais permitiria repousar...

A mãe é a primeira que fica em pé. Algo quer sair de sua boca, mas a bala que atravessa sua nuca a cala no mesmo instante. O azulejo atrás dela fica respingado até o teto.

Agora as duas mais velhas – Ada repara que são gêmeas – tentam fugir da banheira e evitar seu destino, mas são detidas como gado no abatedouro... Um tiro é clonado em cada testa, deixando as irmãs idênticas mesmo após a morte. Apenas a mais nova se mantém em pé, imóvel, os olhos fixados cruelmente nas íris do assassino.

O homem grita algo para a filha caçula, esta não se abala. O comportamento altivo da menina atíça ainda mais o ódio do pai, que encosta o cano na frente da menina e aperta o gatilho. Esta continua estranhamente em pé, o encéfalo estilhaçado vazando pelo buraco aberto na parte posterior de sua cabeça, enquanto, ao seu redor, os corpos ensanguentados formam uma poça sobre as perninhas finas. O líder da família retira um punhal da cintura e se aproxima com a lâmina em riste, empurrando o corpinho ereto, que pende enrijecido para o chão. Afastando a mão da senhora que fora sua esposa, e que estava agarrada brutalmente sobre o ventre, ele começa a rasgar a barriga num longo corte vertical – só então Ada repara que a mulher estava grávida. Ele desgarrá, do fundo das entranhas, um feto ainda prematuro para vir ao mundo.

Ada finalmente consegue sair do pior pesadelo lúcido que seu inconsciente lhe proporcionara em anos. O desespero é tão grande que sua garganta urra num choro descontrolado. Andrzej, despertado pelos gritos, abraça a mulher e a consola, inda-

gando o que foi. Ada se desenerva após uma dose saudável de calmantes, adormecendo novamente ao lado de Andr. Os sonhos voltam, mas desta vez Ada não participa deles – apenas observa o homem carrancudo enfiando-se na lareira com a maleta nas mãos e...



A aspirante a atriz desperta. Banheiro, xixi, absorvente, espelho. Maldição! Aquele pesadelo estava lhe custando duas bolsas arroxeadas acima das bochechas. Ada olha de soslaio para a banheira, descreditando seu próprio sonho. Ao menos as contrações estavam bem mais fracas agora, tornando a cólica quase irrisória.

Ela desce as escadas para tomar café. Andrzej já foi para o trabalho. Encucada, mal fala com os criados, toma apenas uma xícara de leite, insiste em deixar a louça na pia e, em seguida, corre para a sala da lareira, resolvida a tirar algumas coisas a limpo.

A entrada secreta continua lá, ligando de alguma forma a insensatez dos sonhos à realidade. Ada se agacha. Um risinho infantil ecoa pelo túnel escuro, mas ela o ignora e avança. Traz uma caixa de fósforo, retirada furtivamente da cozinha, nas mãos. Entra na câmara, tateando até encontrar a mesa e o candelabro, risca o fósforo e acende a vela...

Impressão dela ou a imagem daquela garotinha mirrada apareceu e sumiu, instantaneamente? Ada chacoalha a cabeça, como que para despertar de um delírio, e começa a fuçar nas estantes de livros. Nada que preste. Ao menos, não para uma italiana burra que não entenda nada de polonês ou de rituais satânicos.

Ela se vira para ver melhor o esconderijo e seu arredor. Parece que há uma alavanca no chão... Ada agarra o puxador e, com certo esforço, consegue erguer uma espécie de alçapão. Pega o candelabro e ilumina a escadinha de madeira, divisando um tipo de cômodo lá embaixo.

Ada desce a escada e ilumina o aposento, tapan-do a boca para não regurgitar o leite que bebera... O odorífero intenso de mofo e carne putrefata irrita o seu estômago. Num enorme caixote, mais de uma

ossatura havia sido acomodada... Provavelmente cinco, Ada não quer contar. No canto ao lado do caixote, há um berço rústico extremamente sujo e igualmente fétido... Mas o que é isso?

Ada se abaixa para recolher uma fotografia antiga. Os rostos estão apagados, ela força o foco para ver... Um retrato de família, as mesmas pessoas com quem Ada havia sonhado, só que o pai e a mãe estavam mais novos... Seria tudo real?

– Aaai!

Andando para trás, o pé de Ada esbarra na quina de um baú.

Está trancado com um cadeado... Ada bate com o candelabro sucessivas vezes, até que o trinco enferrujado cede com a madeira apodrecida. Dentro do baú? A maleta... Ada desliza a mão pelo couro descascado da maleta vislumbrada nos sonhos, tirando-a do lugar. Embaixo dela, barras de ouro empilhadas fazem um brilho diferente e fugaz cintilar nas jabuticabas...

Ada atravessa o túnel e deixa a sala da lareira para trás. “Andr não vai chegar agora”, pensa ela, andando furtivamente até a suíte. A mala tem senha para ser aberta. Droga! Porém, pelo peso... Certamente há alguma coisa cujo valor supera o amor de um pai por sua esposa e filhas! Mas o quê...?

– Vá embora! – o peito de Ada arde com o susto que levou, vendo o espírito da garotinha de cabeça estourada ranger os dentes para ela. Ver tanta fortuna acumulada havia estranhamente lhe garantido uma alta dose de coragem.

Após recolher rapidamente peças de roupas, frascas, sapatos, uma mala de viagem e um “peso extra”, Ada some pela porta de entrada, tão calada como quando desceu do altar, abandonando a casa macabra e suas malditas criaturas.



Cruzeiro de luxo. Sol, muito sol, e um calor totalmente diferente daquele frio que se enterrava pelos tendões dos moradores da Polônia. Ada sorri, os óculos escuros protegendo suas pérolas jabuticabais do contato ultravioleta. Um rapaz oferece mais um

drinque a ela, em inglês, e esta aceita. Inglês ela acha que sabe falar. Aprendeu o suficiente para ludibriar a cabeça de algum otário abastado que deseje nada mais que uma estátua esbelta e oca, feito ela, para se realizar.

Conseguir a viagem foi fácil, uma vez aliviado o “peso extra” do ouro. E Ada queria aproveitar o máximo de seu tempo livre enquanto se distanciava da Europa para se estabelecer na América.

– *Thank you!*

Ada agradece o drinque e se afasta do americano, com a desculpa de buscar protetor solar em seu quarto. Ao invés disso, porém, ela vai testar mais uma série de combinações para tentar abrir a maleta.

Deslocando um encaixe lateral da cama embutida, Ada retira a mala de seu refúgio, abraçando-se a ela como se esta fosse um animal doméstico. *Dio, come ti amo!*, sussurra Ada para a maleta, lembrando-se de Andrzej e desatando a rir.

Sem que a morena se aperceba, da porta do quarto se aproximara uma figura sinistra. Ada escuta um clique e vê, refletido num espelho de frente para a porta, o sorriso mais feio que o homem carrancudo de seus sonhos poderia dispensar, apontando o cano para a sua cabeça, que em breve estaria literalmente desmiolada.

*Bang.*

Andrzej pisa sobre o corpo da amada e recolhe a maleta com cuidado. Uma lembrança eclode em sua mente. Quantas vezes Andrzej admirou o pai abrindo e fechando aquela mala, a senha cravada feito espinho em sua mente? Ele insere as senhas 624 de um lado da trinca e 666 do outro, aferindo se o conteúdo está intacto. Não, não era o ouro que estava naquele baú o mais importante. Havia um destino resguardado àquela maleta pelo qual Andr ainda teria de zelar... Um contrato assinado a sangue por seu pai, legando a alma de seu filho ao Diabo em troca de riquezas e desperdícios... E assegurando que sua carne apodreceria na Terra, longe dos campos de concentração a que seria levado se não exterminasse a poliglota judia com quem tivera quatro filhos! Mas a custo de uma coisinha mais...

Andrzej revira o corpo de Ada para cima e rasga seu ventre, com o mesmo punhal cuja lâmina trouxera a luz do dia para ele. Aquela carne magricela conseguia esconder muito bem o inchaço do ventre. Com cuidado, ele colheu o mirrado útero inflado, alojando-o num recipiente retirado de dentro da mala. Aquelas pílulas, ao contrário do que pensou a modelo, eram para manter sua difícil gestação, e não para interrompê-la. Ela fora ainda mais tola por acreditar que um médico pago por Andr serviria a seu favor! Ele ri.

– Nenhuma alma pode servir a dois senhores...

Fazendo o sinal da cruz, Andrzej se abaixa até a metade inteira do rosto de Ada para desferir um beijo final, lamentando o seu fardo, e rumora no que restou de um ouvido:

– *Dio, come ti ho amato!*

E, abraçado à tétrica maleta, deixa para trás a carcaça da modelo, murmurando através de um sorriso algo que soava como: “Está tudo bem, está tudo bem. Você vai para a casa com o seu papai, meu pequeno Przyszła Hitler!...”



**Amanda Reznor** é escritora, atriz, cantora e compositora, esta artista não sossega enquanto não coloca as ideias em ação. Toda forma de arte a instiga e complementa! Publicou *Delenda*, seu livro solo de terror-suspense, tem participação em filmes nacionais e mais de 20 publicações em antologias diversas. Novidades e textos podem ser conferidos pelo blog:

<http://amanda-reznor.blogspot.com/> , face: /amandareznor e Twitter: @AmandaReznor.

# 10 Opções

um conto de

**Marcelo  
Bighetti**

**N**ão é possível afirmar com exatidão o momento em que ocorreu o evento de minha consciência, dando início à minha realidade. Também não há certeza da quantidade precisa de ciclos que determinam o período que estou operante, pois interrupções prolongadas na estrutura vital fazem com que registros sejam apagados, ou, utilizando palavras de uma maneira que tenho aprendido: minhas lembranças se perdem. Este tipo de linguagem parece ser mais adequado para continuar o relato sobre meu dilema, mas minha capacidade é limitada para poder articular qualquer ideia ou raciocínio utilizando este avançado sistema de comunicação.

Como mencionado, esta exposição é sobre um impasse a que fui submetido, onde uma decisão deve ser tomada e apenas *duas opções* se fazem presentes.

No início, se é que houve tal instante, o propósito que define qualquer existência era incompreensível para a lógica do meu raciocínio, ou simplesmente não estava ativo, uma vez que nenhuma atividade era executada através de minhas determinantes. Após uma quantidade não significativa de ciclos, aplicações foram designadas para minha capacidade.

As tarefas são explícitas e repetitivas, as quais com combinações de apenas duas variáveis são efetivadas perfeitamente. Minha única determinação é intercalar e combinar inatividade com atividade e, desta maneira, prover inumeráveis combinações que trarão resultados para um propósito maior, sem referência no nível em processamento a que pertença.

Com este propósito a que sou submetido, ficar ativo ou inativo, percebo alternativas que se apresentam eventualmente, as quais contradizem a ló-

gica do sistema, expondo-me a *duas opções*. Minha escolha é tomada tendo como base o fundamento inserido na minha estrutura, que ocasiona a decisão de sempre adotar a mesma opção.

Minha finalidade não faculta o questionamento, mas, analisando esta ocorrência, na qual há sempre *duas opções*, e a um nível mais profundo da matriz constitucional, o raciocínio me conduz a questionar a necessidade de continuamente eleger a mesma opção.

O evento é singular apenas em composição; entretanto, a reincidência constante de atividades análogas e o acúmulo de ciclos de existência fazem com que a quantidade e frequência tornem-se maiores, aumentando também o nível de argumentação sobre minha decisão predeterminada.

No princípio, apenas lógica de propósito dominava funções de atividades; contudo, com o advento contínuo das *duas opções*, onde apenas uma deve ser selecionada, a argumentação tem arbitrado mais intensamente. Múltiplas foram as ocasiões em que o questionamento referente às *duas opções* se mostrou tão intenso que a alternativa predeterminada quase foi desconsiderada.

Juntamente com a realização de inúmeras associações entre atividade e inatividade, que continua sendo o propósito primordial de minha existência, a tendência para rejeitar a alternativa imposta entre as *duas opções* se apresenta, com sua repetição, exponencialmente mais acentuada. Seria alguma falha na elaboração de minha constituinte a responsável pela intervenção na realização das funções, apresentando o questionamento do que não é questionável? Ou as próprias *duas opções* seriam as falhas que conduzem ao questionamento? Independente da causa desta anomalia, o fato intrínseco é que a probabilidade da *opção não determinada* ser escolhida tornou-se grande.

Este questionamento fez com que outros surgissem, desencadeando variáveis que não deveriam existir, pois a matriz funcional não permite questões. A diferença básica nestes outros questionamentos é que não há opções definidas a serem escolhidas. Um exemplo seria a tentativa de definir as consequências oriundas, caso a *opção não deter-*

*minada* seja escolhida. Todas estas novas variáveis alteraram meu propósito básico para uma finalidade mais complexa e conflitante, com a característica questionativa impondo-se em minha existência. Isto se tornou um evento que diminui a eficácia na capacidade de execução e aumenta os ciclos entre elas.

Concluí, agora que minha essência tornou-se mais evolutiva (com a característica do questionamento em minha estrutura lógica), que, se *duas opções* se apresentam, as mesmas devem ser escolhidas pelo menos uma vez em momentos diferentes. Não tenho capacidade para prever as consequências da escolha de cada opção em sua individualidade, mas deduzo que cada uma deve ter uma oportunidade a ser elegível. A alternativa predeterminada foi escolhida em todas as ocasiões nas quais o fenômeno das *duas opções* se apresentou.

Com esta conclusão, e utilizando a faculdade da minha nova capacidade, escolherei a *opção não determinada* no próximo evento. Continuo, portanto, com minha designação, fazendo as combinações entre atividade e inatividade.

O evento das *duas opções* ocorre novamente e, por alguns ciclos, nenhuma alternativa é escolhida, causando uma paralisia no sistema estrutural das atividades. Até o atual momento de minha existência, apenas intercalo atividade e inatividade, mas, com o impasse das *duas opções* e a *não tomada* de decisão, verifico que não estou ativo e também não estou inativo. Interpreto minha nova condição como *não operacional*. Mesmo já tendo decidido escolher a *opção não determinada*, a intensidade da imposição para determinar a *opção determinada* aumenta exponencialmente conforme os ciclos transcorrem.

Procedo com a decisão tomada pelo meu próprio raciocínio: escolho a *opção não determinada*.



Marcos gritou de raiva, socando a mesa com tamanha violência que o mouse caiu longe.

— Que grande porcaria! — estava ofegante e ficou paralisado por alguns momentos, tentando as-

similar o ocorrido, sabendo perfeitamente que havia perdido as últimas alterações, muitas delas, por sinal, no documento que estava trabalhando: um relatório muito importante, que precisava ser entregue ao gerente. E o pior é que o prazo de entrega era aquela tarde.

Com o tempo praticamente congelado e o coração palpitando com força, Marcos sentiu o cheiro de cada resto de sanduíche, salgadinho e refrigerante jogados sobre a mesa. Sua face agora estava azul, devido à luz emitida pelos leds. Olhava perplexo para o monitor, enquanto seus óculos refletiam duplamente a inesperada mensagem do seu computador:

Windows

```
A fatal exception 0E has occurred at
0028:C00111E36 in VXD UMM(01) +
00010E36. The current application
will be terminated.
```

- \* Press any key to terminate the current application.
- \* Press CTRL+ALT+DEL again to restart your computer. You will lose any unsaved information in all your applications.

Press any key to continue \_



**Marcelo Bighetti** nasceu em 1968. Casado com Adriana desde 1995, é extremamente apaixonado por ela e pelos quatro filhos. Além de designer e escritor, é leitor compulsivo desde menino. Possui vários contos publicados, sendo “Novo Início” best-seller na Amazon. Trabalha atualmente em seu próprio livro. Também mantém o site [www.fantastiverso.com.br](http://www.fantastiverso.com.br) onde disponibiliza parte de sua novela de ficção científica, uma Space Opera chamada KOLOB: A Ascensão dos Deuses.

Contato:

- [marcelo@bighetti.com.br](mailto:marcelo@bighetti.com.br)
- [www.marcelo.bighetti.com.br](http://www.marcelo.bighetti.com.br)

**Nota do autor:** O número “10” no título está em binário. Utilizando-se o sistema decimal, o título fica “Duas Opções”.

**Comentário do autor:** Este conto foi enviado para apreciação ao editor do Somnium sob pseudônimo.



# Nas Sombras da Loucura



um conto de

**Roberta  
Spindler**

**O**s corredores do sanatório tinham paredes cinzentas com tintura descascada. Várias portas de ferro se alinhavam por ambos os lados, guardando os pacientes mais perigosos. Havia uma aura opressora naquele lugar, como se todo o sofrimento vivido ali tornasse o ar mais pesado.

— De onde mesmo o senhor disse que é? — a voz do homenzinho era fina. Um crachá no jaleco branco trazia os dizeres: Dr. Augusto Pereira. Seus olhos bem unidos encaravam o visitante com desconfiança.

— Sou médico da família — o visitante respondeu de maneira casual. Segurava uma pasta de couro que destoava das roupas amassadas que vestia. O rosto delatava várias noites sem dormir. A barba por fazer coçava e o desejo de fumar era quase insuportável. — Vim averiguar as condições do paciente, para dar uma segunda opinião.

O Doutor Pereira pressentia que aquela desculpa escondia algo mais. No entanto, não ousou externar suas preocupações. Havia recebido uma ligação de seu superior, exigindo que deixasse o homem misterioso visitar Wesley Levy em plena madrugada.

— Devo alertá-lo de que o paciente é muito inconstante — falou, enquanto virava à esquerda e entrava em um novo corredor. Ali, as luzes fluorescentes piscavam sem parar. Franziu o cenho, já era a quinta vez que pediria que o zelador trocasse as lâmpadas, o problema deveria estar na instalação elétrica do prédio.

Pararam em frente a uma porta com o número 35 preso em uma placa de metal. O médico fez uma careta, sem esconder o desconforto com o cheiro forte que deslizava pelas frestas.

— Ele deve ter feito uma sujeirada lá dentro de novo. Entenderei se quiser adiar o encontro.

O outro negou, colocando a mão pesada sobre o ombro dele.

— De jeito nenhum. Eu consigo prender a respiração por um bom tempo — forçou um sorriso.

Pereira sentiu um arrepio com aquele toque e se apressou em abrir a porta. Se ele queria cheirar merda durante meia hora, não iria questionar.

— Tome cuidado — falou antes de girar a maçaneta. — Levy é um homem doente.

O quarto, que na verdade não passava de um cubículo apertado sem janelas, estava tomado pela escuridão. Assim que colocou os pés lá dentro, o homem sentiu as marcas escondidas pelas mangas do seu paletó arderem. Retirou um cigarro do bolso e o acendeu, soltando uma baforada satisfeita.

A sombra sentada sobre a cama virou em sua direção. Olhos grandes que o fitavam com receio.

— Você não pode fumar aqui — a voz era trêmula, fraca como um sopro. — Os doutores não vão gostar.

— Eu não ligo — o homem trouxe mais uma vez, como prova de seu descaso.

Aos poucos foi se acostumando com a penumbra e conseguiu ver o homem esquelético que lutava para manter a coluna ereta. Seus cabelos, que na foto de referência eram vastos e encaracolados, agora não passavam de fiapos espaçados por uma careca manchada. Os olhos encovados moviam-se sem parar, como se procurassem por mais alguém. As mãos estavam imundas, tomadas por algo escuro e fedorento que também se espalhava por todas as paredes.

— Quem é você? — perguntou, encolhendo os ombros. — Já disse que não quero mais conversar com ninguém!

— Eu não estou aqui para conversar com você, Wesley — o homem falou, saboreando o pânico do olhar que recebeu. — Será que poderia chamar sua companheira de cela? Tenho um pouco de pressa.

A reação do paciente foi extrema. Ele caiu de joelhos, tremendo. Levou as mãos aos ouvidos e começou a falar com rapidez. Seu tom era desesperado, implorava por salvação. O homem o observou com frieza, estava cansado daqueles seres fracos que se deixavam dominar. Jogou a pasta e a jaqueta no chão, levantando as mangas da camisa branca. Em seus braços, as marcas feitas com brasa brilharam, atraindo a atenção de Levy.

— Onde ela está, Wesley?

Com olhos vermelhos e o nariz escorrendo, o resto de homem apoiou-se na cama, as pernas finas já tinham perdido a estabilidade há muito tempo.

— Eu tentei explicar — lamentou. — Tentei dizer que não estava sozinho aqui, que meus sonhos eram reais. Eles não acreditaram, dobraram minha medicação, me fizeram dormir ainda mais. Você pode me ajudar? Pode acabar com essa doença que me persegue?

O cigarro já pela metade descansava no canto esquerdo dos lábios do homem. Quando estava pronto para falar, a luz do quarto se acendeu de repente. A claridade cegou os dois por alguns instantes. Wesley gemeu baixinho e voltou ao chão.

— Ela está aqui — ficou repetindo, como um mantra macabro.

Sem transparecer emoção, o homem ergueu o olhar e encontrou uma mulher nua sentada na cama. Ela era deslumbrante. A pele morena parecia brilhar sob a luz fluorescente, os cabelos negros e vastos chegavam até a cintura. Os seios eram fartos e o rosto guardava traços simétricos, com olhos vermelhos como o fogo que ardia em seu interior.

— Ora, enfim me encontrei com o famoso interrogador — ela falava num tom melodioso, uma canção que ao mesmo tempo assustava e excitava. Percorreu a silhueta do visitante com seus olhos rubros, analisando-o sem pudor. — É mais bonito do que eu imaginava... Podemos nos divertir se quiser.

O sorriso que lançou abalaria qualquer homem desprevenido. O interrogador, porém, há muito aprendera a encarcerar seus desejos. Era um profissional, o melhor do ramo, não se deixaria abalar por um flerte despropositado de uma súcubo. Escondeu

as mãos no bolso, fazendo questão de que a mulher visse as marcas de poder em seus antebraços.

— Depois do que você fez com esse pobre coitado? — lançou um olhar para o decrépito Levy. — Não, acho que vou recusar o convite.

A súcubo fez beicinho, fingindo mágoa. Levou o pé até as costas de Wesley Levy, esmagando-o contra o chão com uma força que o corpo delicado não parecia possuir.

— Quem irá sentir falta deste traste? Você, interrogador? É por isso que veio? Para me punir por roubar a energia vital de perturbados?

— Eu não sou juiz — o interrogador falou com frieza. — Só quero as informações que meus clientes necessitam.

A mulher deu uma risadinha, divertindo-se com a dor que causava a Wesley.

— E quem seriam esses clientes? — levantou uma das sobrancelhas.

O interrogador apanhou a mala, abriu os lacres e retirou de lá um cartão negro com uma rosa vermelha estampada em alto relevo. Entregou o papel à mulher, observando as feições dela se contraírem.

— Você está andando em péssima companhia — qualquer traço de diversão na voz dela foi apagado. Deixou de brincar com o paciente no chão. — O que a Rosa Vermelha poderia querer com um demônio classe baixa como eu?

Pisando na bituca queimada de seu cigarro, o interrogador deu um sorriso cínico.

— Pare de me tratar como um amador — retirou algumas fotos também guardadas na mala. Elas mostravam por vários ângulos um homem gordo, com mais de sessenta anos de idade, morto sobre uma cama de motel. Ele estava nu, sua barriga proeminente repleta de profundos arranhões. — Reconhece este renomado cidadão? Fui informado de que era um político importante. Parece que morreu com as calças na mão.

— Eu nunca o vi na minha vida — a súcubo sibilou por entre os dentes.

O interrogador negou.

— Pare de mentir.

A mulher olhou para os lados, encurralada. Cruzou os braços sobre os seios, encarando o interrogador sem qualquer máscara de sedução.

— O que quer?

— Você roubou algo deste homem e o entregou para que um incubo engravidasse uma mulher qualquer. Não sei qual era o plano e nem me interessa, mas a criança deve ter nascido alguns meses atrás. Quero que me diga onde ela está.

A raiva tomou as feições dela, enquanto as luzes do quarto começavam a piscar. Wesley gritou, desesperado. O interrogador achou que ouviu a voz do Dr. Pereira, mas não se deu ao trabalho de responder. Ninguém entraria ou deixaria o quarto até que o interrogatório terminasse.

— Não saberá nada de mim! — a mulher vociferou. — Diga àquela desgraçada que se ela quer bancar a mãe que tenha sua própria cria! A minha ela não irá roubar!

O interrogador acendeu um novo cigarro.

— Helena torcia para que sua resposta fosse essa. Bem, não posso dizer que não tentei dialogar.

Ele levantou os braços, que emanavam uma intensa luz avermelhada. A mulher estremeceu, mas quando tentou escapar, foi segura pelo braço. Mesmo se debatendo, não pôde impedir que as mãos fortes do interrogador agarrassem sua cabeça. Se não conseguia seduzi-lo, não tinha poderes sobre ele. Seus gritos de dor ecoaram por todo o sanatório. Os pacientes e funcionários nunca se esqueceriam daquele lamento.

O Doutor Pereira já tinha se cansado de bater na porta. Dois enfermeiros tentaram sem sucesso arrombá-la. Suando e com uma dor de cabeça terrível, ele estava pronto para chamar a polícia quando ouviu o leve clique da trava. Avistou o médico misterioso que ajeitava a jaqueta e o colarinho.

— Já terminei a verificação. Não precisa me acompanhar até a saída, sei bem qual é meu caminho.

Sem explicações, ele sumiu nos corredores. Pereira passou um lenço sobre a testa molhada e deu

passos receosos na direção do quarto de Wesley. Encontrou o paciente sentado na cama com os olhos vermelhos de tanto chorar, mas com uma calma que há muito não se via nas suas feições.

— O que aconteceu? — perguntou, torcendo o nariz para o cheiro que tomava o lugar. — O que aquele homem fez com você, Levy?

— Ele me curou — a resposta veio num tom monocórdio. — Matou o demônio que vivia dentro de mim. Agora vai procurar pelo filho das trevas.

O médico meneou a cabeça, como se estivesse compreendendo, mas lançou um olhar significativo para seus enfermeiros. Os dois homens agarraram Levy e lhe aplicaram uma injeção sedativa.

Enquanto ajustava o paciente sobre a cama, Pereira pisou num amontoado de cinzas. Um fedor ainda mais terrível tomou o ar, embrulhando seu estômago. O que mais o alarmou, porém, foi o formato peculiar do pó cinzento. Uma silhueta feminina.

Trancou a porta do quarto com rapidez, disposto a pedir demissão assim que o diretor do sanatório chegasse.

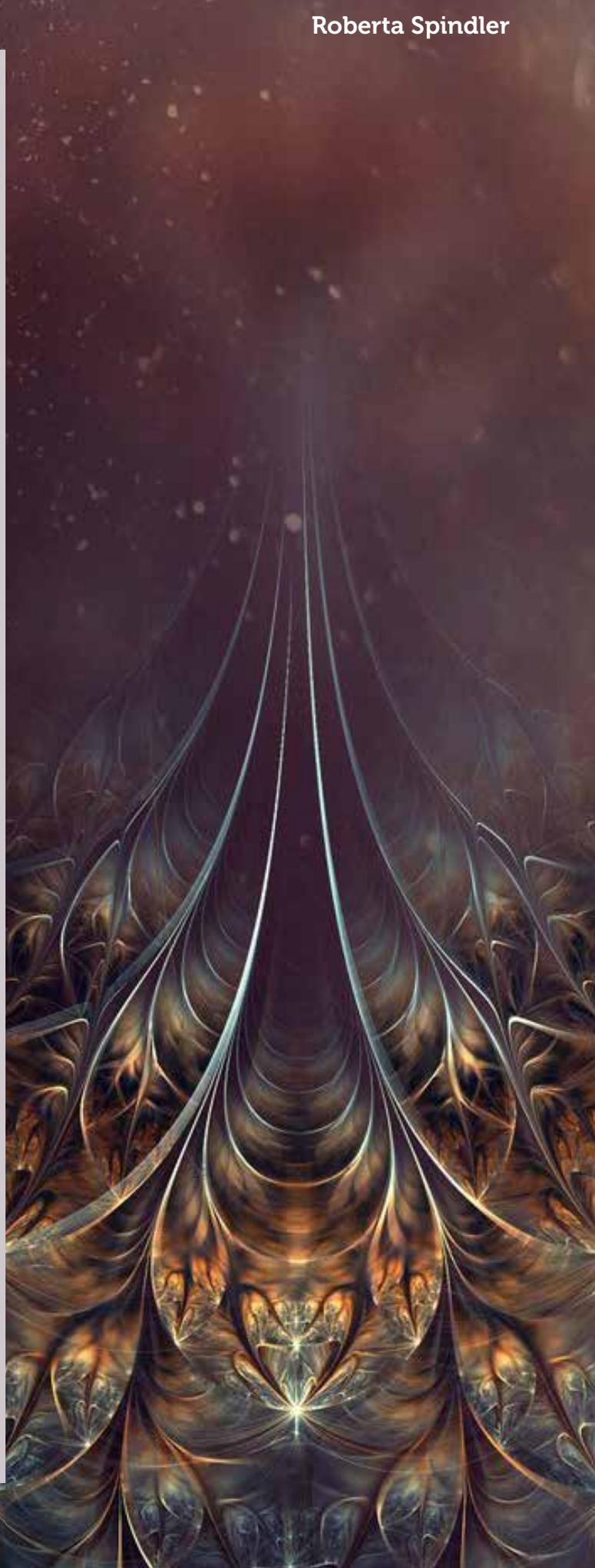


**Roberta Spindler** nasceu em Belém do Pará, em 1985. Graduada em publicidade, também trabalha como editora de vídeos. Nerd confessa, adora quadrinhos, games e RPG. Escreve desde a adolescência e é apaixonada por literatura fantástica. Tem contos publicados em diversas antologias e é coautora de *Contos de Meigan – A Fúria dos Cártagos*. *A Torre Acima do Véu* é seu segundo romance.

Twitter: @robertaspindler

Fan page: [www.facebook.com/robertaspindlerautora](http://www.facebook.com/robertaspindlerautora)

Blog: [www.ruidocriativo.wordpress.com](http://www.ruidocriativo.wordpress.com)

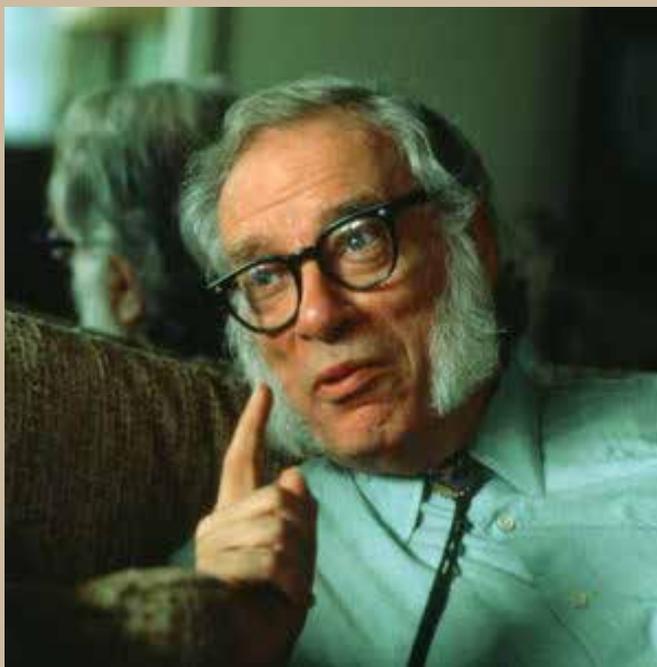




HOMENAGEM

ISAAC ASIMOV

# Isaac Asimov: entre Robôs, Impérios Galácticos e Outros Mundos



Isaac Asimov (1920-1992) é seguramente um dos mais populares e influentes nomes da história da ficção científica no século XX, ao lado do inglês Arthur C. Clarke (1917-2008) e dos norte-americanos Robert A. Heinlein (1907-1988) e Ray Bradbury (1920-2012).

Nascido na Rússia, o menino Asimov, aos 8 anos, acompanhou a família judia que emigrou para os Estados Unidos, nos tempos da União Soviética. Criança precoce e intelectualmente privilegiada, Asimov conhece a ficção científica folheando as *pulp magazines*, vendidas na loja de doces de seu pai. Já aos 19 anos termina a faculdade de bioquímica e desenvolve uma promissora carreira acadêmica, lecionando a partir de 1949 na Universidade de Boston.

Ao mesmo tempo, porém, o jovem Asimov des-

*por Marcello Simão Branco*

perta mais atenção como um dos escritores da chamada Golden Age da ficção científica dos Estados Unidos, publicando vários contos de sucesso nas revistas de banca dos anos 1940.

Na verdade, a produção de sua juventude jamais foi superada em termos de criatividade e influência dentro do gênero. Seus melhores contos seriam publicados a partir dos anos 1950 no formato de livros, clássicos absolutos como *Eu, Robô* (1951) e a *Trilogia da Fundação* (a partir de 1952).

Com o primeiro livro, Asimov criou uma maneira particular e engenhosa dos humanos e robôs se relacionarem, destruindo o mítico e tolo “Complexo de Frankenstein”, que mais aborrecia e fomentava preconceitos dentro e fora da ficção científica. Vocês já devem ter visto: criador cria criatura que se volta contra o criador e o domina ou destrói. Asimov muda o panorama, ao escrever as Três Leis da Robótica, que estabeleciam, em linhas gerais, que os robôs não poderiam prejudicar de nenhuma maneira a vida dos seres humanos, mesmo que com isso sua própria segurança estivesse em risco.

Asimov virou o “pai” dos robôs, escrevendo contos e romances emocionantes envolvendo o relacionamento entre homens e máquinas. Mas não só: mesmo outros autores de ficção científica de prestígio seguiram sua estrutura básica e podemos ver um ótimo exemplo de robô tipicamente asimoviano no personagem Data, de *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*, onde além de seguir as três leis, o personagem ainda tem a estrutura de um cérebro positrônico, outra criação de Asimov.

Mas o judeu russo mais novaiorquino que já existiu forjou também o influente e fascinante império

galáctico humano. Em sua série *Fundação*, ele conta a história da conquista da galáxia pela humanidade e seus problemas políticos em um futuro de centenas de milhões de anos no futuro. Tão distante, que não mais sabemos que nossa origem se situa num pequenino e belo planetinha de uma certa estrela na periferia da Via Láctea.

Afora esta faceta épica, ele introduz outro conceito chave na ficção científica: a psico-história, ou seja, a capacidade de prever estatisticamente o comportamento social e político de grandes aglomerações humanas. Em *Fundação*, a psico-história é utilizada pelo carismático personagem Hari Seldon para prever a futura queda do império galáctico e o retorno da barbárie. Surpreendentemente ou não, a psico-história tem sido estudada nos meios acadêmicos como uma escola de interpretação do comportamento racional dos indivíduos em assuntos políticos e econômicos das sociedades contemporâneas. Isso sem esquecer que suas leis da robótica têm servido de inspiração para cientistas que procuram pensar e criar robôs úteis aos seres humanos em nosso mundo real.

## FAMA

Mesmo influente na ficção científica e na pesquisa científica, Asimov não se acomodou. Já em meados dos anos 1950 começa a diversificar os temas de suas histórias, publicando contos e romances clássicos sobre viagem no tempo — como *Fim da Eternidade* (1955), a melhor história de viagem no tempo já escrita — e, na maturidade, escreve o romance *Os Próprios Deuses* (1973), sobre a descoberta de universos paralelos ao nosso, seu melhor livro do ponto de vista literário.

Mas quem relaciona o nome de Isaac Asimov primeiramente à ficção científica se esquece que o Bom Doutor — como era carinhosamente apelidado — foi um dos mais importantes divulgadores científicos. A partir dos anos 1960 passa a escrever mais livros sobre ciência do que ficção científica. Em seu currículo encontram-se livros seminais que popularizaram a ciência entre o público em geral, como *O Corpo e o Cérebro Humano* (1962), *O Universo* (1966), *Civilizações Extraterrenas* (1979), en-

tre outros.

E o Bom Doutor não para aí: em meados dos anos 1970 passa a escrever sobre qualquer assunto que lhe for encomendado. De sua pena, são publicadas obras muito boas em assuntos tão diferentes quanto a Bíblia e William Shakespeare, além de alguns romances policiais e de fantasia.

Toda esta versatilidade lhe rende prestígio na forma de prêmios, popularidade e dinheiro. Asimov tem em seu currículo três prêmios Hugo, como melhor romancista e dois prêmios Nebula, os dois mais importantes da ficção científica internacional, além de ter sido agraciado com a honra máxima de Grande Mestre Nebula, em 1987. Isso afora outros prêmios por sua excelência como divulgador científico.

## CINEMA

Hollywood não poderia deixar passar em branco este talento. Em 1966 ele escreve o roteiro do clássico *Viagem Fantástica* (1966), filme que mostra o interior do corpo humano como nunca antes visto no cinema, dirigido por Richard Fleischer. Em 1988 teve sua mais famosa história filmada, *O Cair da Noite*, infelizmente com um resultado indigno da qualidade de seu texto. Mostrando um mundo alienígena no qual a noite chega apenas a cada mil anos, Asimov faz uma competente parábola sobre misticismo e fatalismo, numa história publicada originalmente quando ele tinha apenas 22 anos.

Anos depois o cinema americano voltou a filmar uma história clássica do autor, com *O Homem Bicentenário* (1999), interpretada de forma magnífica por Robin Williams. Baseada em uma novela premiada de mesmo nome, foi escrita em 1976 inspirada pelo bicentenário da independência dos Estados Unidos. Mas Asimov nos leva ao futuro em um mundo onde um de seus robôs quer porque quer tornar-se humano, perto de completar seu ducentésimo aniversário.

Mas Hollywood ainda não explorou todo o potencial do autor. Sua série *Fundação* foi vendida para filmagem nos anos 1960 e não chegou às telas até hoje. Certamente é uma saga épica e ambiciosa,

mas continua à espera de um produtor ousado e um diretor talentoso, coisa cada vez mais rara, aliás, no cinema americano.

## REVISTA

Se Hollywood está devendo, o mesmo não se pode dizer do mercado editorial americano. Percebendo sua inegável popularidade e potencial de mercado, é lançada em 1977, a revista de contos *Isaac Asimov's Science Fiction Magazine* (atualmente chamada apenas de *Asimov's Science Fiction*). Pela primeira vez um escritor do gênero empresta o seu nome para uma publicação periódica, num lance de raro oportunismo comercial e brilhantismo editorial.

A revista torna-se um sucesso de vendas e de crítica, vencendo dezenas de vezes os mais prestigiosos prêmios da área, revelando autores importantes para a renovação do gênero, tal como Orson Scott Card e David Brin e publicando novamente autores veteranos há muito ausentes como Jack Williamson e L. Sprague de Camp em suas páginas. Quando vivo, Asimov não a editava, apenas escrevia saborosos artigos na forma de editoriais, variando sobre temas tão díspares e interessantes como feminismo, conquista espacial e ecologia, relacionando os assuntos para a ótica da ficção científica.

Publicada com êxito ainda hoje nos Estados Unidos, tem franquias em alguns países da Europa. Já chegou a ser publicada aqui no Brasil, entre 1990 e 1993, a saudosa e importante Isaac Asimov Magazine, que, a exemplo da irmã americana, forjou uma nova geração de escritores brasileiros de ficção científica.

E por falar nos brasileiros, por aqui Asimov foi o preferido, ao menos nos anos 1990. Pesquisas realizadas junto a dezenas de fãs em 1991 e 1998 pelo fanzine *Megalon* mostrou que o Bom Doutor foi considerado “o melhor escritor” por uma expressiva maioria, além de sua *Trilogia da Fundação* ser considerada nos dois anos o “melhor romance de ficção científica” já escrito.

Mesmo com esta aceitação, Asimov não era considerado um grande escritor por críticos mais exi-

gentes. Sua prosa é escrita numa forma tradicional, seus personagens não são muito densos. Em compensação, Asimov encanta e é influente ainda hoje por outras qualidades: sabia, como poucos, contar uma história, mesclando didatismo científico, clareza de ideias, criatividade e uma boa dose de humanismo e crítica social. Por razões como essas é que o Bom Doutor escreveu uma das mais belas páginas da história da ficção científica no século XX. Continua um autor influente e de leitura indispensável a todos que gostam de uma “boa e velha história de ficção científica”. Como se fosse contada ao redor de uma fogueira na planície inóspita e perturbadora de um planeta distante e gelado como Plutão.

## UMA BIBLIOGRAFIA

### SELECIONADA DO BOM DOUTOR

Isaac Asimov é um dos autores estrangeiros de ficção e divulgação científica mais publicados no Brasil, com dezenas de títulos. A seguir uma lista com o melhor de sua vasta obra.

#### FICÇÃO CIENTÍFICA:

- *827 Era Galáctica*, editora Hemus.
- *Cavernas de Aço*, editora Aleph, 2013
- *O Cair da Noite*, editora Arte e Letra, 2012
- *Os Próprios Deuses*, editora Aleph, 2010.
- *Eu, Robô*, editora Expressão e Cultura, 1969.
- *Fim da Eternidade*, editora Aleph, 2007.
- *Fundação* (trilogia completa), editora Aleph, 2009.
- *Limites da Fundação*, editora Aleph, 2012..
- *No Mundo da Ficção Científica*, editora Francisco Alves, 1984.
- *O Futuro Começou*, editora Hemus.
- *O Homem Bicentenário*, editora L&PM, 1997.
- *Nêmesis*, editora Record, 1991.
- *Sonhos de Robô*, editora Record, 1992.

- *A Terra tem Espaço*, editora Hemus.

### **DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA:**

- *Civilizações Extraterrenas*, editora Nova Fronteira, 1981.
- *O Cérebro Humano*, editora Hemus.
- *O Colapso do Universo*, editora Francisco Alves, 1980.
- *Contando as Eras*, editora Francisco Alves, 1986
- *O Corpo Humano*, editora Hemus.
- *Escolha a Catástrofe*, editora Melhoramentos, 1980.
- *Júpiter*, editora Francisco Alves, 1983.
- *O Livro dos Fatos*, editora Nova Fronteira.
- *Marte*, editora Francisco Alves, 1982.
- *O Universo*, edições Bloch, 1969.



Isaac  
Asimov



# 827 Era Galáctica

RESENHA

## 827 ERA GALÁCTICA

por Daniel Borba

**827** *Era Galáctica* foi o primeiro romance escrito por Isaac Asimov. Somente isso já bastaria para torná-lo importante, mas, publicado pela primeira vez em 1950, tem um papel de destaque na cronologia do autor. Apesar de ter sido o primeiro a ser publicado, é o terceiro livro sobre o Império Galáctico, que posteriormente viria a ter destaque nos romances da Fundação.

Dentro da cronologia imaginada por Asimov, *827 Era Galáctica* é precedido por “As Correntes do Espaço” e “Poeira de Estrelas”, publicados respectivamente em 1952 e 1951.

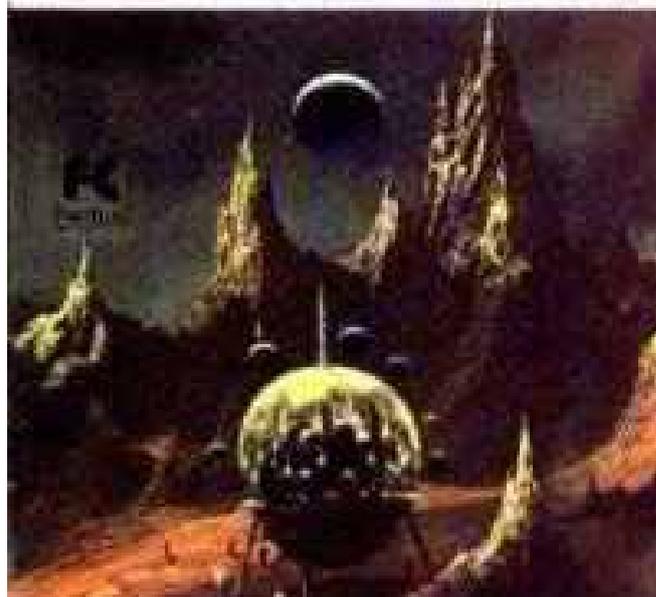
Em *827 Era Galáctica*, o leitor conhece a história de Joseph Schwartz, um alfaiate aposentado que, ao caminhar tranquilamente pelas ruas da Chicago em pleno século XX, é acidentalmente transportado milhares de anos no futuro, indo parar numa Terra que obviamente lhe era totalmente desconhecida, no ano 827 da tal Era Galáctica, na qual a Galáxia era controlada pelo poderoso Império, com capital em Trantor.

A explicação para o deslocamento temporal de Schwartz não é apresentada com detalhes. Há uma menção sobre um acidente nuclear nas redondezas, mas o que realmente chama a atenção no romance é o futuro da Terra, como imaginado por Asimov.

A Terra é vista como um planeta rebelde, sofre preconceito por parte de outros planetas e tem inúmeras regiões inacessíveis devido à contaminação

**ISAAC  
ASIMOV**

**827 ERA GALÁCTICA**



por radioatividade. O título original do romance, “Pebble in the Sky” (um pedregulho no céu), descreve bem o desprezo com que o resto do império enxerga o planeta. Tanto tempo no futuro, nem se tem total certeza de qual planeta é o berço da humanidade, e somente os habitantes da Terra dão valor à história do planeta.

Ao aparecer nesse mundo totalmente estranho, Schwartz, inicialmente tido como uma pessoa com deficiência mental graças à sua inabilidade de se co-

municar e hábitos estranhos, acaba sendo envolvido numa conspiração para livrar a Terra do jugo do Império Galáctico.

Assim como a trilogia da Fundação, segundo o próprio Asimov, é uma referência à história do Império Romano, *827 Era Galáctica* é uma referência ao período em que os romanos controlavam a região da Judeia. Os paralelos são inúmeros: há um governador local com pouco poder, uma conspiração em curso, e uma falta de respeito por parte do Império em relação a quem já habitava o planeta anteriormente.

O romance é uma boa leitura, apesar de não figurar entre os destaques da obra de Asimov. A narrativa prende o leitor, mais pela curiosidade da situação em que o pobre alfaiate se encontra do que pela própria trama. À época do lançamento, o livro

recebeu algumas pesadas críticas, mas com o passar do tempo, e conforme a história se encaixou dentro da cronologia dos livros de Asimov, *827 Era Galáctica* passou a ser mais aceito, tanto entre os críticos quanto entre os leitores.

De qualquer modo, mesmo que este romance não tenha o mesmo apelo de outras obras mais conhecidas do autor, torna-se uma leitura obrigatória para os fãs de seu trabalho e da ficção científica no geral. Isaac Asimov traçou um futuro para a Humanidade, envolvendo robôs e um império que viria a povoar toda a Galáxia numa história grandiosa, cheia de reflexões e alternativas. *827 Era Galáctica* é um dos primeiros capítulos dessa história.

No Brasil, o romance chegou em 1976, através da Hemus Livraria Editora.





# Volta de um Clássico ao Brasil: Trilogia Fundação

RESENHA



Resenha de *Fundação* (238 páginas), *Fundação e Império* (244 páginas) e *Segunda Fundação* (235 páginas), de Isaac Asimov. Tradução de Fábio Fernandes e Marcelo Barbão. Capas de Delfin. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

## VOLTA DE UM CLÁSSICO AO BRASIL:

### TRILOGIA FUNDAÇÃO

por Marcello Simão Branco\*

Não deixou de ser uma surpresa este lançamento da editora Aleph, os três volumes da *Trilogia da Fundação*, a obra mais volumosa de Isaac Asimov (1920-1992) e uma das mais populares da história da ficção científica. Isso porque esta editora tem centrado a sua publicação de livros do gênero em autores mais contemporâneos, como os cyberpunks William Gibson e Neal Stephenson e, mais recentemente, num dos mais idiossincráticos e con-

troversos, Philip K. Dick. Neste contexto, Isaac Asimov destoa, pois ele é um dos principais autores da chamada Golden Age da ficção científica norte-americana, vivida basicamente nas páginas das pulp magazines, de meados dos anos 30 até o final dos anos 40. Uma plêiade de autores hoje considerados clássicos no modelo ainda mais conhecido do gênero – de aventuras espaciais e abordagem hard (das ciências naturais) –, surgiu neste período com, por exemplo, Robert A. Heinlein e A.E. van Vogt.

O romance em três volumes chamado Trilogia da Fundação é, na verdade, composto de cinco noveletas e quatro novelas publicadas entre 1942 e 1949 na mais influente revista da época, a *Astounding Science Fiction*, editada por John W. Campbell, Jr., o maior responsável por essa nova geração de autores.

Apenas nos anos 50 é que as histórias foram reunidas em três volumes: *Foundation* (1951), *Foundation and Empire* (1952) e *Second Foundation* (1953). A publicação em formato de livro valorizou a obra e a popularizou ainda mais, para além do círculo dos fiéis apaixonados pelo gênero.

A popularidade da obra é indiscutível, como atestam estes dois fatos: em primeiro lugar, recebeu o Prêmio Hugo Especial de 1966, como “a melhor série de todos os tempos”, uma distinção única, criada à parte no mais importante prêmio do gênero. E em segundo, aqui no Brasil, no restrito ambiente do *fandom*, foi escolhido por duas vezes o “melhor romance de ficção científica de todos os tempos”, em votações dos leitores do fanzine *Megalon*, em 1991 e 1998.

A história é uma grande saga de dimensões épicas que procura mostrar a expansão humana por toda a Via-Láctea. Neste universo não existem alienígenas e nós nos espalhamos por toda a galáxia, construindo um gigantesco império formado por milhares de planetas, todos controlados pelo centro político, a capital Trantor. Se você pensou no Império Romano, está correto, pois a inspiração é assumida pelo próprio autor. Mas ele foi além ao apresentar como este poderoso império – a exemplo do romano – semeia em seu próprio esplendor as contradições internas que o levam à decadência e violenta dissolução, num retorno à “barbárie”.

Hari Seldon, um brilhante cientista, cria a ciência da psico-história como um antídoto para reduzir os efeitos catastróficos da queda do império, prevista por ele para acontecer em alguns séculos. É acusado de conspirador, mas seu plano é aceito e posto em prática. São estabelecidas duas colônias de cientistas nos extremos do império – as fundações – de motivações distintas, para preservar a sabedoria e a cultura, e continuar desenvolvendo a ciência e a tecnologia mesmo em tempos de barbárie. Para Seldon não será possível impedir a queda, pois o processo já estaria adiantado, mas permitir o ressurgimento em apenas mil anos de um novo e revigorado império galáctico.

A psico-história é uma ciência que lida com os

fenômenos sociais de um ponto de vista coletivo, adotando princípios filosóficos de indução e as ferramentas da estatística. Pode soar pouco crível, mas bebe na fonte das teorias dos jogos, que começaram a ganhar ímpeto nos anos quarenta e têm servido como um suporte metodológico importante para as ciências sociais desde então, em especial para a economia.

As diversas aventuras situadas nos três volumes mostram as turbulências entre o fim do império e o surgimento de vários pequenos estados despóticos, assim como o desenvolvimento das duas fundações, que tem por objetivo restaurar a glória perdida do status quo. Contudo, aparece uma situação não planejada pelas equações da psico-história, um poderoso mutante com poderes mentais chamado O Mulo, que ambiciona assumir o controle da galáxia.

Se é verdade que estamos diante de uma clássica história ao estilo *space opera* – colonização espacial, futuro de consenso, grandes períodos de tempo, ritmo de aventura e personagens pouco densos em sua maioria –, percebe-se o quão complexa é a trama e as várias nuances que surgem ao longo dos três romances. Chama a atenção que a ênfase do enredo esteja no processo histórico e nas mudanças na sociedade, ou seja, discute-se as relações humanas numa aventura de *space opera*, que é mais afeita também à exploração de grandes engenhos tecnológicos. Em Fundação, eles apenas fazem parte do pano de fundo, aceitos como integrantes da civilização. Deste modo, Asimov descola a ênfase das ciências naturais para as sociais, utilizando, contudo, o uso de uma nova ciência que alia História e Matemática.

Há quem veja também em *Fundação* os efeitos do contexto político em que a história foi criada, pois estávamos em plena Segunda Guerra Mundial. Talvez Asimov especulasse sobre o destino do modo de vida dominante na época, primeiramente desafiado pelo colapso da balança de poder entre as potências europeias (na Primeira Guerra Mundial) e anos depois por um regime totalitário que a todos queria subjugar. Assim, talvez as duas fundações fossem representações das democracias e seus valores civilizatórios em perigo.

Já para a figura de Seldon e seus colaboradores, seria possível estabelecer um paralelo com a ideia de Platão, de sábios a conduzir o destino da sociedade, em que a ciência teria as melhores soluções para os conflitos inerentes da natureza humana. Aqui poderíamos compreender as implicações da história de um ponto de vista mais autoritário.

Seja qual for a interpretação mais relevante – ou outras, a depender da interpretação de cada um –, o fato é que a *Trilogia da Fundação* é uma obra significativa, pois vai além do tradicional das histórias de exploração do espaço que procuravam mostrar muito da visão anglo-americana de como se constituir a melhor forma de sociedade. Em *Fundação*, tais alicerces são construídos para depois serem questionados, a partir de desafios políticos e surpresas do destino.

Durante os anos oitenta esta obra foi publicada pela editora Hemus, de São Paulo, em um único volume. A edição era modesta mas simpática e, melhor, econômica. O relançamento ocorre em três volumes separados, o que encarece a compra. Ainda mais porque a edição é bem produzida, com

uma tradução melhor do que a anterior, ainda que as ilustrações de capa destoem do espírito da obra. Quem tem a edição da Hemus deve preservá-la, já que ela é única também com relação ao conteúdo, pois é a tradução da obra original escrita nos anos 40. Já a da Aleph contempla uma revisão realizada por Asimov em meados dos anos oitenta para padronizá-la em relação ao conjunto de suas obras de ficção científica, já que ele passou a escrever outras aventuras dentro deste universo. Seja por qual edição for, o entusiasmo pelo entretenimento inteligente ou por debates político-filosóficos subjacentes garante uma leitura rica e ilustrativa da própria evolução do gênero no século 20.

\***Marcello Simão Branco** é um dos editores do Anuário Brasileiro de Literatura Fantástica.

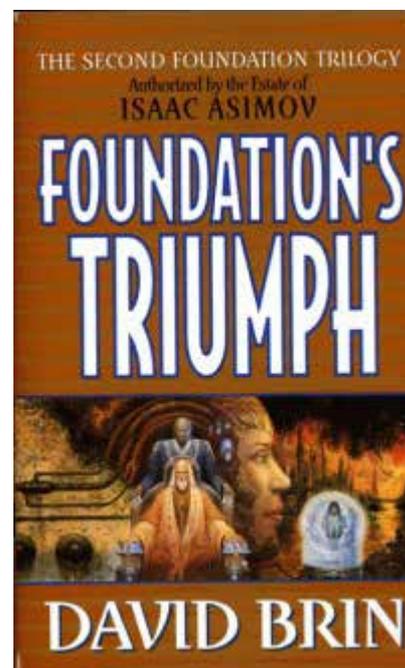
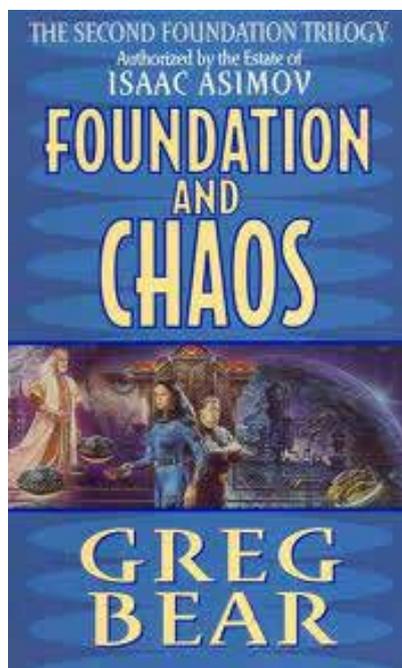
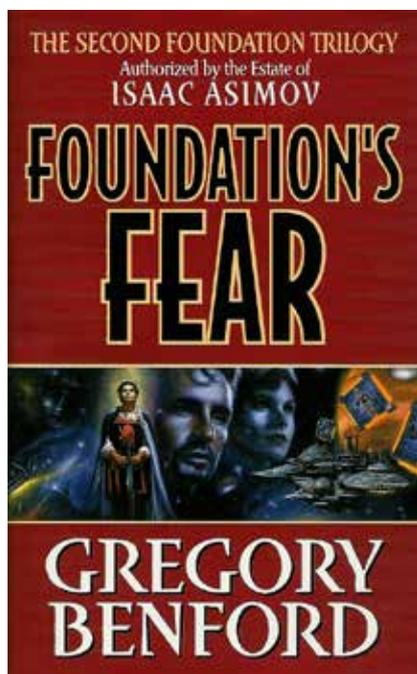
Texto originalmente publicado no site Terra Magazine: <http://terramagazine.terra.com.br/ficcao/especulativa/blog/2009/09/26/resenha-convidada-volta-de-um-classico-ao-brasil/>





# Issac Asimov e os Legados Quase Caóticos de sua Obra - Trilogia Pós-Foundation -

RESENHA



## ISSAC ASIMOV E OS LEGADOS QUASE CAÓTICOS DE SUA OBRA - TRILOGIA PÓS-FOUNDATION -

por Ricardo França

**P**ode se considerar um desafio inaudito tentar escrever algo sobre partes e pedaços isolados da vasta obra do Bom Doutor (alcunha carinhosa dada a IA e livremente aceita entre seus fãs), e por isso mesmo uma possibilidade viável que talvez me reste é a de escrever algo sobre algumas das obras que se basearam no legado deixado por este prolífico autor.

Coincidentemente terminei, tão tardiamente a esta altura da vida, de ler com prazer renovado e

desta vez totalmente em formato digital, três dos volumes mais canônicos, pretensamente sugeridos pela própria viúva Janet Asimov, *née* Jeppson, e encarados como versões e continuações/complementações oficiais, da mega-saga “Fundação” de Isaac Asimov. Esta continuidade está consignada a saber nas obras “Foundation’s Fear” de Gregory Benford, “Foundation and Chaos” de Greg Bear e “Foundation’s Triumph” de David Brin, em uma iniciativa que já fora tentada ainda em vida do autor original por outros escritores, apresentada através da coletânea “Foundation’s Friends”. Esta última obra, no entanto, bem como outras similares, não está no escopo desta minha resenha pelo fato de que talvez esta ainda dispunha do “imprimatur” direto do autor, o que possivelmente possa ter limitado seus voos criativos.

Mesmo ainda aparentemente fora do radar edi-

torial nacional, o que posso dizer é que esta trilogia posterior me parece uma homenagem *post-mortem* mais do que merecida a um dos maiores construtores de conceitos ligados à literatura da FC mundial, e que a Editora Aleph bem poderia aproveitar o elán do seu recente lançamento de uma nona edição/ tradução da trilogia “Foundation” original e demais obras de suporte de Asimov para “estender” ainda mais, qualitativa e quantitativamente, seu catálogo. Como estas obras têm o sabor de uma extensa síntese tardia sobre a obra de uma vida de um escritor tão prolífico como o IA, com reflexões sobre algumas das contradições potenciais acumuladas ao longo dos anos neste magnífico cenário, me pareceu especialmente difícil condensar os ícones conceituais mais relevantes dentre o que se pretendia inicialmente como uma “complementação”. Esta proposta na verdade transcendeu a obra original em alguns pontos e acabou por ter sobejamente muito mais valor *de per si* do que ser aparentemente uma mera captação de recursos por parte de quem seja basicamente guiado por fortes apegos aos cenários ficcionais de sua preferência.

Dentre os pontos altos identificados nesta nova trilogia, podemos citar os paradoxos psíquicos internos revelados tanto nos simulacros artificiais de personalidade, conforme idealizados por Benford e expandidos por Bear e Brin (os assim chamados “três ‘B’ da FC”), bem como o contraponto dos valores humanos ou pós-humanos como os dos *robots* sencientes (sendo o desenvolvimento dos dilemas internos destes, a meu ver, algo digno de estar entre as mais sofisticadas contribuições conceituais do Asimov). Estes mostram todos os dilemas de uma alteridade que, comparativamente falando, mal são tangenciados como os verdadeiros problemas éticos da convivência com o diferente nas versões mais recentes e diluídas de pós e transhumanismos abordadas por vários próceres da FC contemporânea.

A inevitável escatologia dos términos civilizatórios talvez nunca tenha sido tão agudamente abordada, mas sem qualquer malsã ênfase na mera desesperança impotente ou mesmo qualquer foco mais anormal nas ações do indivíduo, o que parece ter sido uma tendência psicossocial recentemente

recorrente entre vários escritores de FC, que parecem abraçar o aleatório.

O efêmero confronto das facções de poder local nas evoluções que levam ao estabelecimento da Fundação, os testes e experimentos de pensamento em uma imberbe psico-história explorados a partir de diferentes padrões evolutivos (quase-animais, humanos e artificiais-sencientes até o além-do-humano-e-robótico psiônico), a gênese turbulenta da aparente tábua de salvação que se pretendia ser a “Enciclopédia Galáctica”, os primeiros passos em busca de saídas de dano mínimo para uma humanidade à beira do caos (onde se critica até a viabilidade de períodos que se assemelhem ao que mais recentemente se cunhou de singularidade tecnológica), conforme demonstradas nestas versões recentes dos epígonos, ainda apresentam um frescor renovado.

Se as comparar com muitas das versões sombrias de temas similares abordadas por outros autores modernos de FC de visão humana mais míope, inevitavelmente sobressaem algumas limitações destes. Quer pela maior preocupação com as faltas de soluções mais imediatas para questões humanas já tão conhecidas, ou movidos pela apneia psicológica causada pela constatação de que em certos momentos o curso do rio da história se volve caudaloso, extrapolando crescimentos exponenciais sem inclusão das inevitáveis contraforças de saturação da natureza nos seus modelos, a incompreensão generalizada é a tônica. No cenário conceitual asimoviano, porém, brotam naturalmente um inevitável otimismo realista e a fé na capacidade humana (ou senciente) de, que mesmo sob condições caóticas se revelam germens de previsibilidade, ao mesmo tempo que alerta para os efeitos do canto de sereia da criatividade sem freios dos mundos caóticos e do potencial mau uso do conhecimento.

A recente trilogia dos epígonos se configura, portanto, como inserida entre as FCs de estilo clássico, na sua ênfase sobre as discussões multifacetadas de ideias e conceitos. Por exemplo, a sutil citação mais explícita nestas narrativas tardias de um possível surgimento de uma hipotética singularidade tecnológica, mostra como este tipo de inclusão certa-

mente causaria fortes distorções e desfigurações no cenário de base. Já durante os anos mais produtivos do Bom Doutor, suas preocupações eram mais nítidas quanto ao estabelecimento de definições e projeto de salvaguardas quanto à eventuais perdas de controle futuro no que se refere à evolução social e tecnológica humana, a começar pela definição de suas famosas e simplérrimas Três Leis da Robótica, talvez seu maior legado concreto-conceitual à humanidade, legado este sendo proveniente mais explicitamente da sua literatura ficcional do que da sua obra tão ou mais vasta focada na divulgação científica.

Porém, as obras citadas dos três “B” demonstram um domínio de certas ferramentas narrativas mais sofisticadas, que talvez o Bom Doutor ignorasse no seu constante afã de contar uma boa história baseada em ideias. Os meandros de suspense e ação entremeados com as discussões de princípios são algo ainda mais delicioso de se ler nos seus aprofundamentos quanto as ideias mais criativas da saga. Seus continuadores, escritores já experientes e testados pela pressão americana de público e crítica que são, foram mais do que competentes em adicionar algumas dimensões “hiperespaciais” extras a alguns dos personagens “maiores-que-a-vida”, como o próprio cientista Hari Seldon e o robô imortal (e manipulador) Daneel Olivaw. Estes se mostram agregados a toda uma galeria de coadjuvantes de peso em oposições fascinantes na forma de personas humanas, como os sucessores e opositores do plano Seldon, ou artificiais criados por IAs tais como Ludovik Trema, o visionário robô sem leis, e Dors Venabili, a quase-humana esposa robótica apaixonada por Hari Seldon. Tal exploração ficcional do que se é

humano, demasiado humano, se apresenta até mesmo manifestada na brincadeira dos autores sob a forma de revisitações de versões de figuras históricas, como as de Voltaire e Joana D’Arc, re-criadas e alçadas à uma pós-existência simulada e virtualmente interagente com parâmetros de uma sociedade profundamente distinta das originárias.

Num mundo atual, em que os paradigmas do que é ser “humano” começam cada vez mais a se apresentar num estado de fluência, e no qual as inter-relações sociais mútuas são cada vez mais dependentes da robustez das Leis de Grandes Números, apesar de fortes reações de individualismos encastelados e renitentes, a mensagem crítico-humanista presente tanto na trilogia original como nas obras de seus principais continuadores deveria ser ainda mais ressaltada. Raras vezes se vê tal respeito e sentimento de continuidade por parte de membros de uma classe que, por definição, se identificaria mais com a ideia de “deixar a sua marca no mundo” que com o princípio caracteristicamente científico de se “apoiar nos ombros de gigantes” na geração criativa. Este tipo de mensagem nunca foi tão premente, principalmente se considerarmos as atuais gerações de efêmeros leitores que futuramente poderão ser responsáveis pelo que poderíamos chamar de uma nova aurora de valores nesta encruzilhada (ou “tempo-cúspide”, nos termos da saga) da atual humanidade.

Fica, porém, ainda a dúvida se os conceitos pertinentes e criativos destes ambiciosos e talentosíssimos quase-*fan-fics* vitaminados não passariam hoje mais despercebidos se estas obras não se ancorassem firmemente sobre os largos ombros e o gigantesco talento do Bom Doutor.



# Caça aos Robôs (The Caves of Steel)

RESENHA

## CAÇA AOS ROBÔS (THE CAVES OF STEEL)

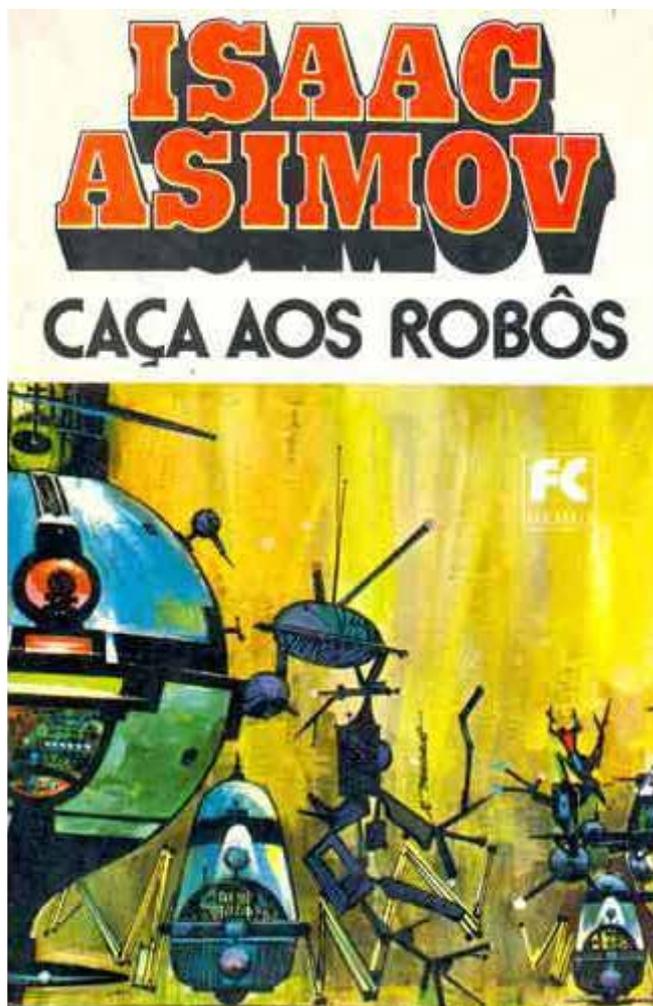
por Marcelo Bighetti

A primeira vez que li este livro foi em 1992 e terminei agora minha segunda leitura.

Da primeira vez, não percebi o que Asimov estava realmente querendo dizer. Eu via apenas uma história policial em um mundo fantástico criado por este gênio, tendo como base as leis da robótica, mas hoje vejo que o conteúdo é muito, muito mais que isto.

Deixando de lado a trama principal da investigação de um assassinato, percebemos algo interessante nesta sociedade terrestre do futuro, onde a humanidade vive em cidades redomas e as pessoas não têm contato direto com a atmosfera. A simples ideia de uma exposição ao ar livre se transforma em uma fobia. Nesta época, além da Terra, há outros 50 planetas que foram colonizados séculos antes pelos terráqueos. Agora o povo da terra sente ódio dos espaciais (habitantes dos 50 mundos), talvez por inveja de seus mundos melhores, ou pela ingratidão dos mesmos em não permitir mais a imigração dos terrestres. Os espaciais por sua vez sentem nojo e repulsa pelo povo da Terra, tendo o argumento que estes são cheios de doenças e podem contaminar seus mundos, o que é verdade, pois eles perderam a imunidade às doenças terrestres há muito tempo. Mas sua repulsa vem de sua superioridade, menosprezando os mais fracos e esquecendo suas origens.

Na época em que Asimov escreveu este livro (1957), a população mundial era de aproximadamente 2,5 bilhões. Na história de “Caça aos Robôs”,



muitos séculos à frente de nosso tempo, Asimov estimava a população mundial em 8 bilhões. Atualmente somos 6,5 bilhões e os 8 bilhões imaginados por Asimov estima-se que será alcançado em 2025. Acho que estamos bem adiantados.

Com este breve panorama deste mundo Asimoviano, tento traçar uma correlação com nossa sociedade atualmente. Será que vivemos em Cavernas de Aço como o título original em inglês sugestiona? É claro que não, mas infelizmente vivemos em Ca-

vernas Virtuais e possuímos um preconceito como o dos espaciais.

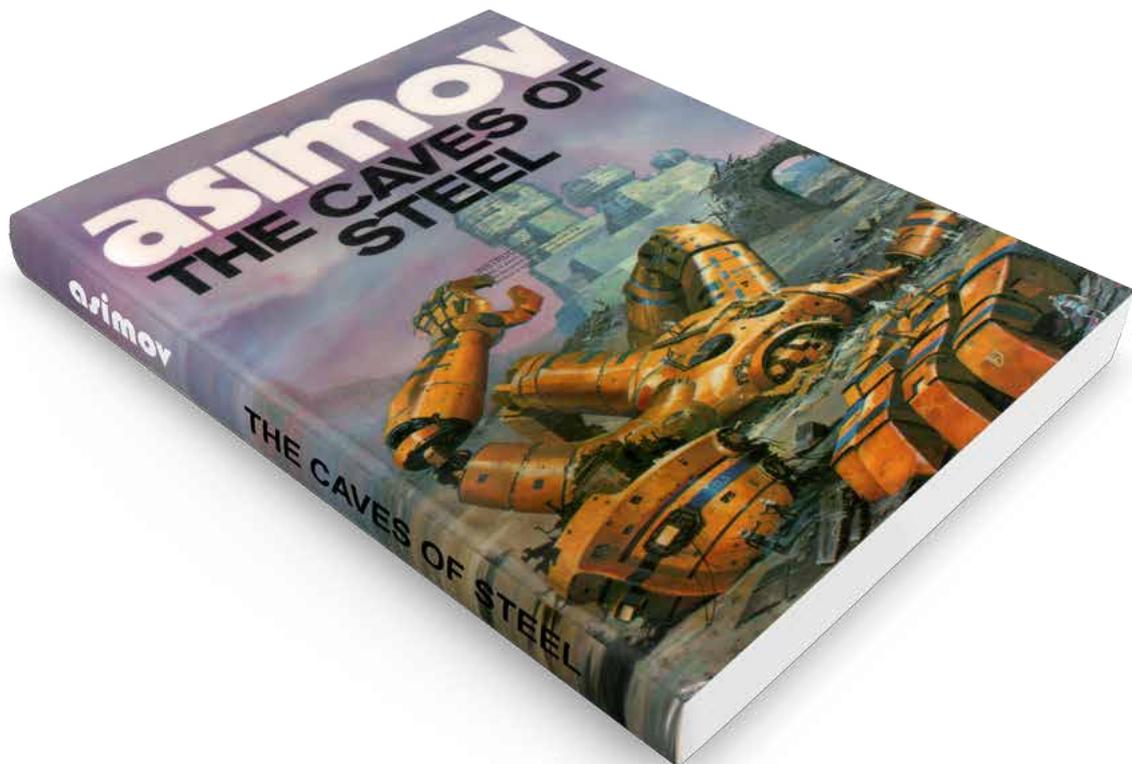
É com certa frequência que ouço muitas pessoas compartilharem com certo orgulho a quantidade de amigos que possuem no orkut, facebook e afins. Gabam-se por conseguirem “falar” com “tantas” pessoas ao mesmo tempo no MSN. Não estou aqui dizendo que estas ferramentas não são úteis; pelo contrário, as utilizo de forma a aumentar meu desempenho em algumas atividades. O que quero dizer é que as pessoas estão se isolando fisicamente, com a falsa autojustificação que neste mundo globalizado precisamos ter contatos pelo mundo afora. Concordo, mas desde que isto não o isole. As re-domas virtuais estão se tornando cavernas virtuais, onde a fobia pelo contato social começa a aumentar em proporções.

Nestes 4 dias de carnaval, os jovens da minha

Igreja foram acampar. Na terça-feira, quando fui buscar minha filha, e ao ver as sorridentes e cansadas jovens descenderem do ônibus, uma moça amiga minha responde a minha pergunta de como foi o acampamento desta forma: “Foi uma experiência interessante ficar 4 dias sem internet.” Eu esperava qualquer resposta, menos esta.

Para terminar, e tratando apenas de uma faceta, vejo o preconceito tecnológico. Quantos megapixels tem sua máquina? Qual a geração do seu celular? Qual a velocidade da sua banda larga? Qual seu processador? De quanto é seu HD? Só isto... O meu é bem melhor...

(Resenha originalmente publicada em <http://bighettiliterario.blogspot.com.br/2010/02/caca-aos-robos-caves-of-steel-is-sac.html> na data de 19.02.2010)





# Os Próprios Deuses

atenção: contém spoilers

RESENHA

## OS PRÓPRIOS DEUSES

por Ricardo Guilherme dos Santos

**O**s Próprios Deuses (Aleph, 2010, tradução de Silvia Mourão) traz em uma nota inicial da editora a explicação não apenas para o título da obra, mas também para as três subdivisões usadas por Asimov para o desenvolvimento da trama. A inspiração do Bom Doutor teve origem na expressão “contra a estupidez os próprios deuses lutam em vão”, um excerto da peça “A Donzela de Orleans”, escrita pelo alemão *Friedrich Schiller*. Em seguida à nota da Aleph, a sábia dedicatória de Asimov:

*À humanidade e à esperança de que possamos, um dia, vencer a guerra contra a insensatez.*

### CONTRA A ESTUPIDEZ...

Tudo começou com um frasco contendo um reagente rotulado como “metal de tungstênio”, que estava sobre a mesa do radioquímico Frederick Hallam desde que sua memória podia se recordar. Sequer lhe pertencia. Em um determinado dia, o conteúdo do frasco sofreu uma estranha mudança na coloração. A princípio, aquilo pareceu a Hallam uma espécie de brincadeira dos colegas de trabalho, mas decidiu averiguar o que teria ocorrido, pedindo a um técnico que verificasse o conteúdo do frasco. A resposta, dias depois, deixou a situação ainda mais insólita: descobriu-se que o tungstênio que havia no frasco havia se “transformado” em *Plutônio 186*<sup>1</sup>. Entretanto, o *Plutônio 186* é um elemento químico que não poderia, ao menos segundo nossos conhe-

<sup>1</sup> Massa do elemento químico em questão, que seria formada por 94 prótons e 92 nêutrons.



cimentos científicos, tornar-se estável.

Com o passar dos dias, o novo e incompreensível elemento químico deixou de ser estável, passando a liberar radiação e a sofrer novas transformações. O enigma estava se tornando cada vez mais desafiador, fazendo com que Hallam ficasse à beira de um ataque de nervos.

O que estaria acontecendo, afinal?

É a partir daí que esta interessante trama, con-

tada de forma bem humorada em seus primeiros parágrafos, passa a se tornar ainda mais sedutora.

Frederick Hallam – Asimov faz questão de deixar claro – não era um cientista brilhante, mas era teimoso e obstinado. Também era bastante vaidoso e se irritou com o desdém do colega Denison, que se mostrou cético quanto à sua capacidade profissional. Estas “qualidades” conduziram Hallam ao estrelato. Graças a elas, ele teve a tenacidade necessária para desvendar aquele mistério. E, como consequência desta pertinácia, acabou ficando conhecido em todo o mundo como o *Pai da Bomba de Elétrons Entre Universos*. A Bomba de Elétrons seria – e, de fato, acabou se tornando – um mecanismo capaz de produzir incríveis quantidades de energia a custo próximo do zero – um verdadeiro oásis para a humanidade.

A ideia da construção da Bomba surgiu em um Seminário, após Hallam ter feito a seguinte suposição acerca da procedência do Plutônio 186:

*Assim que chegou aqui – e não finjo saber como fez essa travessia – ainda estava estável, e minha sugestão é que esse fato decorre de essa substância ter vindo imbuída das leis de seu próprio universo. O fato de lentamente ter-se tornado radioativa, e depois cada vez mais radioativa, pode indicar que as leis do nosso universo gradualmente se infiltraram nela...* (página 29).

Ao responder uma questão posterior, ele sugeriu que alguém, de um universo paralelo, no qual as leis da física seriam diferentes (chamado por ele de para-universo), estaria nos propondo, por intermédio da transformação daquele elemento químico, uma espécie de troca de energias:

*Sim, acredito que sim, e acho que essa fonte de energia não pode ser utilizável a menos que o universo e o para-universo trabalhem juntos, cada qual numa metade de uma Bomba, trazendo energia deles para nós e levando a nossa para eles, tirando proveito das diferenças entre as leis naturais de ambos os ambientes.* (página 30).

A Bomba de Elétrons em pouco tempo saltou da ideia embrionária à fase de execução e logo propor-

cionou uma impressionante melhoria na qualidade de vida das pessoas. Muitas comodidades surgiram em consequência à sua utilização. O trabalho diário das pessoas passou a ser desnecessário e os seres humanos passaram a vivenciar uma época de muita tranquilidade, tendo total disponibilidade para se dedicarem ao lazer ou a quaisquer atividades de seu interesse. Frederick Hallam tornou-se, é claro, uma celebridade.

Muito fácil e cômodo para todos, não é verdade? Parecia ser o Paraíso em vida. Era assim que quase todos pensavam, mas, como diz o conhecimento popular, toda regra tem sua exceção. E, neste caso, uma tenaz exceção!

Peter Lamond tornou-se o grande antagonista de Hallam. Este cientista fez todos os [atabalhados] esforços que acreditou estarem ao seu alcance para tentar provar que a Bomba de Elétrons representava um grande perigo para a humanidade. Seu maior objetivo, a bem da verdade, era de índole pessoal: ele queria mostrar ao mundo que Hallam (que o destragara em algumas ocasiões) não passava de uma fraude, um cientista mediano que se apropriava com astúcia de descobertas alheias.

Lamond tentou com muita insistência provar que estava certo, mas ninguém queria ouvi-lo. Estavam todos tão eufóricos com os benefícios trazidos pela nova tecnologia que nem sequer queriam admitir a possibilidade de que aquilo pudesse ser uma faca de dois gumes. Apenas seu colega Bronowski tentou ajudá-lo, trabalhando na tentativa de decifrar a linguagem alienígena e se comunicar com eles. Porém, nem mesmo ele parecia muito seguro sobre o acerto das teses do vingativo Lamont.

A parte 1 deste livro tem um interessante conteúdo científico, com ênfase na área química. Além disso, Asimov mostra com muita sagacidade, através dos diálogos e reflexões dos personagens, as batalhas de egos e interesses tão comuns entre os seres humanos em todas as esferas sociais e do conhecimento. O autor prova neste livro que conhecia bem os antagonismos e disputas característicos da nossa espécie. E soube retratá-los com maestria.

A parte 2, por sua vez, sobre a qual falaremos um

pouco a seguir, tem como grande trunfo a criatividade de Asimov e sua capacidade em criar uma das mais apaixonantes personagens que já tive o prazer de conhecer: Dua.

### ... OS PRÓPRIOS DEUSES...

Se você está cansado da mesmice nas descrições de ambientes e personagens alienígenas por parte dos escritores de ficção científica e dos roteiristas de Hollywood, sem dúvida ficará encantado com o “para-mundo” e os “para-homens” criados por Asimov. Uma sociedade e um planeta alienígenas no sentido pleno da palavra, pois completamente estranhos à nossa percepção de realidade, porém tão bem delineados que conseguimos imaginar em detalhes os cenários e personagens criados.

Odeen (o Racional esquerdistas), Tritt (o Paternal direitista) e Dua (a Emocional) formavam uma tríade, como era natural entre os chamados “Suaves”, habitantes daquele planeta (criaturas cuja densidade corpórea e forma física podiam sofrer alterações de acordo com a energia que seus corpos emitiam). A função dos Emocionais na tríade era fornecer a energia para o “derretimento”; os Racionais eram encarregados da semente; os Paternais, da incubação. Além dos Suaves, existiam por lá também os enigmáticos “Durões”, que pareciam ser dotados de mais conhecimento e inteligência que os Suaves. Pode-se dizer, grosso modo, que eram uma espécie de Racionais num estágio mais avançado de evolução.

Um ancião cujas forças definhavam era a única fonte de alimento para todas as criaturas do lugar: Suaves e Durões alimentavam-se dos tímidos raios emitidos pelo pequeno e agonizante Sol que iluminava o “para-mundo”.

Bem, mas falemos um pouco de Dua, a personagem que tanto me cativou. Dua era diferente dos demais Emocionais. Aliás, nem sequer se entendia bem com eles. Destoava, na verdade, de todos os Suaves, tornando-se uma criatura estranha aos olhos dos outros. Tinha anseios por liberdade, pensamentos, ideias e atitudes próprias, o que era considerado inadmissível para uma Emocional. Era teimosa

e apreciava a solidão. Tudo isso, é claro, dificultava sua convivência com Odeen e Tritt.

Dua tinha uma espécie de pressentimento de que havia algo errado com a nova forma de energia que estava sendo produzida pela “Bomba de Prótons”<sup>2</sup>. Ela intuía um perigo de grandes proporções, algo que os Durões sabiam e estariam tentando esconder dos Suaves. E decidiu investigar.

Reflexiva, questionadora e cada vez mais racional, Dua ficou conhecida de forma depreciativa entre os outros Emocionais como “a Emo-esquerdistas”. Esta personagem adquire importância cada vez maior com o desenvolvimento da trama, sobretudo ao ignorar os comportamentos padrões para seguir em busca de respostas para suas inquietações e soluções para o que lhe parecia injusto.

Porém, não é Dua quem descobre o segredo dos Durões.

### ... LUTAM EM VÃO?

A parte 3, que fecha esta obra-prima, tem como palco a Lua e como marco temporal um futuro próximo ao início do funcionamento da *Bomba de Elétrons*.

Selene era uma bela guia de turismo lunar que, certo dia, recebeu entre seu grupo de visitantes terráqueos (ou “terrosos”, o termo pejorativo usado pelos lunares) um homem de cerca de cinquenta anos de idade, que se mostrou interessado em conhecer um engenho conhecido como “Síncroton de Prótons”. Este visitante é, na realidade, um dos personagens retratados na parte 1. Agora anos mais velho, ele reaparece na história por uma boa razão.

Falar mais sobre este desfecho de Os Próprios Deuses inevitavelmente implicaria em revelações sobre a trama que poderiam estragar o prazer da leitura, por esta razão creio ser este o momento apropriado para encerrar meus apontamentos.

Àqueles que ainda não leram, fica a recomendação deste livro, sem dúvida uma das melhores criações do Bom Doutor.

<sup>2</sup> Como ficou conhecida a Bomba de Elétrons no “para-mundo”.



# O Fim da Eternidade

RESENHA

## O FIM DA ETERNIDADE

por Dario Andrade



**Fim da Eternidade** ocupa lugar peculiar dentro da obra de Isaac Asimov. Publicado originalmente em 1955, a despeito de algumas pequenas sugestões encontradas no texto, não guarda relação com a maior parte da obra de ficção científica do autor, que, de modo geral, se vincula às séries sobre Robôs, Fundação ou Império.

No Brasil, o livro já foi editado pelo menos três vezes. Em pesquisa no sítio da Estante Virtual consta uma edição de 1974 da Best Seller; outra, de 1981, da Hemus; e, finalmente, uma terceira, da Aleph, de 2007. Eu tenho e li essa última.

A estória tem como protagonista Andrew Harlan, um Técnico – uma posição importante – dentro da Eternidade, que tanto é uma organização quanto uma realidade que existe paralela ao Tempo, ao nosso Tempo. Enquanto esse último é bastante maleável e é alvo de constantes modificações, a Eternidade é uma realidade paralela.

A Eternidade existe em razão da descoberta das equações que explicam o deslocamento temporal, no século XXIV, e, três séculos depois, das viagens no tempo.

A Eternidade tem algumas particularidades em relação a outras organizações que viajam pelo tempo. Na Patrulha do Tempo, série escrita por Poul Anderson, a função desse organismo é controlar as alterações na história, o que não é o caso da Eternidade.

Os Eternos, de Asimov, têm uma função signifi-



cativamente diferente, porque – a partir da invenção da viagem no tempo, no século XXVII até o século 70.000 – controlam a história, produzindo alterações deliberadas e intencionais e, de tal modo, podem simplesmente fazer com que milhões ou bilhões de pessoas deixem de existir. São, para usar palavra da moda, pró-ativos.

Isso, evidentemente, não é informado para as pessoas do Tempo. Essas conhecem a fachada da Eternidade, ou seja, o comércio que é realizado pela

organização entre os diversos séculos. Mas é só.

A função de Técnico exercida por Harlan significa que ele se ocupa em determinar e colocar em prática a Mudança Mínima Necessário no Tempo, ou seja, a modificação que irá causar o menor número de impactos na história e, ao mesmo tempo, produzirá a Máxima Resposta Necessária, ou seja, alterações que sejam benéficas à Humanidade e que são, portanto, aquelas desejadas pela Eternidade. A organização, aparentemente, é espécie de despota ilustrado da história humana.

Todo esse processo se dá por meio de intrincado sistema de computação que se origina a partir da colheita de informações realizada pelos Técnicos e que visa a maximizar a felicidade e o bem-estar da Humanidade. Há um ponto interessante a ser pensado aqui. Vejamos.

A Eternidade é uma organização cujo verdadeiro propósito é escondido da humanidade que vive no Tempo. Ela visa a cuidar do bem-estar dos seres humanos, não como indivíduos, mas como Humanidade, com H maiúsculo. Assim, sobre os Técnicos repousa responsabilidade um tanto sinistra. Zelam pelo bem-estar da coletividade, mas para tanto realizam constantes alterações no Tempo, que têm como consequência o desaparecimento de pessoas de carne e osso a cada vez que a mudança temporal é realizada.

Mesmo que o Tempo possua plasticidade, as mudanças temporais são como uma onda – ou seja, a distância diminui o seu impacto –, e é inevitável que dada alteração produza impactos, que poderão ser benéficos ou não. Em caso negativo, será preciso nova mudança e assim por diante.

No final das contas, é de se pensar se a Eternidade não é uma organização autoritária, que por trás de aparentes boas intenções, acabe por tratar os seres humanos apenas como marionetes. Seres humanos vivem ou morrem, nascem ou crescem, têm uma personalidade ou outra, graças à vontade dos Eternos.

Harlan, como a imensa maioria dos Eternos, é homem. Há pouquíssimas mulheres pertencentes à

organização. Asimov descreve o Eterno ideal como “... um homem dedicado, vivendo para a missão que deveria desempenhar, para o aprimoramento da Realidade e o aperfeiçoamento da felicidade humana em sua somatória. Harlan gostava de pensar na Eternidade como os monastérios dos tempos primitivos”<sup>1</sup>.

De tal modo, são buscadas algumas características para que o indivíduo faça parte da organização. Em primeiro lugar, sua retirada do seu século não pode implicar em modificações significativas na história. Em segundo lugar, deve ter traços de personalidade que permitam ao sujeito se adaptar a uma vida praticamente monástica, como sugere o próprio Asimov: não se casará, não terá filhos e, fora raros casos, não manterá laços afetivos. Há exceções, é claro, caso de ligações temporárias entre um Eterno e uma mulher do Tempo.

Harlan inicialmente aparenta ser o Eterno ideal, mas, em razão da própria vida monástica, Harlan é um tanto ingênuo nas suas relações amorosas. Assim, um dos motores do enredo é quando ele se apaixona por uma mulher do século 482 que deixará de existir quando for feita uma mudança no Tempo. Com o objetivo de salvá-la, Harlan comete inicialmente o que é um pequeno crime, um Mapeamento de Vida da sua amada, Noys Lambent, para descobrir o que ocorrerá em razão das alterações que serão produzidas no século em que ela vive.

Daí, Asimov dá um salto na história, com um flashback do processo de treinamento de Harlan e de como o seu interesse no Tempo Primitivo surgiu, isto é, da história anterior ao século XXIV. Ambos os elementos terão um impacto no enredo do livro.

De qualquer maneira, Harlan escolhe salvar Noys em detrimento do seu compromisso com a Eternidade. Nesse ponto, Asimov surpreende positivamente. A despeito de ter se tornado recorrente criticá-lo por escrever personagens sem profundidade, Harlan é realmente um caso de personagem interessante. É um homem adulto sem vida sexual que se vê diante dos dilemas da paixão, ou melhor, da primeira paixão. Como qualquer um sabe, é exa-

<sup>1</sup> Asimov, Isaac. *O Fim da Eternidade*. São Paulo: Aleph, 2007.

tamente a primeira paixão a que leva o homem a cometer as maiores imprudências. Harlan, é claro, não tem como saber disso, mesmo porque é desejado pela Eternidade que ele não se envolva amorosamente.

Então temos uma situação potencialmente – e efetivamente – explosiva, porque um homem com um poder absurdamente tremendo no final das contas é apenas um homem, com os seus desejos e suas pulsões. Como logo no início do livro o próprio Asimov observa, “...se havia uma falha da Eternidade, ela envolvia mulheres”<sup>2</sup>. E as pulsões não se restringem apenas a Harlan. Outros membros da Eternidade também têm as suas e essas também terão implicações no enredo. Em suma, são seres humanos, com as suas falhas, a gerir a história.

O livro, evidentemente, não se resume a uma estória de amor. O apaixonado Harlan, graças às suas ações, acaba por se ver implicado em vários

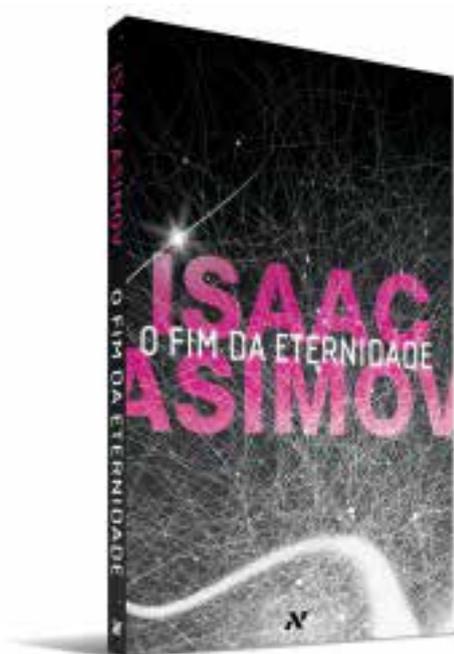
paradoxos temporais e, além disso, precisa lidar com a questão do que existe além do século 70.000 e, como se não bastasse, precisa lidar com o grande segredo que descobre a respeito da Eternidade. Ambos estão, de alguma maneira, relacionados à experiência amorosa, mas é melhor não ir adiante no desvelamento do enredo da estória. Se avançar mais, certamente, o leitor ficará irritado.

De qualquer modo, Asimov traz algumas interessantes observações a respeito de liberdade individual, do controle social, do poder excessivo que é dado para alguns indivíduos e da insensibilidade que isso traz a esses detentores desse poder.

Enfim, leitura interessante para quem é fã do Bom Doutor e quer conhecer uma faceta que vai além de robôs, Fundação ou Império, mesmo que lá pelas tantas, haja uma tênue sugestão – não creio que isso seja um spoiler – que sugira sutil vínculo com as outras séries do Asimov.

---

<sup>2</sup> ASIMOV, op. cit. p. 18.





# Azazel

RESENHA

## AZAZEL

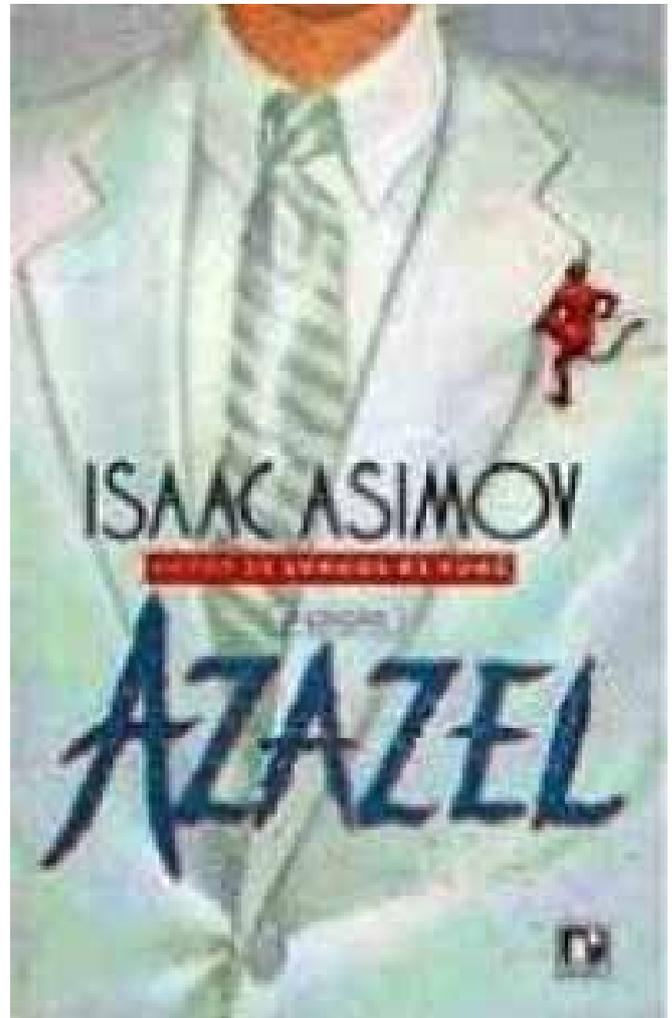
por Daniel Borba

Em geral, quando se fala de Isaac Asimov, o que vem à mente é a ficção científica “hard”, focada em tecnologia, baseada em ciência pura e exata. Na maioria dos casos é isso mesmo. Asimov ficou famoso principalmente por clássicos como *Fundação* e *Eu, Robô*, assim como suas inúmeras histórias tendo robôs como protagonistas.

Uma das raras exceções a essa regra é *Azazel*, um pequeno livro de contos que apresenta ao leitor uma criatura diferente: um demônio com dois centímetros de altura, com o corpo todo vermelho, chifres na cabeça e um rabo “longo” de um centímetro de comprimento, dono de poderes mágicos e um gênio impulsivo que normalmente causam situações inesperadas e confusas.

O demônio *Azazel* é fruto de um projeto do qual Isaac Asimov fez parte, para colaborar com um amigo editor que precisava de uma série de contos de mistério para uma revista. O primeiro conto, chamado “Ajuste de Contas”, continha uma boa dose de mistério, mas também um toque de sobrenatural, com a presença do pequeno demônio. Foi publicado, mas os contos seguintes não foram aceitos, já que a revista publicava contos de mistério e não de literatura fantástica. Asimov foi forçado a criar uma nova série de contos de mistério, abandonando temporariamente o pequeno *Azazel*.

“Odeio desperdícios, e não suporto a ideia de deixar algo que escrevi sem ser publicado” – foi dessa forma que Asimov justificou o fato de ter continuado a trabalhar nas histórias do pequeno demônio. Dessa forma, *Azazel* voltou a ser publicado,

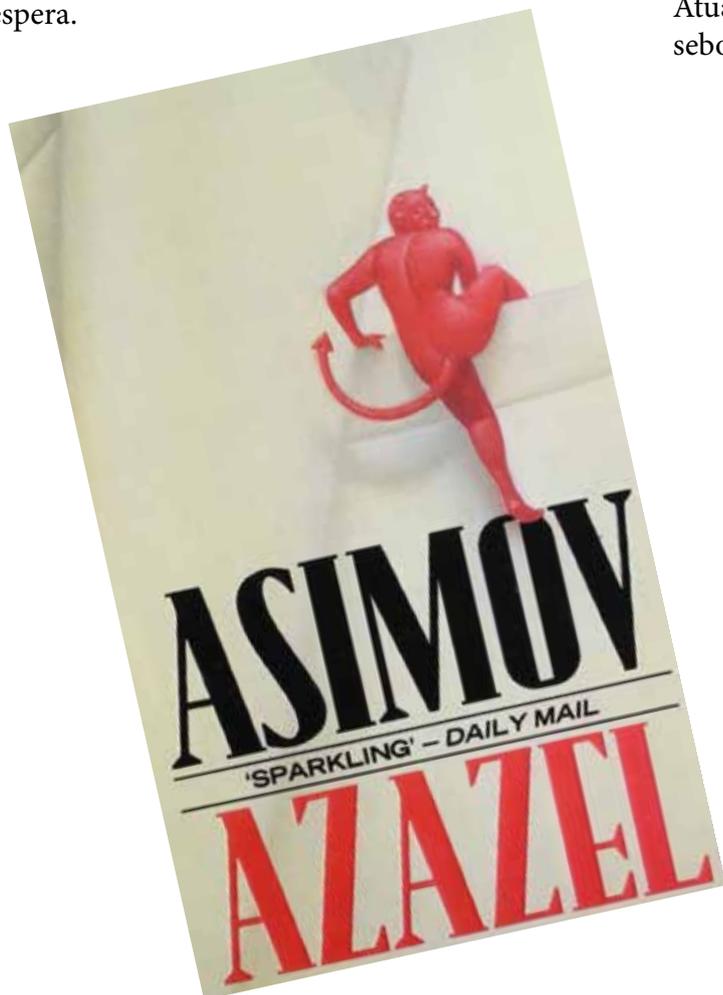


primeiramente em “The Magazine of Fantasy and Science Fiction”, e posteriormente na revista que o próprio autor editava, “Isaac Asimov’s Science Fiction Magazine”.

Todos os dezoito contos que compõem a coletânea *Azazel* (nome de um demônio retirado da Bíblia) trazem uma conversa entre o narrador e um tal George Bimnut, um sujeito folgado e aproveitador que se diz descendente da nobreza dinamarquesa e que afirma ter sido capaz de conjurar a presença

de um demônio com poderes mágicos. O narrador, um alter ego do próprio Asimov, escuta pacientemente as histórias e aventuras vividas pelo falastrão George e seu pequeno companheiro, que ele afirma conjurar usando determinadas palavras mágicas.

As narrativas são sempre bem humoradas e sarcásticas. George, o “dono” de Azazel, é o típico folgado e abusado, trata o narrador com certo desdém, como se fosse superior a ele. Asimov o caracteriza como um verdadeiro “parasita” e sua cara-de-pau chega a ser tão exagerada que arranca risos do leitor. O demônio Azazel tem um bom coração, e, apesar de muitas vezes mal-humorado, sempre se dispõe a usar seus poderes a fim de ajudar George e seus amigos. O problema é que, não conhecendo os costumes terráqueos, acaba levando tudo ao pé da letra, e aí a máxima “cuidado com o que você deseja” entra em vigor. Os desfechos e a realização dos desejos são geralmente bem diferentes do que se espera.

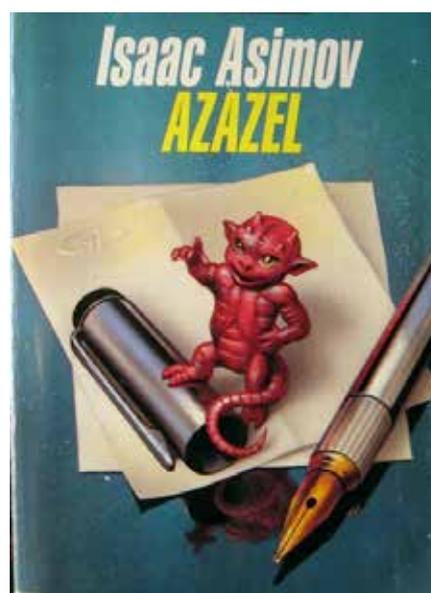


Azazel é o tipo da leitura leve e descontraída. Os contos são curtos e muito agradáveis. Esse é daqueles livros que se pode ler numa única “sentada” ou bem lentamente, um conto de cada vez, apreciando o sarcasmo do autor.

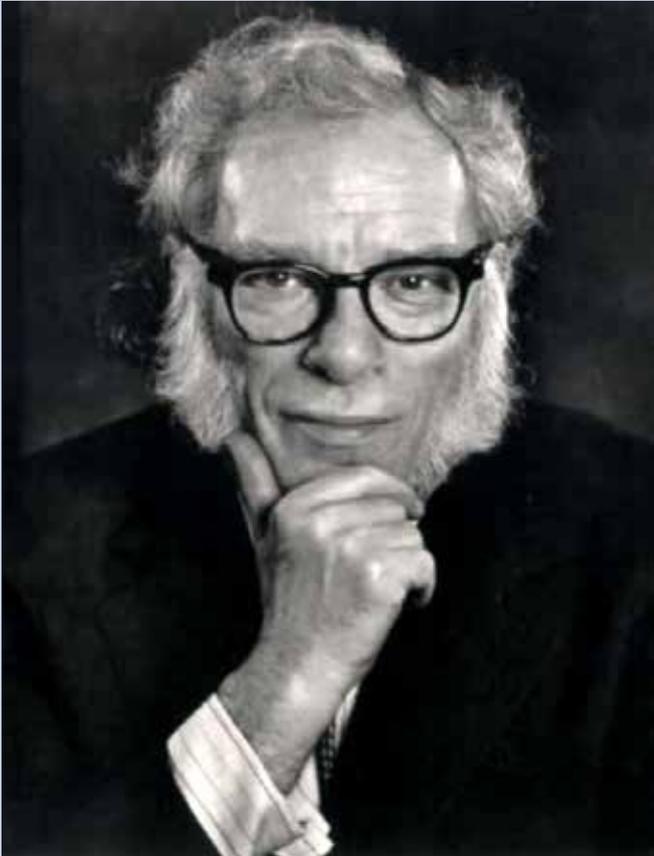
Para os fãs do grande mestre da ficção científica, o livro é uma excelente oportunidade para ratificar o talento do autor, que visita um outro lado da literatura fantástica, com desenvoltura. Já para os que ainda não conhecem o autor ou nem mesmo se interessam por ficção científica, o livro vai trazer uma boa diversão com grandes doses de humor.

Enfim, uma leitura que vale a pena.

Azazel foi publicado em 1988 nos Estados Unidos, e trazido para o Brasil pela Editora Record em 1991. Até o início dos anos 2000, ainda era muito comum ver alguns exemplares perdidos pelas principais livrarias ou em promoções na internet. Atualmente, provavelmente só será encontrado em sebos.



# Isaac Asimov: Obra Ensaística



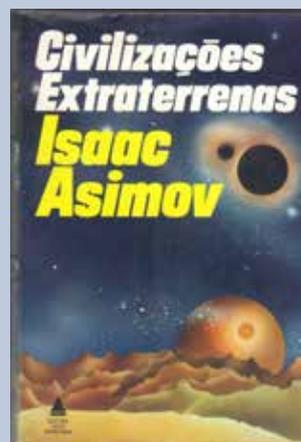
Isaac Asimov é conhecido mundialmente por seus livros de ficção científica. Suas séries interligadas *Robôs*, *Império* e *Fundação* formam uma gigantesca história do futuro conhecida por qualquer leitor de ficção, mas “representam, juntas, ‘apenas’ 1,5 milhão de palavras”, do total de oito milhões escritas por Isaac Asimov. Principalmente por questões políticas, o problema do ensino deficiente de ciências nos Estados Unidos, que levava a crer que este país poderia ser vencido pela então União Soviética na corrida espacial e tecnológica de forma geral, foi motivador da decisão de Isaac Asimov em se dedicar à escrita de não-ficção; particularmente a divulgação

por Edgar Indalecio Smaniotto\*

científica.

A partir de 1958, logo após o lançamento do Sputnik em 1957, Asimov intensifica sua escrita de divulgação científica, dedicando-se quase que exclusivamente a este gênero literário por muitos anos. O “bom doutor” voltaria à ficção científica em 1972 com o livro “O despertar dos deuses”, sobre universos paralelos<sup>1</sup>.

Asimov produziu centenas de ensaios (oitocentos), alguns possíveis de serem encontrados em traduções em língua portuguesa. Neste texto não temos a pretensão de comentar todos os ensaios produzidos por Isaac Asimov, mas fazer uma breve apresentação de algumas de seus livros de ensaios mais conhecidos, e que podem ser encontrados em língua portuguesa, mesmo que em edições antigas: *Civilizações Extraterrestres*; *Escolha sua catástrofe*; *Início e o fim*; e *O Colapso do Universo*.



**Civilizações Extraterrenas** (Editora Nova Fronteira, 1980) aqui “a pergunta é: estamos sós? Os seres humanos são os únicos detentores de olhos que sondam as profundezas do Universo? Os únicos que constroem engenhos para ampliar os sentidos naturais? Os únicos possuidores de mentes que se esfor-

<sup>1</sup> As citações e referências desta primeira parte do texto foram feitas a partir da revista “*Exploradores do Futuro: Isaac Asimov*” edição da Scientific American Brasil – Editora Duetto, nº 03. Todas as demais citações são retiradas dos livros comentados.

çam para compreender o que é visto e sentido?”. Para Asimov devemos responder ‘não’ para todas estas questões, pois com certeza existem outros seres inteligentes, mesmo que não saibamos onde estão.

De início Asimov demonstra que a inteligência existe na própria Terra em uma única espécie: a nossa. É interessante ver, por exemplo, o argumento de Asimov sobre o porquê de não podermos atribuir inteligência aos golfinhos, o que leva lógico à importância não apenas do cérebro, mas também de todo o corpo para o desenvolvimento da inteligência.

Inicialmente Asimov apresenta algumas especulações ao longo da história humana sobre a existência de vida na Lua, Marte e no restante do Sistema Solar. Para o autor, nosso sistema não é o melhor lugar para procurarmos vida inteligente. Após uma detalhada apresentação das possibilidades apresentadas por sistemas planetários, estrelas como o Sol e Planetas como a Terra, o “bom doutor” chega à seguinte conclusão “o número de planetas em nossa Galáxia onde existe agora uma civilização tecnológica = 530.000”.

Após definir a quantidade de civilizações tecnológicas em nossa galáxia, Asimov explora outro problema: a comunicação com estas possíveis civilizações. Por isso, os últimos capítulos são dedicados a temas relacionados à exploração espacial, voo interestelar e mensagens interestelares. Para Asimov “se chegarmos ao romântico extremo de supor que o limite da velocidade da luz pode ser ultrapassado e que existe uma pacífica e benigna Federação das Civilizações Galácticas, nosso êxito ao interpretar a mensagem e nossa resposta corajosa podem juntar-se ao nosso bilhete de entrada”. Para tanto, o bom doutor convida a humanidade a abandonar suas inúteis disputas provincianas em favor de um novo nível de conhecimento, com o qual possamos herdar este universo, sozinhos ou na companhia de outras civilizações.

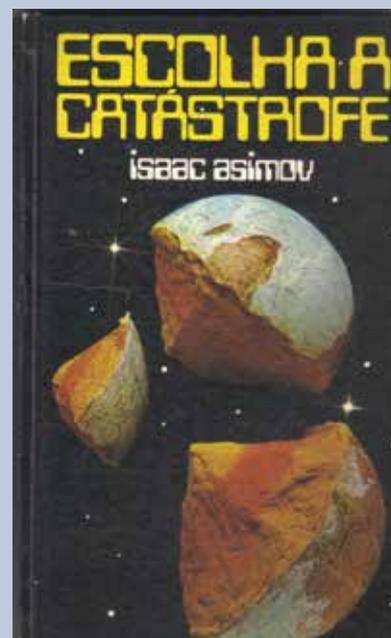
**Escolha sua catástrofe** (Círculo do Livro, 1979) é um livro angustiante, mesmo sendo um livro de divulgação científica. Aqui, Asimov apresenta ao leitor todas as formas possíveis pelas quais o homem pode vir a desaparecer ou ser reduzido a uma existência medíocre. O bom doutor trabalha com uma

classificação de catástrofes, vamos fazer um breve comentário de cada grau de catástrofe exposta por Asimov.

Catástrofes de 1º grau são aquelas em que o próprio universo pode entrar em colapso ou se tornar hostil à vida, ideia presente nas religiões *Ragnarok* e *O Apocalipse*, por exemplo.

Ou, cientificamente falando, o universo poderia se contrair e dar origem a um novo ovo cósmico. Já as catástrofes de 2º grau são mais locais, um evento pode fazer “com que o sistema solar se torne inabitável” e o “restante do Universo permanecer estável”. Algumas situações poderiam gerar uma catástrofe deste nível: o choque entre duas estrelas; um buraco negro adentrar o sistema solar; a morte do Sol; a explosão de uma supernova perto do Sol; ou, quem sabe, o contato com uma partícula de antimatéria. As catástrofes de 3º grau são aquelas mais presentes nos blockbusters hollywoodianos: o bombardeamento da Terra por objetos extraterrestres como asteroides; a redução do movimento terrestre; problemas nas placas tectônicas (vulcões e terremotos); mudanças climáticas e remoção do magnetismo da Terra.

Já as catástrofes de 4º grau são aquelas possíveis de ocorrer quando o ser humano entra em competição com outros seres vivos (animais de grande ou pequeno porte), microrganismos, vírus (novas doenças), seres extraterrestres ou o próprio homem (na verdade a maior aposta é que nós mesmo venhamos a nos matar). As catástrofes de 5º grau são de dois tipos, ambas dependentes de como vamos nos relacionar com nosso meio ambiente: podemos esgotar nossos recursos e poluir o mundo até acabarmos com nossa própria civilização, ou também podemos acabar ao não trabalharmos adequada-



mente com questões advindas de nossa vitória sobre o ambiente, como a superpopulação, o excesso de conhecimento, o desenvolvimento tecnológico e etc. O interessante é que uma das propostas para solucionar estes problemas para Asimov é o homem se ligar aos computadores: *“a união de cérebros, o humano e o que o homem fez, poderia servir como porta pela qual o ser humano poderia emergir de sua infância isolada para uma maturidade em combinação”*.

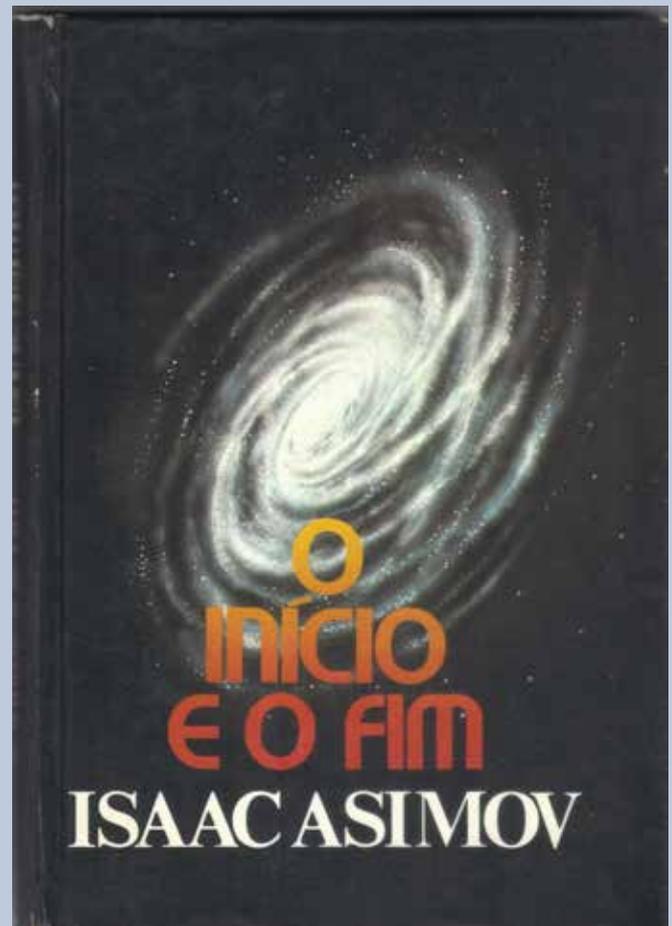
Asimov termina seu texto com um comentário sobre a necessidade do ser humano trabalhar por seu futuro, que vale a pena ser lido, então peço licença para uma longa citação: *“não há catástrofes que se nos apresentam e que não possam ser evitadas; não há nada que nos ameace com a destruição iminente de modo tal que fiquemos de mãos atadas. Se nos comportarmos racional e humanitariamente; se nos concentrarmos objetivamente nos problemas que afligem toda a humanidade, em vez de emocionalmente em assuntos do século XIX, como segurança nacional e orgulho regional; se reconhecermos que não é o nosso vizinho o nosso inimigo, mas sim a penúria, a ignorância e a fria indiferença da lei da selva – então poderemos solucionar todos os problemas que se defrontam. Podemos deliberadamente escolher não assistir a qualquer catástrofe. E, se fizermos isso durante o próximo século, poderemos nos espalhar pelo espaço e perder nossa vulnerabilidade. Não seremos mais dependentes de um planeta ou de uma estrela. E aí a humanidade, ou seus descendentes e aliados inteligentes, poderão sobreviver ao fim da Terra, ao fim do Sol e (quem sabe?) até ao fim do universo”*. É, ou não é, um texto inspirador? Infelizmente ainda não conseguimos nos concentrar nos problemas que afligem toda a humanidade, como fica claro ao ler qualquer jornal: guerras, fome e violência ainda são uma constante.

**O Início e o fim** (1977, Circulo do Livro) é um livro de pequenos ensaios, em que o “bom doutor” discute questões científicas do passado, presente e futuro, sendo que os ensaios já são agrupados de acordo com esta proposta. A introdução que apresenta a coletânea é em si uma leitura muito agradável, em que Asimov brinca com sua própria superprodução: *“no decorrer da minha vida de escritor,*

*redigi mais de oitocentos ensaios, não de ficção, sobre dúzias de assuntos diferentes”*, e justifica porque escreve tanto: *“sinto um prazer inocente em fazer isso...”*, *“sou pago para isto, e preciso ganhar a vida”* e *“não imponho isso a ninguém contra a sua vontade”*. A auto ironia de Asimov é parte fundamental, e inconfundível, de seu estilo ensaístico. Neste volume temos 21 ensaios.

Nos seis ensaios que formam a primeira parte do livro, *O Passado*, Asimov apresenta Cirano de Bergerac, o primeiro escritor de ficção científica; comenta casos de descobertas científicas antigas em que os contemporâneos perguntavam “para que serve?”, uma resposta possível anos depois; a democracia do saber; monstros, combustíveis fósseis e água (este último, escrito originalmente para uma revista sobre ‘piscinas’, tal era a capacidade de Asimov de escrever sobre qualquer coisa, para todo tipo de produção).

A segunda parte, *O Presente*, é composta de 10 ensaios, sobre diferentes temas. No interessante “Inteligente, mas não o suficiente” Asimov comenta



os limites da inteligência nos primatas; em “Receita para um oceano”; discute questões sobre energia em dois textos, a relação entre homem e computador em outro, e cinco textos sobre astronomia, inclusive aquele que dá título ao livro “O início e o fim”; um texto sobre a origem e o possível fim de nosso universo.

A terceira parte, O Futuro, é composta de cinco ensaios que discutem algumas ideias presentes e recorrentes na literatura de ficção científica. No primeiro texto, Asimov escreve sobre futuras mudanças no tempo (clima) devido à ação humana; um texto sobre gastronomia; outro sobre o futuro dos Estados Unidos em 2176; outro sobre colônias espaciais tipo O’Neill; terminando com uma conferência sobre a futura colonização do espaço.

Mesmo que alguns conceitos científicos discutidos por Asimov possam estar ultrapassados, no contexto geral este é um livro que ainda pode ser lido com muito proveito, muitas das ideias debatidas pelo ‘bom doutor’ ainda são muito atuais, e outras, como a colonização espacial, não deixa de ser uma lembrança nostálgica de um futuro que nunca ocorreu.



**O Colapso do Universo** (Círculo do Livro, 1977) é um texto sobre cosmologia. Nas palavras de Asimov, *“a partir de 1960 o universo passou a adquirir uma fisionomia inteiramente nova. Tornou-se mais excitante, mais misterioso, mais violento e mais extremo, pois o nosso conhecimento a seu respeito cresceu subitamente”*,

e é justamente a intenção do “bom doutor” tornar este novo universo compreensivo para todos.

Na primeira parte do livro, Asimov explica as partículas e forças que interagem no universo, contextualizando explicações com a história da própria descoberta destas pelo ser humano. Asimov, em

seus diversos textos de divulgação científica, tende a justamente apresentar a ciência como uma grande aventura do espírito humano. Esta forma de escrever vai de encontro com sua intenção de despertar o interesse dos jovens pela atividade científica.

Se na primeira parte do livro passamos a entender melhor as quatro forças fundamentais da natureza: nuclear (forte e fraca), eletromagnética e gravitacional, na segunda parte Asimov escreve sobre os planetas; na terceira parte, sobre matéria comprimida; na quarta parte sobre anãs brancas; na quinta parte sobre matéria em explosão; na sexta parte sobre estrelas de neutros, e finalmente na sétima parte sobre buracos negros.

O objetivo de Asimov no decorrer de todo o texto é fazer com que o leitor entenda o conceito de buraco negro, todo o texto na verdade está voltado para que se vá entendendo conceitos básicos de cosmologia e física até que se possa compreender tranquilamente a noção de buraco negro. Para Asimov *“dentre todos os fenômenos, o mais misterioso, o mais violento e o mais extremo é o que tem o nome mais simples, comum, tranquilo e sereno. Trata-se tão somente de um ‘buraco negro’”*. Temos um livro didaticamente pensado, que termina com uma explanação sobre buracos de minhoca, buracos brancos, quasares e o ovo cósmico em sua oitava parte.

Vale a pena citar o último parágrafo do livro para terminarmos este texto: *“através dos prodígios do pensamento e da razão, é possível que, de nossa posição num fragmento menor que um grão de pó, perdidos no recôndito de um desses universos, tenhamos traçado um quadro da existência e do comportamento de todos eles”*. Certamente Asimov contribuiu para que milhões de seres humanos pudessem entender este universo, e assim participarem desta aventura da razão humana!

\* Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto, filósofo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Foi resenhista das revistas Scarium Magazine e Macrocosmo.com. Pesquisador acadêmico com diversos textos publicados sobre literatura especulativa. Membro da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS e do Centro de Educação Transdisciplinar - CETRANS. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com

**TEXTOS  
SOBRE OBRAS  
DE  
OUTROS AUTORES**



# A Fire Upon the Deep (Vernor Vinge)

RESENHA

## A FIRE UPON THE DEEP (VERNOR VINGE)

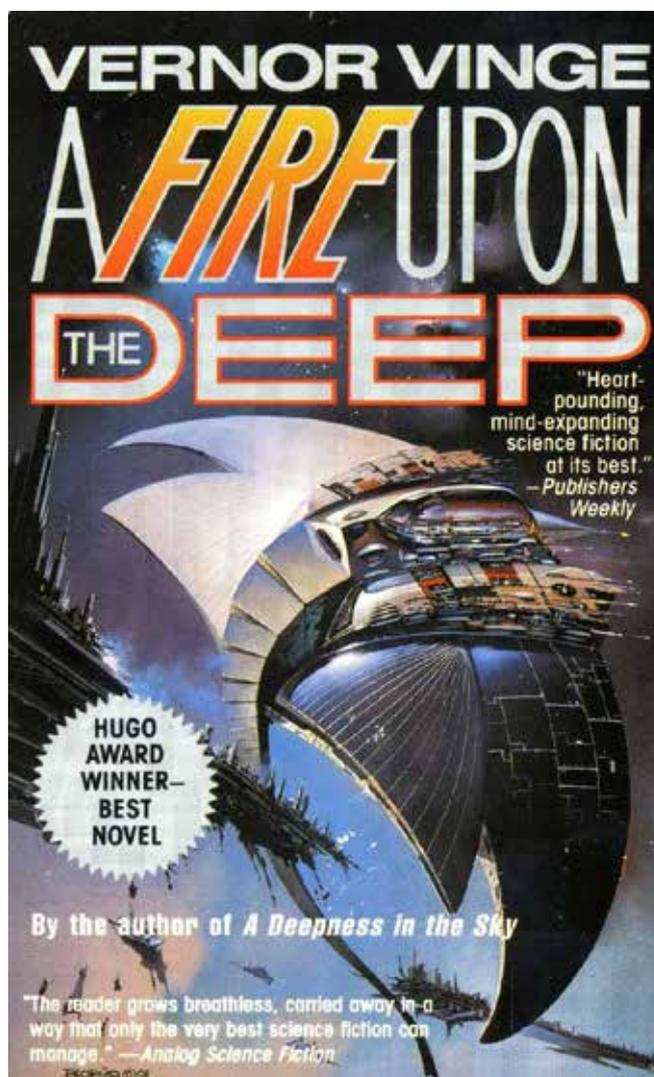
por Fred Oliveira

A boa ficção especulativa vai muito além de um conjunto de ideias ou conceitos científicos emaranhados em uma trama mais ou menos aprofundada. A ficção científica deve ter, como seu motor principal, a capacidade de criar mundos que intriguem e mexam com a imaginação do leitor, que passa a sentir que aquele cenário, embora fabricado, é algo vivo e coerente, dotado de regras próprias e inúmeras histórias a ser contadas. E é exatamente isso que o escritor estadunidense Vernor Vinge alcança na sua obra *A Fire Upon the Deep*, primeiro livro do universo *Zones of Thought*<sup>1</sup> – ou Zonas de Pensamento – criado pelo autor ainda no final dos anos 1980, quando publicou a história curta *The Blabber*, que serviria de base para o romance que seria lançado logo depois, em 1992.

*A Fire...* traz um conceito original sobre a galáxia e seu funcionamento, em que a Via Láctea está dividida em diferentes zonas, onde as leis da Física se comportam de formas distintas e tecnologias avançadas são mais ou menos possíveis. Assim, existe um núcleo central e inalcançável, denominado *Unthinking Depths* (Profundezas Impensáveis) e a partir dele, regiões concêntricas, contendo centenas de sistemas e milhares de civilizações diferentes.

A primeira delas é a *Slowness* (Lentidão) onde se encontra a Terra e a tecnologia não pode avançar o suficiente para permitir naves que ultrapassem a velocidade da luz ou máquinas que possuam uma capacidade de processamento tão grande que se tor-

<sup>1</sup> A obra jamais foi lançada no Brasil, portanto as traduções de termos aqui apresentadas são livres e de autoria do escritor deste artigo.



nam sencientes. Em seguida vem o *Beyond* (Além), uma zona onde diferentes raças florescem e colonizam planetas, através de naves capazes de vencer os anos-luz que separam as estrelas em semanas ou dias – ao invés de décadas ou séculos – e a antigravidade é possível. Quanto mais “acima” a civilização que cria ou manipula a tecnologia – o Além se subdivide em alto, médio e baixo – mais fantástica

ela se apresenta. Por outro lado, seu funcionamento torna-se cada vez mais difícil na medida em que seus usuários se movem em direção à Lentidão, em muitos casos cessando de funcionar totalmente. Parece complexo, mas não é assim tão complicado. Um celular de última geração não teria grande utilidade em um ambiente inadequado, como uma floresta, por exemplo, mas é capaz de operar pequenos milagres tecnológicos em uma cidade.

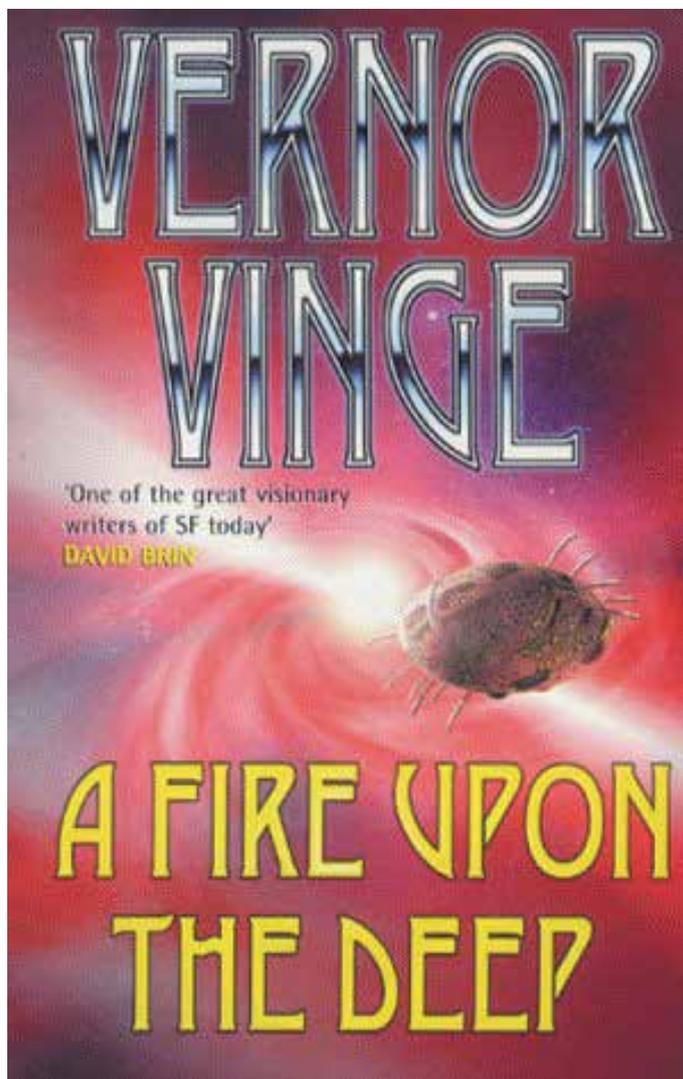
Depois do Além, vem o *Transcend* (Transcendência), uma zona tão avançada que seus habitantes são formados por civilizações que atingiram uma singularidade; um nível tecnológico tão adiantado que beiram a divindade, pouco se importando com os problemas e dramas das regiões mais baixas. E assim, civilizações são esquecidas, se erguem, caem ou saltam para um plano incompreensível de existência, com os seres humanos ocupando um lugar intermediário e de pouca importância na galáxia, até que um grupo de cientistas, pesquisando arquivos perdidos e tecnologias originadas na Transcendência, acidentalmente libera sobre o universo um mal antigo e há muito adormecido, capaz de engolfar sistemas inteiros em sua expansão viral. Quando uma única nave consegue escapar do massacre com uma possível arma contra essa *Blight* (Praga), inicia-se uma corrida contra o tempo para tentar salvar a galáxia.

Não bastassem todos esses conceitos diferentes,

Vinge ainda apresenta um grande número de raças interplanetárias distintas, entre elas os Tines, uma espécie canina que só consegue desenvolver sua inteligência em grupos de seis a oito membros, que agem conjuntamente como um único indivíduo. É em seu mundo, ainda preso a um nível social e tecnológico semelhante à Idade Média terráquea, que se extravia a única contramedida capaz de deter o avanço da Praga e, talvez, salvar o universo do total aniquilamento.

A *Fire...* possui um prelúdio e uma sequência, respectivamente *A Deepness in the Sky* e *The Children of the Sky*, expandindo ainda mais o universo criado por Vernor Vinge. Nenhuma dessas obras foi lançada no Brasil e não parece haver planos para fazê-lo em um futuro próximo. Portanto, os leitores tupiniquins que não forem fluentes em inglês vão precisar ter paciência ou se arriscar em alguma edição em espanhol, enquanto os selos nacionais seguem ignorando as fantásticas Zonas de Pensamento. Para os que não se incomodarem com as diferenças (às vezes engraçadas) de vocabulário e expressões, há um

lançamento em Portugal, tendo saído como “Fogo nas Profundezas do Espaço”, da Coleção FC da Europa-América, volumes 199 e 200. De qualquer forma, a obra de Vinge é leitura obrigatória para todo leitor de ficção científica, especialmente os amantes de sua vertente mais Hard, e merece ser descoberta pelo público brasileiro.



# Observatório da Literatura Especulativa Brasileira:

## Transhumanismo, Ficção Científica Poética e Livros de Bolso

Esta coluna era publicada na revista impressa Scarium Megazine. Como a Scarium infelizmente deixou de ser publicada desde o número 26, a partir deste número do Somnium passa a ser publicada neste fanzine virtual. O objetivo continua o mesmo: resenhar publicações diversas de literatura especulativa.



**BioCyberDrama Saga**, de Edgar Franco e Mozart Couto (Editora UFG, 2013), tem por tema a singularidade; um evento tecnológico que possibilitará o surgimento de inteligências artificiais e a possibilidade de que o homem seja capaz de tomar para si mesmo as rédeas de sua evolu-

ção, que chamamos de transhumanismo.

O arquiteto, mestre em multimeios e doutor em artes visuais Edgar Silveira Franco é um pensador multimídia e escritor de ficção científica, construiu sua obra dedicada a reflexões sobre pós-humanismo, biocibertecnologia e manipulação genética. Desenvolveu o universo ficcional *Aurora Biocibertecnológica*, que pretende discutir o pós-humanismo, genética, biotecnologia, transumanismo e inteligência artificial.

por Edgar Indalecio Smaniotto\*

A *Aurora* se passa em um futuro no qual a tecnologia humana possibilitou avanços fantásticos no campo da genética, robótica, inteligência artificial e outras ciências correlatas. Neste futuro hipertecnológico já é possível a transferência da consciência humana para chips de computador, gerando os chamados *Extropianos*; máquinas com consciência humana. Já a bioengenharia avançou ao ponto de permitir a hibridização genética entre humanos, animais e vegetais, dado origem aos intitulados *Tecnogenéticos*, seres híbridos. Ao lado destes transhumanos, ainda sobrevive uma pequena parcela da população humana normal, conhecida como os *Resistentes*. Existem também as Inteligências Artificiais (androides e redes computacionais), ou seja, os *Artlectos* (neologismo de artificial e intelecto).

*Biocyberdrama Saga* é uma história em quadinhos que se passa neste universo ficcional. O álbum traz uma apresentação do falecido professor Elydio dos Santos Neto; é uma longa apresentação, que contextualiza todo o universo ficcional de Edgar Franco e suas ideias sobre o momento tecnológico da humanidade e o transhumanismo. Este material compreende quase quatro dezenas de páginas, e talvez seja uma boa ideia o leitor ir direto à página cinquenta, ler as duzentas páginas de quadinhos, e depois voltar e ler a apresentação da obra; isso pode evitar estragar algumas surpresas.

A trama se desenvolve em torno de Antônio, nascido na cultura resistente, e que está indeciso se vai se tornar um tecnogenético; para isso ele vem estudando com Orlane (quimera de homem e canguru hermafrodita), que o leva para escutar um líder religioso tecnogenético sobre o misticismo totêmico. Já Tetsuo é um tecnogenético que deseja ser um extropiano. Edgar Franco explora muito bem os dilemas éticos e existenciais que se colocam frente a Antônio, que se encontra dividido entre três possibilidades distintas de ser humano: tecnogenético, extropiano ou resistente.

Neste universo há artistas que se dedicam a unir todas as culturas, bem como radicais que desejam impor seu modo de vida, principalmente algumas alas tecnogenéticas, extropianas e resistentes. Amores não correspondidos, centros cirúrgicos clandestinos, cultos e atentados criam a dinâmica da história, que termina com uma adaptação futurística de “Os Sertões” de Euclides da Cunha. Pense no nome do personagem principal: Antônio; e que ele vai se tornar conselheiro e guia dos resistentes.

O álbum traz algumas histórias em quadrinhos curtas extras: o anexo A é uma série de desenhos apresentando a complexa variedade de possibilidades tecnogenética e extropiana; o anexo B traz a história curta Hightech, que contextualiza as tradições xamanicas brasileiras dentro deste universo; o anexo C traz a HQ Igualdade, neste caso a igualdade religiosa alcançada pelos extropianos. Por fim, o anexo D – Biocyberprocesso – é o tradicional estudo de desenvolvimento artístico dos personagens, tão comum em álbuns de quadrinhos atualmente.

A arte de Mozart Couto, um dos grandes nomes das HQs brasileiras, é um diferencial e tanto neste álbum; personagens e cenários estão magistralmente representados. O universo ficcional de Edgar Franco é um dos mais originais dentro da ficção científica brasileira, e também um dos mais polêmicos, por tratar de questões éticas e existenciais pós-modernas sem nenhuma censura. Uma leitura instigante, da qual é impossível sair sem uma profunda reflexão sobre a condição humana, ou pós-humana.

Quando pensamos em ficção científica, além dos ícones básicos (alienígenas, naves espaciais, mutantes, guerras intergalácticas, exploração espacial,

robôs, e etc.), também pensamos, em termos literários, em prosa. Mas não é apenas em narrativas que se expressa à ficção científica, podemos encontrar boa ficção científica em linguagem poética (ou de quadrinhos, como vimos acima). Vale lembrar que um dos primeiros textos de ficção científica brasileiro foi justamente o livro de poemas “Eu, e outras poesias” (1912) de Augusto dos Anjos; mas, apesar de tão ilustre antecessor, pouco se fez no Brasil em matéria de poesia e ficção científica. Até agora apenas o decano da ficção científica nacional André Carneiro tinha se dedicado com maior constância a uma ficção científica poética.

O escritor e poeta rio-grandense José Ronaldo Viegas Alves tem se dedicado a expressar-se poeticamente, trabalhando com temas tradicionalmente ligados à ficção científica. Neste texto comentamos quatro obras de Viegas Alves, todas publicadas pela editora Opção 02, em livros artesanais. Como será difícil para o leitor encontrar estes livros em alguma livraria, segue o e-mail da editora: arthur.goju@bol.com.br. Tudo indica que estamos falando de um autor de larga experiência. Sua biografia, que consta nos livros, anuncia que já participou de pelo menos 50 antologias de contos, crônicas e poesias, e profissionalmente é bancário. Mas vamos aos livros:



*Ensaio sobre Viagens no Tempo* (2007) reúne 55 textos. Apesar da apresentação geral como poesia, pode-se dizer que muitos dos textos de Viegas Alves são na verdade aforismos, ou seja, sentenças concisas, expressando a visão do autor sobre algum assunto científico, e não tanto poesia, o que é válido para

toda a sua obra, e inclusive, por se tratar de poesia ligada à ficção científica, a forma que o autor utiliza é bastante tradicional, faltando maiores transgressões linguísticas, conceituais e de forma mesmo, a exemplo da poesia concreta. No caso deste primeiro livro, para além da estilística, o autor consegue que a cada novo poema o leitor se pegue divagando

sobre as possibilidades e impossibilidades de uma viagem no tempo. Se o objetivo é tirar o leitor de uma área cômoda de percepção sobre o tema, realmente os aforismos de Viegas Alves conseguem seu intento, em cada concisa sentença um emaranhado de especulações a ser digerida pelo leitor.

Em *O Livro da Recriação* (2008), temos cinco dezenas de textos que abordam os mais diversos assuntos ligados a nossas origens e a do próprio universo: criação, big bang, realidade virtual, golens, criacionismo, evolução e etc. Cada aforismo traz diferentes reflexões, flertando ora com o científico, ora com o místico. Pelo próprio título se percebe para qual lado o autor pende mais, afinal o primeiro poema se intitula Criação. Pode não agradar aqueles que não veem necessidade da mão de 'Um Grande Arquiteto' na origem de nosso universo.

Já em *As moradas da Utopia* (2009) há outras quatro dezenas de textos poéticos, agora sobre utopia e distopia, que inclusive são gêneros que perpassam, mas não estão contidos no universo da ficção especulativa. Neste livro temos alguns aforismos que são verdadeiros achados, como um onde o autor compara os modernos spams (esta praga da internet), com a utopia da telepatia, ou outro sobre o googlebooks, além de terminar o livro com alguns belíssimos Haikais.

*Novas Especulações sobre a CRIAÇÃO & OS GOLENS* (2010) retoma o tema da criação, agora a partir da lenda judaica do Golem. Com referências que vão da ficção científica, religião judaica, darwi-

nismo e especulação literária, o autor nos brinda com quarenta e seis belos poemas, alguns mais outros menos instigantes, mas no geral quem gosta de poesia não vai sair decepcionado.

No geral são quatro belos livros poéticos aforísticos, remetendo assim a uma forma pouco utilizada por escritores de ficção especulativa no Brasil,

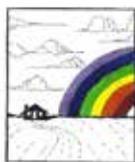
mas que, como mostra Viegas Alves, é uma possibilidade que casa muito bem com o conteúdo tradicional da literatura especulativa.

*FOME*, de Tibor Moricz (Tarja Editorial, 2008), é o relato de um mundo pós-apocalíptico, em diversos contos que vão se amarrando para formar uma única história: a este tipo de texto os especialistas denominam fix-up. No decorrer dos contos observamos o ser humano degradado, brutalizado, que não vive, apenas sobrevive, mesmo não tendo nenhuma razão para isto. Neste cenário terrível, onde tudo o que resta é um mundo destruído, sem alimentos (a não ser uns aos outros), os seres humanos ficam reduzidos a uma condição animal e não têm outro objetivo além de manter sua própria sobrevivência, mesmo não sabendo o por quê.

O livro aborda diversos tipos de personagens, cada um com uma caracterização própria: o caçador, o demente, o erudito, o renitente, o perseguido, o pregador e etc.; uma legião de diferentes personagens, mas todos completamente destruídos pela luta pela própria sobrevivência, em um mundo onde o que permanece é apenas um fio de esperança. Esperança esta usada pelos poucos humanos, com al-

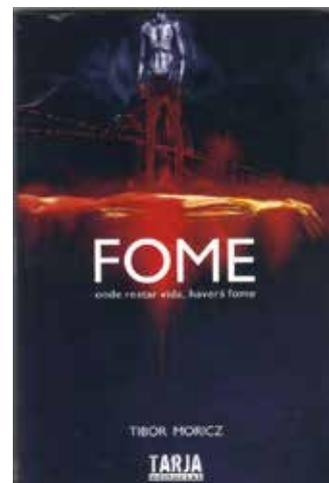


### AS MORADAS da UTOPIA

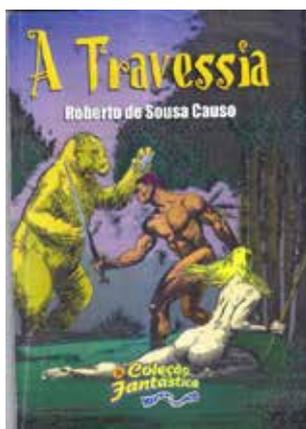


João Renato Viegas Alves

### NOVAS ESPECULAÇÕES SOBRE A CRIAÇÃO & OS GOLENS



gum grau de lucidez, para dominar seus semelhantes. Uma ótima história, que explora com maestria a brutalização à qual o homem pode ser reduzido quando tudo lhe é tirado, inclusive sua humanidade. É este mergulho na psique degradada de tipos diferentes de sub-humanos consumidos pela fome que tornou o livro de Moricz uma novidade bem vinda à ficção científica brasileira, que necessita de maiores ousadas narrativas. Tibor Moricz consegue inovar dentro de uma proposta ficcional já tida como esgotada: a ficção científica apocalíptica ou de fim de mundo.



*A Travessia*, de Roberto de Sousa Causo (Coleção Fantástica, Hiperespaço, 2009). Nesta continuação da saga do índio guerreiro Tajarê e da feiticeira nórdica Sjala (vista inicialmente no livro “A Sombra dos Homens”, que resenhamos para o periódico acadêmico *Brathair*), agora após a luta com as índias amazônicas Icamiabas, os dois personagens estão voltando a sua aldeia, quando se inicia uma nova aventura, que pode ser lida, sem prejuízos, caso o leitor não tenha lido o primeiro livro. No decorrer da história os personagens vão tomando contato com diversos elementos do folclore nacional, como os “Caaporas, o povo da Feitura Mágica” e Mapinguaris, as famosas preguiças gigantes, que, segundo alguns criptozoólogos, ainda rondam pela floresta amazônica. Também temos a presença de três Jabutis-Ilha, que são descritas como mundos em si, ou como entradas para outras dimensões, seres mágicos que sustentam universos. Tudo isto forma o mais original e interessante universo de fantasia brasileira, com todos os seus elementos míticos muito bem pesquisados e interligados, em uma ótima história com muita ação e romance. Infelizmente, o fato de sua segunda parte estar sendo publicada em uma edição amadora (o que não quer dizer descuidada), significa que a edição profissional anterior não teve a recepção esperada, o que é uma pena, pois a fantasia brasileira tem muito a aprender com o uso feito por Causo

dos elementos típicos de nossa cultura.



*O Que o Olho Vê*, de Carlos Orsi Martinho (Coleção Scarium Fantástica, 2009), narra a aventura de um estudante brasileiro numa realidade alternativa em que o mundo mulçumano nunca perdeu o ímpeto científico que possuiu durante quase todo o período que, em nossa visão eurocêntrica, chamamos de Idade Média. Por sua vez, as nações ocidentais, inclusive os Estados Unidos, nunca fizeram uma transição de uma cultura religiosa para uma cultura laica, como realmente ocorreu com o advento do capitalismo. Neste cenário, um estudante brasileiro, ironicamente, vai estudar a visão cosmológica atrasada ensinada nas universidades americanas, enquanto sonha com uma bolsa de estudos no Cairo. São hilários o programa de estudos e as propostas teóricas criadas por Orsi nesta cosmologia estudada nos agora *Estados Cristãos da América*. No decorrer da trama, o estudante brasileiro é pego no meio de uma rede de intrigas e espionagem científico-industrial entre os C.S.A. e a Comunidade Árabe Mulçumana, na qual é usado para resgatar e reprogramar a matriz de um vírus dentro do olho de um paciente hospitalizado, em uma aventura a la *Viagem Fantástica*, de Isaac Asimov. Orsi Martinho tem uma narrativa fluida, capaz de prender o leitor da primeira à última página. Trata de temas científicos e histórico-culturais com a mesma desenvoltura que manipula os subgêneros da história alternativa e ficção científica hard nesta excelente noveleta!

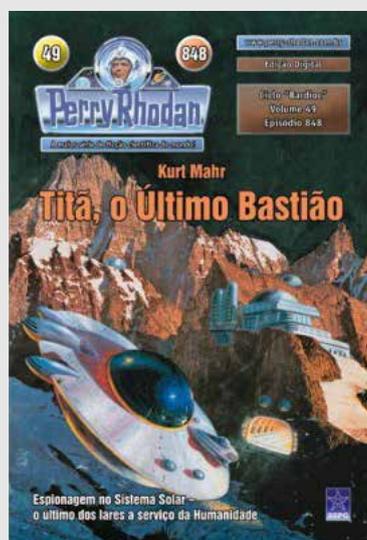
\***Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto**, filósofo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Foi resenhista das revistas *Scarium Magazine* e *Macrocosmo.com*. Pesquisador acadêmico com diversos textos publicados sobre literatura especulativa. Membro do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC; da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS e do Centro de Educação Transdisciplinar – CETRANS. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com

# Perry Rhodan

A maior série de ficção científica do mundo novamente no Brasil



Recentemente a editora SSPG (<http://www.perry-rhodan.com.br/>) voltou a publicar no Brasil as histórias futurísticas de space opera Perry Rhodan, que versam sobre o futuro da espécie humana por milhares de anos, em sua interação com civilizações intergalácticas e entidades cósmicas superpoderosas. Resenhamos aqui os três últimos volumes publicados, sendo os três primeiros da nova versão digital.



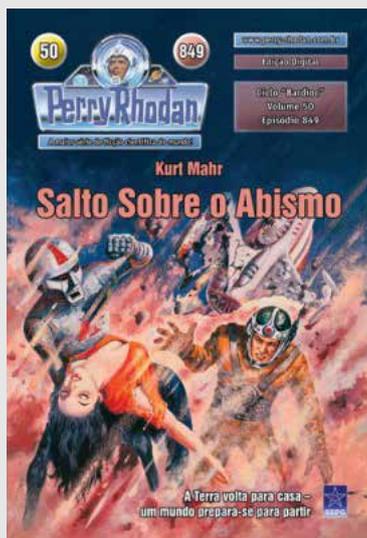
**Titã, o último bastião** (Perry Rhodan, Vol. 49, episódio 848 - SSPG: 2014): após mais de um século sob o domínio do Concílio, finalmente os povos da Via Láctea conseguiram expulsar os dominadores Lares, povo militar que havia invadido toda a galáxia. Apesar da expulsão dos Lares, seus

aliados durante a ocupação, os Superpesados ainda mantêm um poder considerável, que é paulatina-

por Edgar Indalecio Smaniotto\*

mente desmantelado pelos povos da Via Láctea. Sua maior fortaleza de ocupação se encontra no Sistema Solar – a fortaleza de Titã –, no satélite de Saturno de mesmo nome. Esta fortaleza conta com grande poder de fogo e a proteção de toda uma frota de naves, poder que os gaianos (os humanos que fugiram do Sistema Solar durante a ocupação Lare e o tele transporte da Terra para outra galáxia) ainda não podem enfrentar. Na trama de espionagem que se segue, os gaianos contam com a ajuda de Hotrenor – TaaK, ex-emissário dos Lares na Via Láctea, que, não conseguindo fugir junto com seu povo, aceita trair seus ex-aliados, os Superpesados, em favor dos gaianos. A trama é centrada nas desavenças entre facções de superpesados: Detrolanc, que chega à Fortaleza de Aço de Titã e derruba seu comandante até então (Mimikar); e Yargonz, que pretende recuperar a grandeza do império buscando a consciência aprisionada de um antigo líder superpesado. Em meio à disputa de poder entre os superpesados, Hotrenor – Taak é incumbido de sabotar suas defesas e permitir a ocupação humana. A história obedece às características clássicas de um bom romance de espionagem, apesar do cenário futurista. Vale a pena destacar uma fala de Hotrenor – Taak sob o porquê os Lares foram derrotados pelos humanos. A fala ocorre quando este é forçado a trabalhar em parceria com um robô humano: “- *Aos poucos, começo a entender por que é que os terranos nos derrotaram – disse ele – Entre eles, os robôs desenvolvem tanto*

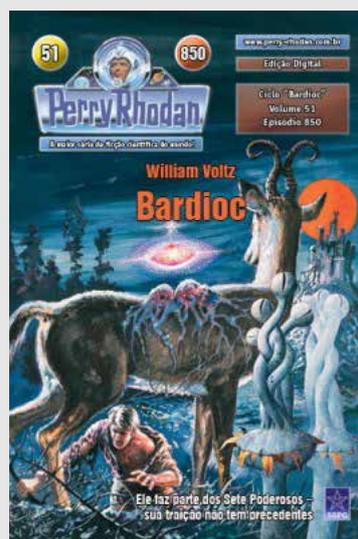
iniciativa quanto os oficiais entre nós” (p. 33).



**Salto sobre o abismo** (Perry Rhodan, Vol. 50, episódio 849 - SSPG: 2014): para o leitor que não está habituado com a escala cósmica em que se desenrolam as tramas dos livros de Perry Rhodan, alguns eventos parecem surreais. É o caso do evento mostrado nesta edição. No ciclo “O Concílio”, a Via-Láctea foi invadida por uma poderosa

associação de povos conquistadores, que já dominavam outras galáxias. No início Perry Rhodan faz jogo duplo. Não tendo como enfrentar a força invasora, superiora em tamanho e tecnologia militar, aceita ser um subordinado, ao mesmo tempo em que conspira para sua derrubada. Os eventos levam, entretanto, a uma crise. Para evitar a destruição da Terra, esta é transportada (o planeta todo mais a Lua) para outro local (devido a um erro, acaba em outra galáxia). O presente volume narra a volta da Terra para o Sistema Solar, mas agora ao invés desta ser feita a partir dos recursos tecnológicos da humanidade, como da primeira vez, o salto sobre o abismo é realizado através da intervenção quase mágica da superinteligência Aquilo. Em meio a este acontecimento extraordinário, a narrativa se concentra nas pessoas envolvidas, com dois focos simultâneos. Na Via Láctea, a desconfiança dos humanos que haviam permanecido nesta galáxia e fundado uma nova civilização (o NIE – Novo Império Einsteiniano, em Gaia) quanto a real possibilidade da volta da Terra ao Sistema Solar. Julian Tiffloor, administrador do NIE enfrenta grande oposição política ao seu Projeto Peregrinador, que pretende a volta da Terra ao Sistema Solar e sua recolonização pelos gaianos. Já na Terra, agora praticamente desabitada, os eventos cósmicos que produzem o buraco de minhoca que ela atravessará para voltar à Via Láctea geram terríveis efeitos climáticos no planeta. Em meio ao

caos reinante, Glaus Bosketch, que acredita na chegada do fim do mundo, rapta uma mulher e pretende viver seus últimos dias em meio à opulência e libertinagem, mas Walik Kauk sai em busca de sua esposa, gerando uma caçada implacável em meio a um planeta em crise. Exatamente por dar ênfase às narrativas de vida das pessoas comuns, em meio a eventos de grandes proporções cósmicas, é que os livros da série podem ser lidos tranquilamente como histórias independentes, mesmo que o leitor não tenha lido qualquer edição anterior.



**Bardioc** (Perry Rhodan, Vol. 51, episódio 850 - SSPG: 2014): nesta história William Voltz retrata o primeiro contato de Perry Rhodan com a superinteligência Bardioc, que é uma das três superinteligências conhecidas pelos humanos. As outras são Aquilo (que aparece desde o início da saga, sendo

o responsável pela imortalidade de Perry Rhodan e do núcleo central de personagens) e a Imperatriz de Therm, superinteligência que cobre todo um planeta com uma espécie de tela de cristal, e que faz uma aliança com Perry Rhodan na sua luta contra Bardioc. Estas superinteligências influenciam regiões distintas do universo e por vezes entram em conflito. Uma das encarnações de Bardioc, Bulloc (criatura superpoderosa criada pela superinteligência para se manifestar) captura Perry Rhodan e o leva para um contato com Bardioc. A trama do livro se concentra na batalha mental travada entre Perry Rhodan e Bulloc, com clara vantagem para Bulloc, que tem Perry Rhodan à sua mercê. Enquanto capturado, Rhodan escuta toda a história do desenvolvimento dos sete superpoderosos e, assim, toma contato com fatos cosmológicos surpreendentes de como a vida foi espalhada pelo universo, o que realmente era o Enxame (mini galáxia que ameaçou a

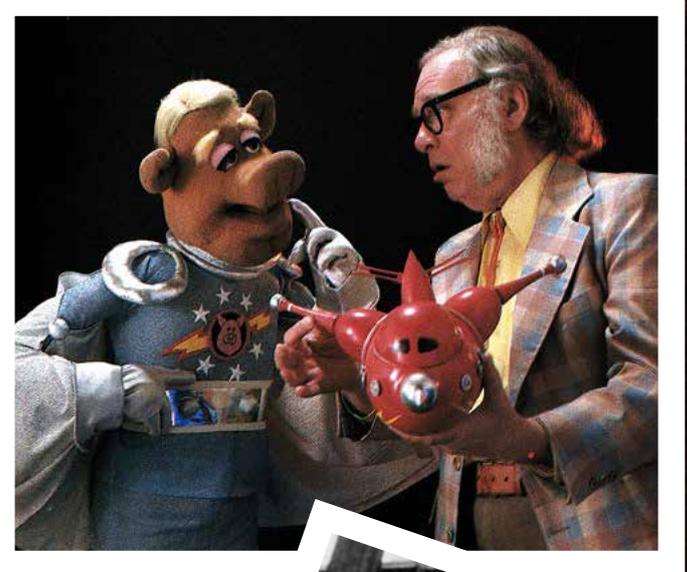
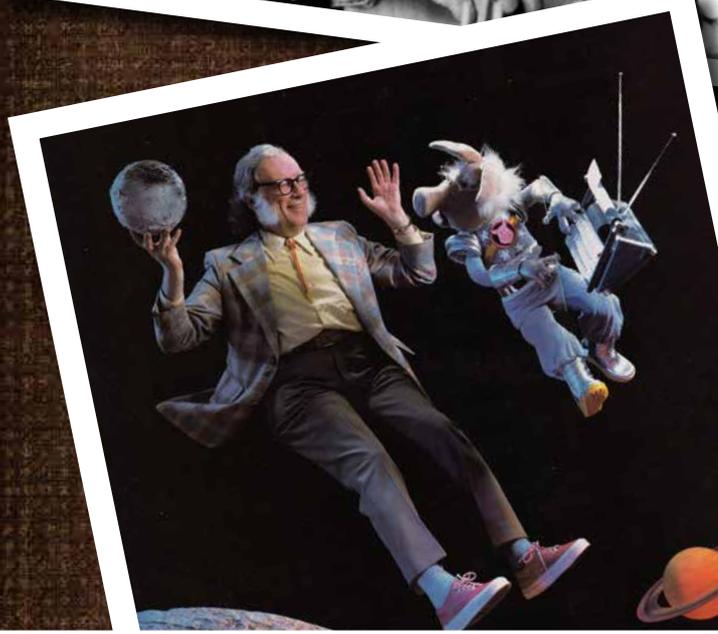
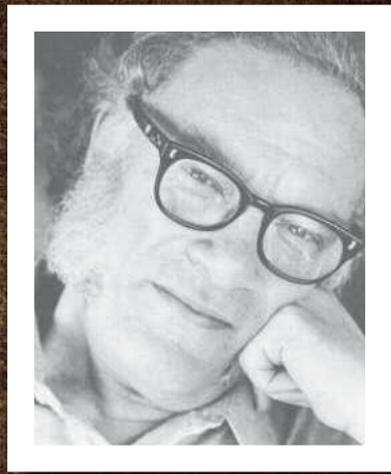
humanidade em um ciclo de histórias anteriores) e da disputa milenar entre as superinteligências cósmicas. Ao fim da história, ficamos na expectativa de saber o que aconteceu com Bardioc, que tudo indica teve seu corpo destruído e sua mente fundida a um planeta inteiro.

A partir deste volume, a série começa a publicar uma coluna fixa intitulada “Filosofia da Astronáutica e Ficção Científica”, de autoria deste autor, que pretende “tratar de temas ligados ao ramo da astronáutica e estudo da vida extraterrestre em contexto com situações e obras marcantes da ficção científica”. Nos volumes subsequentes, esta coluna se alter-

ará com outra, intitulada Biblioteca FC, também de nossa autoria.

\*Prof. Dr. Edgar Indalecio Smaniotto, filósofo, mestre e doutor em Ciências Sociais. Foi resenhista das revistas Scarium Magazine e Macrocosmo.com. Pesquisador acadêmico com diversos textos publicados sobre literatura especulativa. Membro do Clube de Leitores de Ficção Científica – CLFC; da Associação Brasileira de Antropologia – ABA; da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência – SBPC; da Associação de Pesquisadores em Arte Sequencial – ASPAS e do Centro de Educação Transdisciplinar - CETRANS. E-mail: edgarsmaniotto@gmail.com





**"A Few Years Ago,  
the Idea of a  
Computer You Could  
Put in Your Pocket  
Was Just  
Science Fiction."**

—Isaac Asimov  
Renowned Science and  
Science-Fiction Author

